



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – IFCHS**  
**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DEGEO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGEOG**

OMAR NETO PIO DE ALMEIDA

---

**ENTRE RIOS E FLORESTA: DO POVOADO  
TERRUÃ À CIDADE DE PAUINI/AM**

---

Manaus, AM  
2022

OMAR NETO PIO DE ALMEIDA

---

**ENTRE RIOS E FLORESTA: DO POVOADO TERRUÃ À CIDADE DE PAUINI/AM**

---

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tatiana Schor (PPGEOG-UFAM)

Prof. Dr. José Aldemir de Oliveira (in memória)

Manaus, AM  
2022

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A447e Almeida, Omar Neto Pio de  
Entre rios e floresta : do povoado de Terruã a cidade de Pauini-AM / Omar Neto Pio de Almeida . 2022  
159 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Tatiana Schor  
Orientador: José Aldemir de Oliveira  
Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Rede urbana. 2. Rio Purus. 3. Terruã. 4. Pauini. 5. Amazonas.  
I. Schor, Tatiana. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

OMAR NETO PIO DE ALMEIDA

ENTRE RIOS E FLORESTA: DO POVOADO TERRUÃ À CIDADE DE PAUINI/AM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em: 31/05/2022

BANCA EXAMINADORA



---

Profa. Dra. Tatiana Schor

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Orientadora



---

Prof. Dr. Estevan Bartoli

Membro externo

Universidade Estadual do Amazonas (CESP/UEA)



Paola Verri de Santana  
Professora - DGEO - UFAM

---

Profa. Dra. Paola Verri de Santana

Membro do PPGGEOG - UFAM

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

À minha Mãe, Marli Pio, e ao meu Pai, Edimar Ramos, lavradores do campo e da terra, que da agricultura, rios e floresta criaram nove filhos, exemplo de onde retirei força para não desistir.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e livramento.

Aos meus familiares, principalmente meus pais Marli Pio e Edmar Almeida, aos meus irmãos, Jerre Almeida, James Almeida, Jamile Almeida, Jamil Almeida, Rosa Almeida, Mateus Almeida, Misma Almeida e Jamina Almeida.

À minha orientadora Tatiana Schor pelos conhecimentos transmitidos, ao logo desta etapa oportuno para o momento que me servirá até os últimos dias de vida.

Agradeço em especial e em memória meu primeiro orientador que iniciou essa pesquisa Professor José Aldemir de Oliveira, que nos deixou durante a realização desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFAM, em especial, Paola Verri de Santana, Geraldo Alves de Souza, Amélia Regina Batista Nogueira, Manoel de Jesus Masulo da Cruz, Ivani Ferreira de Faria, João Candido André da Silva Neto, Natacha Cintia Regina Aleixo, Nelconei José de Souza Araújo e José Aldemir de Oliveira, por compartilharem dos seus conhecimentos de forma altruísta e instigante.

Não poderia deixar de agradecer aos professores da Universidade do Estado do Amazonas, no qual obtive o primeiro contato com esta ciência tão apaixonante e reveladora das mazelas da sociedade, em especial ao professor Jubrael Mesquita da Silva, Eubia Andrea Rodrigues, Leonardo de Oliveira Mendes, Maria Eliane Feitosa de Lima, Viviane Pimentel Moscardini Sussumo, João Candido André da Silva Neto, Natacha Cintia Regina Aleixo.

Agradeço ao Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia (NEPECAB), aos professores, alunos, em especial os que compartilharam comigo o convívio diário: Nágila Situba, Crizan Graça, Fernando Monteiro.

À CAPES, instituição de fomento à pesquisa, que nesses 24 meses, prorrogável por mais 06 meses, auxiliou financeiramente a pesquisa em um ano tão difícil para a ciência.

Aos amigos de graduação, com os quais tive os primeiros momentos com esta ciência fascinante, Abraão Zuza, Rosilene Batista, Silvanete Pinheiro, Rodia Amacio, Elialdo de Paula e Jamina Almeida.

Agradeço a Gercicley Santos, pelo carinho e acolhimento, estando sempre disposta a ajudar na secretaria do NEPECAB. À Dona Graça, pela atenção e disponibilidade na secretaria do Mestrado.

Aos meus amigos de infância e da minha cidade Marcelo Rodrigues da Costa, Paulo Junior de Souza Nogueira, Jota Freitas de Souza,

E aos meus amigos Francisco Santos, Ney Nunes, Alexandre Mamed e Sérgio Soares, meus cunhados Valquimar Ribeiro e Sérgio Reis.

À minha namorada, Tailane Santana, pela compreensão e companheirismo nos momentos em que mais precisava me dedicar à pesquisa.

Aos moradores desta cidade que contribuíram direto e indiretamente com este trabalho, com dados documentos e informações.

Às instituições e gestores públicos, bem como: Secretaria Municipal de Educação, Secretaria Municipal de Saúde, Secretaria Municipal de Assistência Social, Secretaria de Produção e abastecimento, Prefeitura Municipal de Pauini, por informações prestadas.

À paróquia de Santo Agostinho e à Igreja Evangélica Assembleia de Deus/Pauini e seus líderes religiosos.

“A água que não corre forma um pântano; a mente que não pensa forma um tolo” (VICTOR HUGO).

“É preciso explicar, por que o mundo de hoje, que é horrível é apenas um momento do longo desenvolvimento histórico e que a esperança sempre foi uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições e eu ainda sinto a esperança como minha concepção de futuro” (JEAN PAUL SARTRE).

## RESUMO

Este estudo visa compreender a cidade de Pauini na rede urbana da calha do rio Purus. Sua formação espacial e localização são objetos desta pesquisa. Pauini está localizado na calha do rio Purus, ao sudoeste do Amazonas. Partiremos das mudanças e permanência, desde o ano de 1949 a 2020, analisando os serviços ofertados nesta municipalidade, oriundos do avanço das técnicas que aparecem na cidade com as mudanças, sobre um período de migração para os altos rios da Amazônia e a ocupação dos lugares até a formação de cidade. Esses fatores remontam a um ciclo de evangelizações jesuíticas e nos altos rios Madeira, Juruá e Purus, interligados à produção de borracha na Amazônia. Esse processo influencia na densidade demográfica da cidade, quando os trabalhadores migram dos seringais para Pauini no fim do ano de 1960 pela baixa procura da borracha, com crescente movimento migratório em direção à cidade devido ao aumento da oferta dos serviços básicos (escola, saúde e infraestrutura) a partir da década de 1970. As mudanças não são necessariamente uma ruptura, envolvem diferentes sujeitos, moldando e sendo moldadas no espaço geográfico. A relação particularizada entre homem e natureza, intensificada na região pela relação direta com rios e floresta, faz da pequena cidade Amazônica singular. O crescimento demográfico parece apresentar sinais do que se denomina desenvolvimento ou progresso na cidade a partir da importância que ela irá desempenhar na rede urbana da região. A partir de revisão literária sobre o espaço urbano, foram realizadas pesquisas de campo em dois momentos. Durante a primeira onda da pandemia, entre os meses de janeiro a março de 2020 a setembro e novembro de 2021, seguindo todos os protocolos de segurança e saúde contra o vírus (COVID19), com aplicação de 250 questionários divididos entre moradores, (novos e antigos), instituições governamental e municipal na cidade de Pauini e Manaus. Sobre os indicadores qualitativo e quantitativo, pode-se denotar o aparecimento de serviços como o bancário, internet e telefonia móvel, os quais podem ser considerados “tardios” numa lógica de uma escala nacional. Entretanto, esse é o tempo específico de Pauini, o tempo da sua construção social oriundo da produção espacial dos agentes. E esse tempo influencia diretamente nas mudanças ocorridas no espaço urbano. É um tempo lento, não necessariamente é atrasado, mas que obedece a uma lógica de reprodução própria, a lógica dos agentes de Pauini, envolvidos na dinâmica da cidade pela importância na rede urbana do Rio Purus.

**Palavras-chave:** Rede Urbana. Rio Purus. Terruã. Pauini. Amazonas.

## ABSTRACT

This study seeks to understand the city of Pauini in the urban net of the gutter of the river Purus. Her space formation and location are objects of this research. Pauini is located in the gutter of the river Purus, to the Southwest of Amazon. We will leave of the changes and permanence, since the year from 1949 to 2020, analyzing the services presented in this municipality, originating from of the progress of the techniques that they appear in the city with the changes, on a migration period for the high rivers of the Amazonian and the occupation of the places to the city formation. Those factors raise it a cycle of Jesuit evangelizations and in the high rivers Madeira, Juruá and Purus, interlinked to the eraser production in the Amazonian. That process influences in the demographic density of the city, when the workers migrate of the rubber plantations for Pauini at the end of the year of 1960 for the drop search of the eraser, with crescent migratory movement towards the city due to the increase of the offer of the basic services (school, health and infrastructure) starting from the decade of 1970. The changes are not necessarily a rupture, they involve different subjects, molding and being moulded in the geographical space. The relationship particularized between man and nature, intensified in the area by the direct relationship with rivers and forest, she does of the small singular Amazonian city. The demographic growth seems to present signs of what is called development or progress in the city starting from the importance that she will carry out in the urban net of the area. Starting from literary revision on the urban space, field researches were accomplished in two moments. During the first wave of the pandemic, among the months of January to march of 2020 to september and november of 2021, following all of safety's protocols and health against the virus (COVID19), with application of 250 questionnaires divided among residents, (new and old), government and municipal institutions in the city of Pauini and Manaus. On the qualitative and quantitative indicators, the emergence of services can be denoted as the bank employee, internet and movable telephony, which can be considered "late" in a logic of a national scale. However, that is the specific time of Pauini, the time of her social construction originating from of the agents' space production. And that time influences directly in the changes happened in the urban space. It's a slow time, it is not necessarily late, but that obeys it a logic of own reproduction, the agents' of Pauini logic, involved in the dynamics of the city by the importance in Rio Purus's urban net.

Key-Words: Urban Net. Rio Purus. Terruã. Pauini. Amazonas.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Mapa de localização da cidade de Pauini .....	18
<b>Figura 2:</b> Terras indígenas em Pauini .....	22
<b>Figura 3:</b> Porto da cidade de Pauini.....	23
<b>Figura 4:</b> (A) Ladeira e Escada que liga (B)Cidade Baixa à Cidade Alta .....	24
<b>Figura 5:</b> (A) Esc. Estadual Frei Mario Sabino (B) Escola Estadual Alberto de Aguiar .....	26
<b>Figura 6:</b> (A) Esc. Municipal Dona Ivani. (B) Esc. Municipal Dona Isabel .....	27
<b>Figura 7:</b> Creche Lar de Jesus .....	28
<b>Figura 8:</b> Universidade Cruzeiro do Sul.....	30
<b>Figura 9:</b> Hospital Regional de Pauini.....	34
<b>Figura 10:</b> (A) UBS Mario Said. (B) UBS Dona Tatá .....	35
<b>Figura 11:</b> (A) MedFarma. (B) Drogaria Oliveira.....	36
<b>Figura 12:</b> (A) Comercial Lopes. (B) Comercial Bruno .....	38
<b>Figura 13:</b> Autoposto Mamoriá .....	40
<b>Figura 14:</b> Imagens de drone (A) Praça Bibiano Osorio. (B) Praça de Santo Agostinho .....	41
<b>Figura 15:</b> Campo Edgar Coutinho e quadra poliesportiva Joaquim Balbino.....	42
<b>Figura 16:</b> (A) Paróquia de Santo Agostinho. (B) Templo Assembleia de Deus (IEDAM) ...	43
<b>Figura 17:</b> Banco Bradesco e loterias Caixa.....	45
<b>Figura 18:</b> (A) Açougue Mamoré. (B) Açougue J.K.....	46
<b>Figura 19:</b> (A) Feira Municipal. (B) Mercado Municipal .....	47
<b>Figura 20:</b> (A) Hotel Coqueiros. (B) Hotel Idalina .....	48
<b>Figura 21:</b> Borracharia Fosbow. (A) Borracharia Felix .....	49
<b>Figura 22:</b> Concessionária de Internet VerdeNet .....	50
<b>Figura 23:</b> (A) Area do trapiche inundada. (B) Trapiche durante a seca .....	51
<b>Figura 24:</b> Pista de decolagem de avião de Pauini (foto aérea) .....	57
<b>Figura 25:</b> Estacionamento de avião na pista de Pauini .....	58
<b>Figura 26:</b> Visão aérea da cidade de Pauini.....	61
<b>Figura 27:</b> Barcos ancorados do porto de Pauini na cheia do rio .....	62
<b>Figura 28:</b> Percurso entre a cidade de Pauini e Manaus por rio .....	65
<b>Figura 29:</b> Carroça do Motoboy .....	69
<b>Figura 30:</b> Modelo de encaminhamento médico .....	74
<b>Figura 31:</b> Região de confluência de Porto Velho.....	77
<b>Figura 32:</b> Confluência entre os rios Purus e Pauini .....	107
<b>Figura 33:</b> Livro de batismo de Terruã.....	118
<b>Figura 34:</b> Livro de Tombo de Terruã.....	119
<b>Figura 35:</b> Publicação no diário oficial do estado do ato de criação do município de Pauini .....	122
<b>Figura 36:</b> Ata de instalação do Município de Pauini .....	127

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Localização, modalidades de ensino, servidores e alunos.....	29
<b>Tabela 2:</b> Indicadores escolares das escolas municipais.....	31
<b>Tabela 3:</b> Principais lojas de diferentes gêneros na cidade de Pauini.....	39
<b>Tabela 4:</b> Barcos que fazem transporte para Pauini.....	63
<b>Tabela 5:</b> Modais de transporte da cidade de Pauini .....	70
<b>Tabela 6:</b> Seringais no Rio Pauini .....	109
<b>Tabela 7:</b> Seringais no Rio Moaco .....	111
<b>Tabela 8:</b> Crescimento populacional de Pauini .....	131

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS**

- CEAM** – Companhia Energética do Estado do Amazonas
- CEP** – Código de Endereçamento Postal
- CETAM** – Centro de Educação Tecnológica
- CAPES** – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- FPM** – Fundo de Participação dos Municípios
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICMS** – Imposto sobre a circulação de mercadorias
- IDH** – Índice de Desenvolvimento Humano
- IDHM** – Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
- IFAM** – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
- NEPECAB** – Núcleo de Estudos da Cidade da Amazônia Brasileira
- PIB** – Produto Interno Bruto
- PIN** – Plano de Integração nacional
- PMP** – Prefeitura Municipal de Pauini
- REGIC** – Região de Influência das Cidades
- SESC** – Serviço Social do Comércio
- SUFRAMA** – Superintendência da Zona Franca de Manaus
- UEA** – Universidade do Estado do Amazonas
- UFAM** – Universidade Federal do Amazonas
- USP** – Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1. PAUINI: CIDADE DA FLORESTA E DOS RIOS</b> .....	<b>17</b>
1.1. CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL URBANO DE PAUINI-AM.....	18
1.2. EDUCAÇÃO COMO ALTERNATIVA DE VIDA.....	25
1.3. A SAÚDE E O DILEMA DE UM POVO .....	32
1.4. COMÉRCIO E A REDE URBANA.....	36
1.5. A PRAÇA E O ESPAÇO DO COTIDIANO .....	40
1.6. MORADIA E PROBLEMAS AMBIENTAIS .....	50
1.8. CIDADE RIOS REDES: ANÁLISE DA REDE E MOVIMENTAÇÃO NO ESPAÇO .....	71
<b>2. O HOMEM, O RIO E A CIDADE</b> .....	<b>79</b>
2.1. OS PRIMEIROS EXPLORADORES NO MÉDIO RIO PURUS .....	80
2.2. CUXIUARA: O PURUS PRIMITIVOS DOS INDÍGENAS .....	87
2.3. COMO A CIDADE É DISCUTIDA NA GEOGRAFIA?.....	91
<b>3. DE TERRUÃ A CIDADE DE PAUINI/AM</b> .....	<b>102</b>
3.1. RIO PAUINI SOB A ÓTICA GEOGRÁFICA: NO PERÍODO DA EXPLORAÇÃO DA BORRACHA ....	103
3.2. TERRUÃ DE 1949 A 1955: A CONTRIBUIÇÃO JESUÍTA NA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PAUINI .....	112
3.3. DO POVOADO TERRUÃ À CIDADE PAUINI .....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>135</b>
<b>ANEXO 1 – RELAÇÃO DE PREFEITOS INDICADOS E ELEITOS DO MUNICÍPIO DE PAUINI</b> .....	<b>140</b>
<b>ANEXO 2 – ACERVO DE FOTOGRAFIAS SOBRE O MUNICÍPIO DE PAUINI</b> .....	<b>142</b>
<b>APÊNDICE 1: QUESTIONÁRIO APLICADOS NO TRABALHO DE CAMPO</b> .....	<b>149</b>
<b>APÊNDICE 2: REPRESENTANTE DO GOVERNO MUNICIPAL</b> .....	<b>150</b>
<b>APÊNDICE 3: PROPRIETÁRIO DE BARCO</b> .....	<b>152</b>
<b>APÊNDICE 4: PREÇO DA CESTA BÁSICA</b> .....	<b>153</b>
<b>APÊNDICE 5: FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS PARA MOTOTAXISTAS</b> .....	<b>154</b>
<b>APÊNDICE 6: ESCOLAS NAS COMUNIDADES RURAIS</b> .....	<b>155</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa parte do princípio das análises ainda desconhecidas sobre as pequenas cidades ribeirinhas da Amazônia brasileira e a funcionalidade na calha do rio a qual está situada, partindo de um resgate histórico, buscou-se destacar a operacionalidade que elas desempenham na rede urbana, bem como qual grau de relevância a cidade exerce nas zonas de proximidade e também com as cidades adjacentes.

As cidades ribeirinhas desempenham, a partir de uma operacionalidade, uma relação de troca com centros urbanos próximos, formando, assim, uma teia de prestação de serviços, diante do papel de influência da rede ou da prática cotidiana desenvolvida nas cidades, desde relações mais simples às mais complexas (CORRÊA, 1980), socialmente construídas na cidade, obedecendo a critérios múltiplos de relacionamento.

Abrolha por uma racionalidade operacional ligada ao surgimento de outras cidades e que são semelhantes nas cidades ribeirinhas, esses são elementos que esta pesquisa visa compreender de forma perceptível, mediante a formação espacial, sobre as lentes de geografia. A estrutura organizacional sobre a racionalidade que pensou a possibilidade de criação nas cidades em outras escalas nacionais, mas que não se difere da razão pela qual se fez a criação de várias cidades ribeirinhas.

A implantação da racionalidade urbano é externa e distante do princípio de criação das cidades ribeirinhas que surgem a partir da expansão econômica da borracha e missões evangélicas, como parte da especulação que criou cidades na Amazônia Brasileira. As cidades dos altos rios da Amazônia remontam ao período de exploração econômica dos recursos naturais e evangelizações jesuíticas nos diversos rios (TORRES 2007), com características próprias.

Todavia estas cidades foram erguidas por uma racionalidade alheia aos princípios de identidade originária que se modificaram a partir das novas relações de existência dos lugares, mas que se fizeram cidades e ocuparam um lugar na rede urbana na calha do rio que a cidade se produziu e reproduz.

A racionalidade lançada na Amazônia sobre a urbanização, para Santos (2009), ultrapassa o nível regional. Segundo esse autor, “para situar-se na escala do país, isso a partir da urbanização cada vez mais envolvente e mais presente no território dá-se a partir do crescimento demográfico” (p. 30), incluso o cenário de formação amazônica.

O espaço produzido no interior do Amazonas é influenciado pela expansão do capital que ocorre num contexto mais abrangente, enquanto os homens, serem sociais projetou em si,

a consciência, para além da produção natural de subsistência, mas, a do lucro do excedente. Nada existe sem que o homem tenha produzido, nem mesmo a natureza, como se apresenta hoje, foi modificada, fazendo parte de uma segunda natureza, como produto social de múltiplos aspectos e nitidamente significante, percebido e vivido, estabelecido a partir do espaço (OLIVEIRA, 2000).

Desta forma, os diferentes tipos de cidades são particularizados através de configurações espaciais no processo singular por meio da floresta e dos recursos materiais e simbólicos que adquirem significados importantes diferenciados. E por esta proposta argumentativa, destaca-se, inicialmente, a relação da cidade com a região, considerando fixos e fluxos (SANTOS, 2009) que configuram o espaço regional para, finalmente, pensar as tipologias das pequenas cidades ribeirinhas, relacionadas aos rios e à floresta (TRINDADE JR, 2013).

Esta contextualização de tipologias para as pequenas cidades foram sendo pensadas e formuladas, obedecendo a critérios de oportunidade, como, por exemplo, “Cidade na Selva” do Professor José Aldemir de Oliveira, “Cidade na Floresta” por Edna Castro, e uma clara diversificação por entre “Cidade na Floresta” e “Cidade da Floresta” por Trindade Jr. e outras tipologias baseadas nas propostas, socialmente construída tomada como base para o plano econômico oriundo das relações sociais, historicamente, perceptíveis na paisagem urbana da cidade.

Portanto, busca-se, com esta pesquisa, para além da compreensão de tipologia da cidade, é pensar sobre a importância que esta cidade desempenha em áreas circunscritas do circuito de estrutura econômica imbricado na rede urbana, corroborando na zona de proximidade com serviços e/ou ciclo comercial.

A objetividade desta pesquisa dá-se pela difusão urbana às margens dos rios, no interior da floresta, e nos arranjos do território posto a ajudar e a interpretar a dinâmica da natureza presente na cidade e, por outro lado, diretamente, atrelada a espaços externos de comandos. A Amazônia sugere respostas, enquanto região, no plano do território, às necessidades do novo arranjo espacial no âmbito global e aos novos esquemas de relações nos quais se encontram circunscritas as demandas por seus recursos (TRINDADE JR. 2013).

Por outro lado, as “solidariedades organizacionais” de hoje tendem a substituir as “solidariedades orgânicas” outrora (SANTOS, 1994; 1996). É essa lógica territorial que combina horizontalidades e verticalidades, continuidades e descontinuidades, regulações e hierarquias, complementaridades e dominações, comandos e obediências, implicando em

consequência aos novos papéis para os núcleos urbanos situados na diversidade territorial da Amazônia (SANTOS, 1994; 1996).

A cidade é pensada a partir de três níveis que, historicamente, estão presentes em sua estruturação: o plano político, o social e o econômico. Esses planos se misturam formando estruturas de regulamentação e domínio dos órgãos sobre o contexto dos arranjos espaciais (CARLOS, 2007). Eles ainda, separadamente, expressam a ideia da regulamentação e, juntos, envolvem os entornos das cidades a partir das práxis (CARLOS, 2007).

No mundo globalizado de aceleração e constante transformação dos contínuos fluxos da comunicação, e que por uma percepção diminui a distância da informação constituindo uma utopia entre distância da informação e distância dos lugares, sobretudo, pela rápida evolução dos circuitos na Amazônia, seja eles informacionais ou modais de transporte seletivo sobre a condição socioeconômica.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender o papel que a cidade de Pauini desempenha na rede urbana que se estabelece na calha do médio Rio Purus, no Amazonas, a partir de circuito mercantilista, historicamente, construído, sobre estrutura socioeconômica, por diferentes atores sociais que moldam a formação territorial da cidade de Pauini imbricada na relação desempenhada na rede urbana.

Os procedimentos metodológicos consistiram em levantamento e leitura de material bibliográfico relacionado ao contexto urbano na Amazônia e função das cidades na rede urbana. Concomitantemente a isso, foi realizado levantamento no banco de teses e dissertações da Universidade Federal do Amazonas (TEDE – UFAM) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), bem como estudos do Núcleo de Estudo das Cidades da Amazônia brasileira (NEPECAB – UFAM) para identificação de estudos realizados nesta temática no estado do Amazonas, abordando diferentes problemáticas ligadas aos estudos das cidades.

Construindo uma base teórica com objetivo de compreender mudanças ocorridas em Pauini desde a sua fundação até os dias atuais, foi realizado trabalho de campo na referida cidade, onde foram aplicados 150 questionários com questões abertas e fechadas. Os questionários foram aplicados com diferentes agentes: 30 comerciantes, 50 moradores (30 moradores antigos e 20 atuais), 20 transportes terrestres na cidade (mototáxi e faz frete), 20 representantes de instituições do governo, 20 agricultores, e 10 proprietários de meios de transporte fluvial, buscando caracterizar o perfil urbano da cidade e a funcionalidade na rede urbana.

Os dados coletados foram sistematizados em tabelas e mapas. Criou-se um banco de registros fotográficos, identificando diferentes espaços de uso na cidade. Utilizou-se de imagens de satélite do Google Earth para evidenciar o crescimento da área urbana de Pauini. Também foi realizado o levantamento de dados na plataforma digital de instituições como IBGE, REGIC, SEBRAE, SEFAZ, SEDUC, SEMSA, DETRAN, Marinha do Brasil, Diário Oficial do Municípios da Amazonas, Portal da Transparência e outras, a fim de obter informações sobre a evolução populacional na cidade.

Dentro da cidade de Pauini, pesquisas de campos foram realizadas em diversos setores da cidade, bem como em instituições governamentais, como instituições religiosas, uma vez que a formação da cidade é remetida ao movimento católico. Aqui, destacamos o acervo da paróquia de Santo Agostinho como principal arquivo histórico sobre a origem e criação do município.

As pesquisas *in loco* foram realizadas durante os meses de janeiro a março de 2020, posteriormente a isso, veio a pandemia do novo coronavírus, a COVID-19, o que impossibilitou o caminhar dela. A pesquisa em campo presencial, somente pôde ser retomada em setembro de 2021 a fevereiro de 2022 do mesmo ano com todas as medidas de segurança contra o vírus, vale ressaltar que foi um curto período de visitas.

Todavia, essas bases de dados levantadas nesse período foram, sumariamente, importantes no apontamento de algumas hipóteses acerca da problemática da pesquisa, buscando desencadear uma solução a um resultado exequível, tal como o objetivo que a proposta elucidava desnudar. Essa etapa desafiadora do pensamento reflexivo geográfico, sob uma clara racionalidade, está baseada nos trabalhos geográficos já realizados em inúmeras universidades até uma compreensão da expansão na rede urbana, produtos na racionalidade histórica.

O primeiro capítulo, aponto questões mais atuais do município de Pauini, realizou-se um levantamento do perfil urbano da cidade e as respectivas mudanças espaciais oriundas da produção urbana municipal e a influência da urbanização na vida dos moradores local, particularizado pela intensa relação do homem com a natureza, de forma que é difícil pensar o homem amazônico separado dos rios e floresta, isto é, da natureza.

A elevação urbana dos serviços ofertados modificou e deu dinamicidade ao centro urbano. Em pensa qual importância da cidade na rede urbana do rio a qual pertence, e propicia uma teia de serviços que formam nódulos, dando efetiva funcionalidade e classificação à tipologias das cidades.

As bases do segundo capítulo solidificam uma proposta de compreensão histórica sobre a formação territorial da cidade de Pauini, fundamentada nos textos antigos encontrados no acervo da Igreja Católica e instituições do Governo, esse fato deixa claro que poucas instituições se preocupavam em arquivar documentos históricos. Com ajuda de entrevistas de antigos moradores, a pesquisa reconstitui acontecimentos históricos sobre a cidade.

Sobre os agentes produtores do espaço que moldaram a história de Pauini, desde as primitivas ocupações até a chegada dos sujeitos não indígenas na região, que constituem outra prática da natureza diferente dos originários da terra. Esta pesquisa incidiu traços históricos de ocupação à formação de grandes seringais, dos coronéis e seus barracões, sobre confusa relação de trabalho da fase áurea até a derrocada e herança que existe até hoje.

O terceiro capítulo desencadeia um contexto da formação territorial do município de Pauini desde as primeiras missões jesuítas aos grandes movimentos migratórios, sendo estes vinculados a interesse econômico do capital mercantilista a partir da exploração de recursos da natureza, formando, assim, os primeiros assentamentos humanos não indígenas na região.

Esse fato deu início aos primeiros aglomerados e ciclo de urbanização dos lugares, oriundos de modificação especial, os arranjos espaciais projetaram, no território, estrutura de organização que formaram vilas, distritos e cidades, todos estritamente ligados à relação de trabalho, ocasionando mudanças na cidade.

As cidades atuais na Amazônia brasileira caracterizam-se por uma específica produção espacial, constituindo uma totalidade social engendrada no espaço e no tempo, o que particulariza o uso fragmentado do espaço, instituindo uma contradição, pois “são articuladas as relações pretéritas caracterizadas pela inércia e, ao mesmo tempo, articuladas a dinamicidades contemporâneas que as ligam ao mundo [...]” (OLIVEIRA, 2004. p. 7).

A partir disso, compreender o papel que a cidade de Pauini desempenha na rede urbana que se estabelece na calha do rio Purus no Amazonas, sobre uma perspectiva histórica, apresentando-se como importante para a referida cidade por se tratar de uma pesquisa pioneira que relata a gênese da cidade de Pauini, por meio dos condicionantes espaço e tempo, considerando a região, no que tange aos aspectos da urbanização, precisa de futuros estudos mais detalhados.

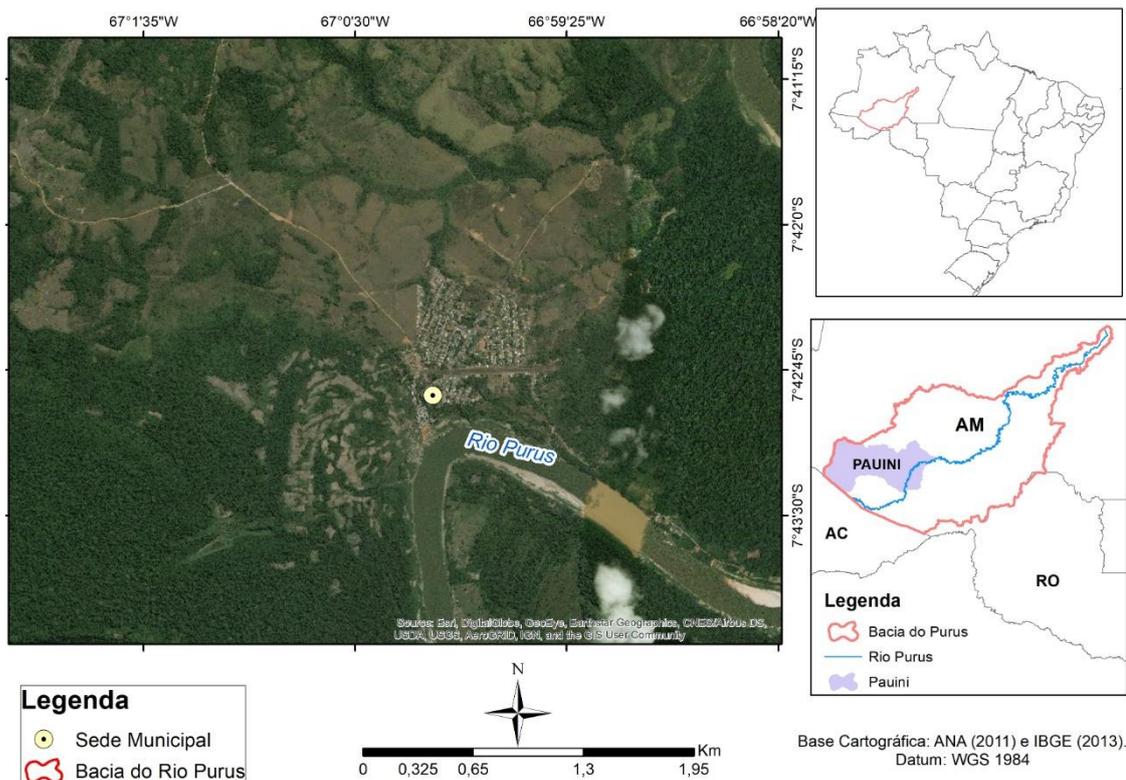
A cidade carece de estudos que visem, sobretudo, compreender a importância da cidade nos diferentes condicionantes, ou seja, nas relações sociais, econômicas e políticas, sobre os aspectos do vivido, concebido e percebido (CARLOS, 2007). Isso é o que nos instiga os estudos de Harvey (2004) ao conceber uma utopia da cidade e pensá-la como um espaço de esperança a uma sociedade igualitária.

## **1. PAUNI: CIDADE DA FLORESTA E DOS RIOS**

### 1.1. Caracterização do perfil urbano de Pauini-AM

O município de Pauini-Amazonas está localizado no sudoeste do estado do Amazonas, à margem esquerda do rio Purus (*ver figura 01*), mais especificamente na mesorregião do Purus, na microrregião de Boca do Acre. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010), está em uma distância de 915 km em linha reta e 2.115 km por via fluvial da capital do estado (Manaus).

**Figura 1:** Mapa de localização da cidade de Pauini



**Fonte:** IBGE, 2021  
**Organização:** Castro, 2021

O tempo estimado do percurso entre as cidades de Pauini e Manaus é de aproximadamente 192 horas, por via fluvial, e de três horas e meia, por via aérea. A população municipal é de aproximadamente 19.265 habitantes, segundo estimativa do IBGE. O município faz divisa territorial ao norte com Itamarati, ao leste com Lábrea, ao oeste com Envira, e ao sul com Boca do Acre e com o estado do Acre (IBGE, 2010). A sede urbana do município de Pauini localiza-se próximo à cidade de Rio Branco-AC.

A distância da sede urbana de Pauini para Rio Branco, capital do estado do Acre, é de 1.506 km por via fluvial. O tempo estimado do percurso da viagem entre as duas cidades é de aproximadamente 134 horas por via fluvial. Já em linha reta, a distância entre Pauini e Rio

Branco é de 268 km, com duração de 1 hora por via aérea. Isso produz uma dependência da cidade de Pauini à capital do Acre, assunto será discutido, minuciosamente, nos próximos capítulos (REGIC, 2017).

Apesar de Manaus ser a segunda maior metrópole da região Norte e o centro de decisão política-administrativa do estado o qual Pauini está situado (de onde emanam principais projetos político-sociais para municípios do estado do Amazonas), a cidade tem pouca relação com a capital, sobretudo, em aspectos de saúde, comerciais, bancários, entre outros serviços de assistências básicas. Isso acontece devido à grande distância e ao difícil acesso à capital, uma vez que são sete dias de viagem, por via fluvial.

É importante destacar que além de exercer pouca relação com o centro de decisão do estado (Manaus), também há pouco intercâmbio com cidades de dinâmica mais elevada da calha do Purus, no tocante a serviços básicos. Destacam-se, na calha do Rio Purus, as cidades pequenas de responsabilidades territoriais (SCHOR & OLIVEIRA, 2011), sendo elas, Lábrea e Boca do Acre, ambas próximas de Pauini e, da mesma forma, serve como entreposto comercial. Essas cidades pouco se relacionam com a capital do seu estado, sobretudo, em relação aos serviços, ficando a cargo de Rio Branco, de certa forma, suprir esses aspectos.

Vale destacar que a cidade de Boca do Acre exerce função de entreposto comercial com o município de Pauini. Os produtos e serviços ofertados na cidade de Pauini, chega de Rio Branco (AC) e Porto Velho (RO) são destinados, por meio da BR-317, até Boca do Acre, para então serem embarcados em diferentes modais de transportes fluviais ao destino, ou seja, a cidade de Pauini. Por meio da refeita rede urbana, diferentes modais de transporte circulam por circuito da economia local, conectando-se por fluxos e criando racionalidades geográficas intrínsecas.

A figura (01), além de ilustrar o centro urbano do município de Pauini-AM, evidencia as áreas de desmatamentos nas adjacências da cidade, sobretudo na beira da estrada do Macutí (chegando até o rio Pauini), que tem, em ambos os lados, grandes extensões de fazenda para criação de gado, o que produz, no ato da criação bovina, um alto índice de desmatamento.

Tal cidade vivência o contraste entre os rios e a floresta. São desses lugares que os habitantes retiram alimentos para subsistência, vale ressaltar que além dos rios e florestas a agricultura familiar é principal base de sustento dos moradores de classes socioeconômicas vulneráveis. Segundo o CRAS<sup>1</sup> – Pauini (2021), o baixo preço<sup>2</sup> do pescado intensifica a

---

<sup>1</sup> Centro de Referência da Assistência Social

<sup>2</sup> Decreto nº. 161-2021 - dispõe sobre a tabela do preço carne. Decreto nº. 162-2021 - dispõe sobre a tabela do preço carne.

procura dele na mesa (SEPROR, 2021). O pescado é a principal fonte de proteína facilitada pelo preço e captura do peixe nos rios e lagos. É importante salientar que é livre o acesso à pesca em lagos e rios próximos à cidade, o sujeito necessita apenas de materiais de pesca para extrair o recurso da natureza, ressaltando o período de defesa das espécies.

De acordo com a Secretaria de Ação Social e Ação Comunitária de Pauini (2021), mais de 3.935 (três mil novecentos e trinta e cinco) pessoas vivem em extrema condição de vulnerabilidade socioeconômica. A renda mensal dessas famílias é entre R\$ 89,00 a R\$ 499,00, o que correspondente a menos de meio salário mínimo.

De acordo com os dados do PNUD (2010), o município de Pauini apresenta Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0.496, caracterizando-o como baixo. Muitos desses fatores estão relacionados ao acesso à saúde, à educação e à renda. Esses índices de desenvolvimento estão distantes das condições ideais para melhor qualidade de vida da população do referido município.

Entre os anos de 2000 e 2010, o IDHM do município saltou de 0.287 para 0.496, um crescimento de 56%, o indicativo que mais cresceu foi a saúde e a educação. Vale ressaltar a importância de programas sociais do Governo no aumento dos índices de desenvolvimento humano, mas, atualmente, com o governo Bolsonaro, o município tem perdido representatividade, a partir da queda de investimentos nas universidades, à pesquisa e a outras áreas sociais do campo da pesquisa e programas sociais. Apesar de alguns índices mostrar crescimento no IDHM, perceptivelmente, não melhorou na percepção real da qualidade de vida dos cidadãos.

Vale ressaltar que no censo de 1991, o município de Pauini tinha o pior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do estado do Amazonas. Tinha também o maior número de analfabetos do país. Programas como “Rescrevendo o futuro”, do Governo Federal foram, sumariamente, importantes na mudança dos índices educacionais do município.

Todavia, esse singelo crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) eleva os números estatísticos. Mas, ao analisar minuciosamente os dados do PNUD, é perceptível que todos os municípios cresceram significativamente e, comparado a outros municípios, Pauini cresceu pouquíssimo. O índice numérico, mesmo em crescimento, não condiz com melhores perspectivas de vida.

O município enfrenta problemas políticos, socioambientais e infraestruturas oriundos de má gestão político-social. Outra situação agravante é a falta de segurança dos moradores da cidade ocasionada pelo alto índice de furto, tráfico de drogas ilícitas na cidade, tanto na zona

urbana quanto na rural. De acordo com a 1º DIP de Pauini/5º CIPM, o município enfrenta altos índices de jovens envolvidos com drogas ilícitas, três a cada cinco ocorrências são jovens envolvidos com furtos ou tráfico de entorpecentes, a ausência de política pública de acolhimento à juventude influencia na entrada de adolescentes cada vez mais cedo ao mundo crime. O único órgão de atendimento à juventude é realizado pelo Centro Esperança de Pauini da Igreja Católica<sup>3</sup>.

Pauini, como os demais municípios do Amazonas, vem lutando pela conservação da natureza, portanto, reservas extrativistas foram criadas e terras indígenas demarcadas (*ver figura 02*), visando estabelecer permanência do ambiente natural no município. Com isso, mantém-se, assim, o exuberante verde da floresta junto às águas barrentas e negras dos rios da Amazônia. O município tem pequenas porções de terras indígenas e reservas florestais, como menciona os moradores “apenas no papel”, ao se referir a reservas florestais preconizadas por lei de regulamentação fundiária e preservação da natureza.

---

<sup>3</sup> Centro Esperança de Pauini é o único local destinado ao atendimento de política pública à adolescente entre 12 e 17 anos de idade. Hoje, possui mais de 200 (duzentos) alunos matriculados, ofertando aulas de música, crochê, informática, pintura, culinária, artes e uma escolinha de futebol. A instituição completa 20 (vinte) anos servindo a população do município de Pauini. Ela se mantém a partir de recursos da Igreja e de repasses da Prefeitura, a qual, no ano de 2012, criou uma lei (Lei municipal nº. 222 de 02 de janeiro de 2012) de apoio às atividades do centro esperança, destinando parte do recurso municipal à entidade.



**Figura 3:** Porto da cidade de Pauini



**Fonte:** Lopes 2021.

O porto da cidade é o local onde os barcos encostam para embarque e desembarque de pessoas e mercadorias, provendo na cidade bens de consumos industrializados que interferem, sobretudo, nos hábitos alimentares da população. As condições da beira do rio são precárias, tornando-se caóticas em tempo de inundação do rio, devido à má pavimentação e ausência de porto adequado para a região. A cidade situa-se ao meândrico<sup>5</sup> do rio Purus, geralmente lugares mais largos (*ver figura 03*), propício a depósito de sedimento, por isso, não há incidência de terra caída a frete do porto da cidade.

A cidade é composta por uma estrutura de dez bairros: Centro (Cidade Baixa), Cidade Alta, Fortaleza, São Francisco, Pantanal, Mangueiral, Raimundo Malveira (Buritizal), Ouro Verde, Nova Esperança.

Os bairros da cidade são pequenos, o maior entre eles é o bairro São Francisco e o menor é o bairro do Raimundo Malveira (Buritizal). As ruas são estreitas, todas com faixa dupla, sem sinalização e nenhuma acessibilidade aos portadores de necessidade especiais. As calçadas também são inexistentes, moradores e veículos transitam nas mesmas ruas estreitas. Existem poucos carros na cidade, porém, há um aumento no número de motocicleta na cidade, possível de visualizar durante a pesquisa de campo.

---

<sup>5</sup> Que forma meandros, cheio de sinuosidades

Entres os bairros, apenas o de São Francisco apresenta incidência de planejamento urbano, este, por sua vez, foi criado e planejado na gestão do prefeito Francisco Gomes das Chagas (Professor Chico). Os demais se projetaram e cresceram a partir de ocupações regulares e irregulares. Durante a década de 50 a 90, foi o período que a população urbana do município mais cresceu, a partir da absoluta e total desvalorização da borracha.

Essa ocupação dos bairros sem planejamento acarretou diversos problemas, sobretudo, socioambientais, um destes, os esgotos a céu aberto talvez sejam um dos mais claros, funcionando como depósito de lixo, impedindo a passagem de água nas partes canalizadas e gerando inundação durante dias de grandes chuvas.

A cidade de Pauini apresenta, na sua estrutura geomorfológica de relevo, topográfica elevada, inune à inundação dos rios, diferente de algumas cidades no Purus. É importante esclarecer que a estrutura geomorfológica do relevo divide o sitio urbano da cidade em duas partes: cidade baixa e cidade alta (são assim que os moradores se referem, cotidianamente ao sitio urbano). A parte baixa é dividida da parte alta por uma escada que contabiliza 136 degraus e duas grandes ladeiras. O principal porto de embarque e desembarque de mercadorias e pessoas fica localizado na cidade baixa, para ter acesso ao restante da cidade é necessário locomover-se pela escada ou ladeiras, tornando, dessa forma, um ponto de destaque a origem de sitio urbano (*ver figura 04*) decisivo na escolha do local como sede urbana. Atualmente, a cidade passa por uma transição do Centro comercial a cidade baixa, vem perdendo a centralidade econômica para o bairro Cidade Alta e Pantanal, devido mudança de instituições como agência do Bradesco, pontos comerciais, Cartório Eleitoral e Extrajudicial, Prefeitura, Câmara de Vereadores, Feira Municipal e outros.

**Figura 4:** (A) Ladeira e Escada que liga (B)Cidade Baixa à Cidade Alta



Fonte: arquivo de campo, 2021.

A rua que corta o centro urbano e serve como elemento de mobilidade, talvez, seja o maior símbolo da urbanização na Amazônia, permitindo, dessa forma, separar o urbano do rural sobre aspectos de infraestrutura, mantendo-se diante dos arranjos sociais caracterizados pela inseparabilidade entre campo e cidade. A difusão de rural e urbana permite, classificar a cidade de Pauini como ribeirinha, que mesmo em processo de urbanização, perdura atrelada a condição rural.

Para Corrêa (1989), o espaço urbano é, simultaneamente, fragmentado e articulado: são elementos existentes, capazes de intensificar a produção espacial a partir das instituições e relações sociais que criam urbanidade no lugar. Essas relações, mesmo de forma relativa na cidade de Pauini, apresentam características que permitem análise de modelo urbano e diversidade, formadas por fatores externos que culminaram mais tarde no termo “urbanodiversidade” por estrutura espacial adjacente (TRINDADE Jr, 2013).

Uma característica pela qual pode-se indicar elevação da taxa demográfica na área urbana, vinculada a fatores sociais (acesso à escola e à sistema saúde), provocou movimento migratório intenso ao fim do segundo ciclo de exploração da borracha no médio Purus. Em toda extensão do município, apenas duas comunidades rurais oferecem educação básica e completa nas localidades de Santo Elias e Vila Céu do Mapiá.

Antes de se debruçar sobre a discussão mais afinada a educação, não se poderia deixar de ressaltar aquilo que há de extraordinário, na comunidade de Vila Céu do Mapiá, exótico ou heterogêneo, que não se compara às demais comunidades na calha do alto Purus. O local é marcado pelo culto da religião do Daime, uma bebida vegetal que provoca êxtase quando digerida, mas que é, sobretudo, uma doutrina religiosa.

A comunidade Céu do Mapiá<sup>6</sup> conecta-se ao restante do mundo pela dinâmica do Santo Daime, e recebe quantidade considerável de visitante para conhecer a doutrina da floresta, o que marca sua organização comunitária por meio de agentes que são mundialmente conhecidos no site e do canal no Youtube (Canal Jagube).

## **1.2.Educação como alternativa de vida**

O Município disponibiliza o primeiro ciclo do ensino fundamental e o Estado oferta os restantes das etapas da educação básica nas duas comunidades (Mapiá e Santo Elias), em parte presencial e outra por mediação tecnológica. No restante das comunidades rurais, são

---

<sup>6</sup> <https://www.santodaime.org/site/a-comunidade/a-vila-ceu-do-mapia/a-vila>

oferecidos apenas os níveis de escolaridades fundamental I, que corresponde do 1º ao 5º ano, e o ensino fundamental II 6º ao 9º, apenas na cidade.

A vontade de ter seus filhos estudando para que se conclua, no mínimo, o ensino médio gera, até os dias atuais, um movimento migratório intramunicipal, ou seja, correntes migratórias da zona rural para zona urbana. Isso aumentou o número de estudantes matriculados nas escolas da cidade. Esta quantidade de alunos agravou o problema de superlotação nas escolas estaduais do município, isso ocorre porque a cidade possui apenas duas escolas estaduais que oferecem educação até a conclusão do ensino médio (ver figura 05) que são as Escolas Estaduais Alberto de Aguiar Corrêa e Frei Mário Sabino.

**Figura 5:** (A) Esc. Estadual Frei Mario Sabino (B) Escola Estadual Alberto de Aguiar



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

Apenas duas escolas comportam alunos da cidade do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Vale ressaltar a preferência dos pais pela Escola Estadual Frei Mário Sabino, localizada na parte alta da cidade, onde reside a maioria da população. Já a Escola Estadual Alberto de Aguiar Corrêa fica localizada no bairro Cidade Baixa (centro), no entanto, a procura por vagas na referida escola é bem menor. As duas escolas possuem salas climatizadas e uma infraestrutura razoável. Na Escola Estadual Frei Mário Sabino as salas têm capacidade para 28 alunos, entretanto, tem sala que possui 41 alunos matriculados, com total de 10 salas de aula. Na Escola Estadual Alberto de Aguiar Corrêa as salas têm capacidade para 21 alunos e há algumas salas com 32 alunos (SEDUC/PAUINI, 2020).

Para a realização de atividade extraclasse, a Escola Frei Mário Sabino tem uma quadra poliesportiva sem cobertura. Com as altas temperaturas que a região apresenta, as atividades físicas são realizadas sempre no início da manhã ou no final da tarde, quando a temperatura é mais propícia para desenvolver atividades extraclasses. A Escola Alberto de Aguiar Corrêa

faz uso do ginásio poliesportivo municipal Joaquim Balbino Neto localizado a mais de 200 (duzentos) metros da escola. Ele também não possui cobertura e seu uso depende dos dias de sol e chuva da região.

As escolas do município, como mencionadas, ofertam apenas educação primária de 1º ao 5º ano (*ver figura 06*). A Secretaria de Educação Municipal conta com três escolas na sede urbana que são: Escola Municipal Dona Ivany, com 16 (dezesesseis) salas de aulas; Escola Municipal Jesus Ferreira de Oliveira com 7 (sete) salas de aulas e a Escola Municipal Dona Isabel com 4 (quatro) salas de aulas.

**Figura 6:** (A) Esc. Municipal Dona Ivani. (B) Esc. Municipal Dona Isabel



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

As escolas municipais na sede urbana ofertam educação apenas do 1º ao 5º ano, nos turnos matutino e vespertino. Algumas salas da escola não possuem climatização, utilizam ventiladores como suporte para amenizar o calor.

A Educação Infantil ofertada para crianças ocorre em uma única creche, denominada “Creche Lar de Jesus” com 2 (duas) salas. Por existir apenas uma creche na cidade, as salas da referida creche ficam sempre superlotadas, algumas crianças aguardam, na lista de espera, para ter acesso a uma vaga no ensino infantil. Para os cuidados das crianças, a creche conta com um professor e um monitor em cada sala. O município tem uma pré-escolar denominada Rubens Pereira de Menezes com 11 (onze) salas funcionando durante manhã e tarde. A Imagem 07 mostra a Creche Lar de Jesus com destaque para seringueiras plantadas nos arredores da creche.

**Figura 7:** Creche Lar de Jesus



**Fonte:** Arquivo de Campo, 2021.

O sistema educacional em Pauini enfrenta problemas de má gestão pública, alguns fatores ocorrem em virtude de a aplicação dos recursos humanos serem contratos pré-estabelecidos, sem abertura de processo seletivo igualitário. Isso causa um forte impacto no quadro de professores, durante a pesquisa foi identificado que os professores possuem apenas graduação e especialização, e sua maioria fez especialização feita a distância, não tem mestres e doutores. Em algumas escolas, há atuação de professores sem a devida formação superior, muitos desses profissionais atuam em áreas diferentes da sua formação específica. Além disso, as escolas não possuem projetos de fomento à ciência, como o PCE, por entidade financiadora, como FAPEAM, CAPES e outras.

A infraestrutura vislumbra péssimas condições na parte externa, sobretudo, na escola municipal Dona Ivany, com banheiros em péssimas condições. O refeitório não abrange todos os alunos e muitos deles merendam pelos corredores da escola. O piso apresenta algumas cerâmicas quebradas, com péssimas condições, visto que são antigas, a mais de 10 (dez) anos não se constrói escola na cidade de Pauini por nenhum ente federativo (município e estado).

Os indicadores escolares das escolas estaduais apresentam, sobretudo, evasão nas turmas noturnas muitos alunos desistentes (*ver na tabela 01*). Segundo o secretário adjunto da Seduc/Pauini, a “maioria dos alunos desistentes são do sistema de educação de jovens e

adultos (EJA), são mães/pais de família que largaram os estudos cedo por algum motivo e tentam, após idade adulta, retomar os estudos mesmo assim desiste”.

**Tabela 1:** Localização, modalidades de ensino, servidores e alunos

<b>Nome</b>	<b>Endereço</b>	<b>Ensino</b>	<b>Pessoal</b>	<b>Alunos matriculados</b>
Escola Estadual Alberto Aguiar Corrêa	Rua: Da Cosama	Ens. fundamental (6° ao 9° ano) regular. Ens. Médio completo regular e tecnológico.	36 Professores 2 Pedagogo 14 Servidores	640 alunos 51 Reprovado 63 desistente
Escola Estadual Frei Mário Sabino	Rua: Dani-lo Corrêa	Ens. fundamental (6° ao 9° ano) regular. Ens. Médio completo regular. EJA Seg. segmento e Ens. Médio.	36 professores 1 Pedagogo 20 Servidores	1.153 Alunos 118 Reprovado 119 Desistente

**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

Todavia, aqui nos referimos a um município que, nos anos anteriores no censo do IBGE de 1991- 2010, mostrou grande número de analfabetismo. E, nesse sentido, pouco se fez para erradicar esse índice educacional em relação ao investimento em educação municipal. Houve, por parte da Prefeitura de Pauini, a criação da Lei 195 de maio de 2009, que disponibilizou a concessão de bolsa de estudo no valor de um salário mínimo e meio para estudantes de universidade pública em outras cidades. A gestão atual (2017 a 2020), por meio de um decreto, suspendeu a concessão.

Essa lei, durante o tempo em que esteve em vigor, elevou a formação superior na cidade de Pauini, permitindo que muitos jovens de famílias carentes saíssem do município para estudar em universidades públicas (como foi o caso do mestrando que escreve esta dissertação). Mesmo com as universidades inseridas na cidade, poucas são as famílias que conseguem pagar mensalidade para manter seus filhos estudando.

Atualmente, existe na cidade duas universidades particulares de ensino a distância (EAD), a Universidade Cruzeiro do Sul e a UniCesumar. Na figura 08, é possível perceber a fachada do polo universitário (Universidade Cruzeiro do Sul) na cidade. As universidades ofertam cursos de graduação na modalidade EAD, totalmente on-line. A secretaria da

Universidade Cruzeiro do Sul informou: “a universidade tinha 136 (cento e trinta e seis) alunos regularmente matriculados em diversos cursos de graduação”.

A procura maior dos ingressantes é por licenciatura em pedagogia por ser um curso de mensalidade (mais barato) acessível para os moradores. É também a área de atuação com maior facilidade de empregos pela Prefeitura Municipal de Pauini, para atuar nas escolas municipais, pré-escola e creche.

**Figura 8:** Universidade Cruzeiro do Sul



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

O CETAM, em parcerias com a prefeitura de Pauini, desenvolve cursos técnicos na cidade e essas aulas são ministradas nas escolas do município. É importante esclarecer que, no momento da pesquisa, o ano letivo estava em recesso, mas o responsável por cursos do CETAM informou que um curso técnico em enfermagem estava em andamento. Dificuldade ocorre na falta de professores nas áreas específicas, devido à cidade não ter profissionais para atuarem nas disciplinas, as turmas aguardam a coordenação enviar professores de Manaus para dá continuidade a curso, às disciplinas atrasadas e andamento das atividades.

É notório o número de analfabetos funcionais na cidade. Durante a pesquisa de campo, por meio de conversas informais com alguns moradores, foi possível perceber a dificuldade que muitos apresentaram em leituras e escritas. Muitos dos entrevistados não conseguiam assinar o próprio nome. Alguns fizeram apenas o programa “Rescrevendo futuro” do Governo Federal. Outros aprenderam assinar o próprio nome e têm uma leitura razoável com filhos em casa, porém, não sabem interpretar a leitura de textos breves.

A partir das mudanças dos índices diante do tempo que o censo passou a medir os números estatísticos, a educação passa por leve impressão de melhoria, todavia, o sistema educacional do município de Pauini precisa melhorar planejamentos e condições satisfatórias para os envolvidos no sistema educacional, incluindo professores e alunos. A Secretaria Municipal de Educação (SEMED) possui recursos próprios (na ordem de mais de 17 milhões de reais) que devem ser aplicados em projeto a melhorar o índice por secretário e prefeito no âmbito do município.

**Tabela 2:** Indicadores escolares das escolas municipais

<b>Nome</b>	<b>Endereço</b>	<b>Modalidade</b>	<b>Pessoal</b>	<b>Alunos matriculados</b>
Esc. Municipal Dona Ivany	Rua Perimetral	Ens. Fundamental (1° ao 5° ano)	47 Professores 34 Servidores	1.000 Alunos 127 Reprovado 73 Desistente 38 Transferido
Esc. Municipal Dona Isabel	Estrada da Fortaleza	Ens. Fundamental (1° ao 5° ano)	12 Professores 17 Servidores	120 Alunos 15 Reprovado 10 Desistente 2 Transferido
Esc. Municipal Jesus Ferreira de Oliveira	Rua Omar Mamed	Ens. Fundamental (1° ao 5° ano)	25 Professores 29 Servidores	403 Alunos 25 Reprovado 5 Desistente 9 Transferido
Pré-escolar. Municipal Rubens Pereira de Menezes	Travessa PN1	Ens. Infantil (1° e 2° Ciclo)	20 Professores 1 Pedagogo 24 Servidores	415. Alunos
Creche La de	Estrada PN1	Jardim (01 e 02)	9 Professores	142. Alunos

Jesus		de 2 e 3 anos de idade	8 Monitores 15 Servidores	
-------	--	------------------------	------------------------------	--

**Fonte:** Arquivo de campo, 2020.

Os indicadores escolares disponibilizados por entidades de ensino/aprendizagem (SEDUC, 2019; SEMED, 2019) refletem a precarização do sistema básico de educação estadual e municipal na cidade, com níveis maiores de calamidade no campo, com professores que atuam apenas tendo concluído o ensino médio. A falta de materiais escolares e didáticos para os alunos e professores dificulta o ensino/aprendizagem no âmbito escolar, causando, dessa forma, uma defasagem no ensino educacional de Pauini. Os índices quando comparado aos nacionais refletem a discrepância educacional no município de Pauini; de acordo com o IDHM (2010), a educação atingiu um percentual de 0.317, o que indica um baixo índice educacional.

Todavia abordagem que compreende os principais ciclos da educação estabelece uma relação em rede tanto intraurbana como interurbana, intra pela movimentação de alunos migrando das comunidades para a cidade visando conclusão do ensino médio e inter por jovens alunos que se deslocam para outras cidades para curso nível superior.

### **1.3.A saúde e o dilema de um povo**

Agora, apontaremos indicadores do sistema de saúde como um agravante que precisa ser destacado, seja pela sua precarização em si, seja pela localização do município que torna difícil o acesso e a locomoção<sup>7</sup> para outras cidades referências em saúde (as capitais Manaus-AM e Rio Branco-AC). Nesse sentido, o município torna-se insuficiente no tratamento de casos de saúde de doenças emergenciais de quadro graves, pois possui apenas atendimento de saúde básica. O acesso a Pauini quase sempre é feito por rio ou pista de pouso mal pavimentada, onde é permitido o pouso de avião de pequeno porte em voo de emergência.

Durante a análise de campo, foi possível perceber a ausência de equipamentos no Hospital Regional de Pauini, notou-se a presença de uma máquina de exame de ultrassonografia, no entanto, o município não tinha profissional competente para manusear o aparelho. No caso de mulheres com gravidez de risco, estas são encaminhadas para Rio

<sup>7</sup> Lei municipal 211, de 19 de dezembro de 2010, dispõe sobre a responsabilidade do município de Pauini, através da Prefeitura, em custear o pagamento de despesas de tratamento fora do domicílio dos portadores de doenças crônicas e outras doenças que demandem tratamento prolongado residentes no município de Pauini e dá outras providências.

Branco (capital do Acre), o mesmo ocorre em casos de doenças que necessitam de cirurgias simples.

Vale ressaltar que o município tem apenas um médico cirurgião que permanece na cidade por apenas 15 dias em cada (não foi informada a área de especialização do referido médico). Ele é o único a realizar cirurgia em caso extremo. O Hospital Municipal de Pauini apresenta boa infraestrutura, salas climatizadas e leitos separados por sexo, sem condições de vulnerabilidade e contaminação de doenças. Porém, como já citado, faltam profissionais para atuarem em áreas específicas. Segundo a diretoria do hospital, médicos efetivos do Estado não querem ir para Pauini, por ser uma cidade pacata e pequena, além do difícil acesso para outras cidades e da falta de entretenimento.

A Secretaria Municipal de Saúde afirmou a dificuldade de contratar médicos cirurgiões para atuarem na cidade, mesmo pagando altos salários aos profissionais. Ainda assim, a prefeitura conta com médicos nas UBS (todos clínicos gerais) alguns, em parceria, também, fornecem serviços de consulta no hospital.

O período em que o município teve médico suficiente para atender a demanda foi durante o Programa mais Médico, do Governo Federal, no entanto, com o fim deste, o município retornou com a ausência desses profissionais tão necessário.

Durante análise de campo, averiguou-se que o problema maior das condições básicas de saúde está na rede estadual. Este não se torna mais grave, porque o município trabalha em conjunto com a rede estadual de saúde, auxiliando com medicamentos e quadro de pessoal, bem como: médicos, enfermeiros e outros profissionais.

Constatou-se que, dentro do quadro de funcionários do hospital, a maior parte são empregados contratados pela prefeitura do município. A Secretaria Municipal de saúde esclarece “se não fosse os funcionários do município cedidos pela prefeitura, o prédio não teria capacidade para operar<sup>8</sup>”.

O atual Hospital Regional de Pauini apresenta estrutura moderna, foi construída nos anos 2000, sendo bem maior que o antigo hospital, construído na década de 70. Hoje o prédio estar abandonado pelo estado podendo servir outro órgão do estado. O atual hospital fica localizado na Rua Omar Mamed, Bairro São Francisco, como mostra figura 09.

---

<sup>8</sup> Termo como moradores de Pauini usam para indicar cirurgia de pouca complexidade como apêndice e cessaria

**Figura 9:** Hospital Regional de Pauini

**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

A Secretaria de Saúde atua em ostensivos trabalhos nas diversas ações de prevenção de doenças destacada em campanha nacional, além de algumas campanhas locais. Conforme a secretária de saúde, a “precarização do sistema de saúde fez com que tomamos as campanhas como alternativas de controle e prevenção na cidade, buscando diminuir o número de doentes internados (no hospital) atuando nas áreas rurais e urbanas no município”.

O município dispõe de serviço de consultas básicas, realização de exames como: hemogramas bioquímicos, exames de sedimentoscopias, exames parasitológicos e testes rápido de DSTs, além de atendimentos psicológicos, fitoterápicos e odontológicos, nas três UBSs na cidade, funcionando de segunda-feira a sexta-feira das 07h às 17h.

O serviço de saúde nas zonas rurais e áreas indígenas ocorre em viagens de atendimento periódico através de parceria entre a Secretária de Serviço Social, a Secretaria de Saúde e a FUNAI, realizando atendimento de saúde (consultas médicas, odontológicas e psíquicas), atualização de documentos pessoais e outros serviços. Atualmente, o município foi contemplado com uma UBS fluvial de modelo *ferryboat* (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAUDE, 2020, 2021).

Os serviços de saúde são primordiais na manutenção da vida. A Secretaria conta com quadro de profissionais nas unidades básica de saúde, para melhor atender a população. O

município possui três UBSs na sede da cidade, na zona rural não há atendimento de saúde básica contínua. A unidade de saúde Mario Said está localizada no Bairro Pantanal, na rua A2, sendo a mais antiga das unidades de saúde. A UBS Dona Tatá fica localizada no Bairro Cidade Baixa (Centro). A unidade José Roberto está localizada no Bairro São Francisco, na rua Dona Osvaldina. A Imagem 10 mostra as unidades básicas.

**Figura 10:** (A) UBS Mario Said. (B) UBS Dona Tatá



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

A direita da figura ilustra a UBS Mario Said. A esquerda, a UBS dona Tatá; a UBS José Roberto estava passando por uma reforma no prédio, mesmo assim, estava em funcionamento, provisoriamente, com alguns serviços em outro prédio, alugado no mesmo bairro. Vale destacar, nesse momento, o descarte dos resíduos sólidos de saúde, os quais são juntados, semanalmente, e usados de forma primitiva a partir da queima do material descartado no lixão, cavando-se um buraco para queimar o descarte e depois tampa-se o buraco, isso acarreta sérios riscos de contaminação do solo e lençol freático.

Foi possível notar, na cidade, a existência de duas clínicas odontológicas particulares e uma de atendimento médico particular, prestando serviço de ultrassonografia. No entanto, durante o mês de pesquisa a clínica estava fechada devido à baixa demanda de consultas.

Em entrevista com um dos sócios do Centro de Tratamento Odontológico, ele informou que a população “tem se interessado no cuidado com saúde bucal”, tendo boa demanda de serviço no consultório, funcionando de segunda a sexta das 09h às 12h, no período da manhã, e a tarde, das 13h às 19h. Sua estrutura é pequena, com uma sala de atendimento, uma cadeira para consulta e três funcionários.

A sede urbana conta com 12 (doze) drogarias em diversos bairros da cidade, para uma pequena cidade, acredita ser um grande número; Drograria A.M.T, Drograria S, Drograria Mercafarma, Drograria Dedé, Dragaria Bem Estar, Drograria Vieira. A Merdfarma com uma filial localizada no bairro pantanal e outra na cidade baixa. A Drograria Oliveira estar localizada no Bairro São Francisco, com filial no bairro cidade baixa, vincula-se a distribuição de medicamento vindo de Rondônia do grupo Tapajós Medicamentos com matriz em Manaus.

As drogarias Merdfarma, Drograrias A.M.T e Oliveira estavam adequando-se às normas de segurança para a venda de medicamentos controlados. Algumas drogarias (10 drogarias) possuem farmacêutico atuando, exceto a Drograria Bem Estar, uma vez que o gerente afirmou não poder prestar informação, pois a drogaria em Pauini é uma filial da matriz em Boca do Acre.

Todas as drogarias citadas acima vendem medicamentos, cosméticos e produtos de beleza, o que representa uma grande elevação nas vendas, devido aos cuidados das mulheres com a beleza, dentre as farmácias citadas, apenas quatro delas fazem aplicação de medicamentos injetáveis. E possível notar que os serviços farmacêuticos cresceram na cidade de Pauini, como mostra a figura 11, todas funcionam no máximo 10 horas diárias.

**Figura 11:** (A) MedFarma. (B) Drograria Oliveira



Fonte: Arquivo de campo 2021.

#### 1.4.Comércio e a rede urbana

O comércio da cidade é principal atividade a economia, através da venda de produtos industriais nos mercadinhos, feiras e mercados, a partir de circuito de circulação estabelecendo uma relação intensa na rede. Foi possível constatar uma diversificada rede de lojistas, vendas de produtos alimentícios, lojas de confecção, produtos diversos. Pelos leitos

dos rios, chega toda a produção industrializada comercializada na cidade por uma estrutura de transporte criando movimentos geográficos.

A atividade comercial dos produtos industrializados altera hábitos alimentares dos moradores na zona urbana e rural. De acordo com comerciantes locais entrevistado os produtos frios, como salsicha, calabresa, ovos, entre outros, têm maior saída no comércio local. Percebe-se, nesses indicadores, a praticidade para fazer o alimento. No entanto, o baixo preço, talvez, seja o maior fator, pois se trata de população com baixo poder aquisitivo.

Nota-se, em toda cidade, grande número de pontos comerciais, desde puxadinho na frente da casa, até maiores minimercados. O comércio envolve uma rede de trabalhadores, somente a associação de estivadores conta com 50 (cinquenta) associados, 25 motoboys, carro de frete e outros que trabalham diretamente no porto da cidade. Dos trabalhadores formais e informais aos consumidores estabelece uma relação social de trocas formando uma rede de consumo a partir do valor de uso e valor de troca (MARX, 1989).

Toda relação de produção alimentícia é comprada nas distribuidoras localizadas na capital do Acre (Rio Branco), com vendedores/representantes em Pauini. As empresas entregam os produtos comprados em Boca do Acre (cidade mais próxima de Pauini) e ligada, pela BR-317, à capital do estado do Acre, constituindo uma rede externa.

O restante do trajeto até a sede urbana de Pauini é realizado por meio de barco, custeado pelo proprietário da mercadoria, ou seja, pelos empresários. O preço cobrado pelos proprietários de barcos depende do valor da nota e dos períodos de seca e cheia do rio. Na seca o valor estabelecido é de 4% a 5% do valor bruto da nota. Na cheia, esse valor passa a ser de 6% a 8%.

Essa alteração nos valores dos transportes ocorre devido ao baixo nível d'água do rio Purus, o que causa a diminuição da quantidade de toneladas de mercadorias transportadas pelos barcos na seca. O trajeto Boca do Acre-Pauini no período de cheia do rio Purus tem duração de 12 a 15 horas. O mesmo percurso, na seca, dura em torno de 24 a 30 horas. Com todos esses obstáculos, alguns produtos como verduras e frios chegam aos comércios em péssimas condições para o consumo.

No período de seca, é comum na cidade a ausência de alguns legumes como tomate, batata, repolho, entre outros. Faltam também frangos e ovos e, na maioria das vezes, faltam produtos básicos como o açúcar, tudo isso devido à dificuldade de acesso no transporte da mercadoria. Além do transporte, o porto é precário para descarregar dos produtos advindos nos barcos, os carregadores levam a mercadoria sobre os ombros até os carros de frete.

Os maiores comércios empregam de dois a três funcionários na informalidade, recebendo, às vezes, menos de um salário mínimo por uma jornada de 40 horas semanas. Durante análise de campo, foi possível perceber que “ao meio” dia todo comércio e os expedientes fecham, e a cidade apresenta uma aparência “paralisada”.

A jornada diária dos trabalhadores tem um intervalo de 02 horas (entre 12h e 14h) durante o dia, horário que se interrompe o funcionamento de todo o comércio. Isso significa dizer que, na pequena cidade, o consumismo não ultrapassa a dimensão da vida, diferente do horário de funcionamento dos grandes centros urbanos. Em entrevistas, um proprietário de mercadinho informou não pagar um salário aos funcionários por não ter condições suficientes. Na imagem 12, observa-se alguns estabelecimentos.

**Figura 12:** (A) Comercial Lopes. (B) Comercial Bruno



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

Dos mercadinhos mais sofisticados ao mais simples na cidade, observa-se algo em comum: a venda de produto fiado aos consumidores da cidade e o uso da caderneta de compras para pagar no fim do mês quando se recebe o pagamento. Poucos são os consumidores que têm condições suficientes para comprar à vista. As compras na cidade são gradativas à medida que faltam produtos em casas, os moradores vão comprando diariamente, isso se dá tanto pela baixa condição monetária quanto pela facilidade de compras sem filas.

Durante a pesquisa, em Pauini, foi possível observar a grande quantidade de estabelecimentos comerciais. Os comércios se encontram espalhados em toda a cidade, nos bairros mais periféricos aos bairros mais bem estruturados. Para a maioria dos Pauinienses, é uma alternativa de vida abrir o próprio estabelecimento, em sua maioria, são lojas de produto alimentício. A Tabela 03 mostrar a quantidade de comércios espalhados na cidade.

**Tabela 3:** Principais lojas de diferentes gêneros na cidade de Pauini

<b>NOME FANTASIA</b>	<b>ENDEREÇO</b>	<b>GÊNERO (VENDAS)</b>
Mercantil Nanda	Rua Juiz Manoel Alves de melo- Bairro Pantanal	Alimentício
Mercantil Bruno	Rua Juiz Manoel Alves de melo- Bairro Pantanal	Alimentício
Zelos Modas	Rua Juiz Manoel Alves de melo- Bairro Pantanal	Confecções
Esquina Modas	Rua Juiz Manoel Alves de melo- Bairro Pantanal	Confecções
AJL Variedades	Rua Juiz Manoel Alves de melo- Bairro Pantanal	Variedades
Comercial Tatiana	Rua Perimetral- Bairro Pantanal.	Alimentício
Comercial Lopes/Lopes Construções	Rua Ananias Teixeira-Bairro Cidade Alta	Alimentício/Construções
Comercial Pague Pouco	Rua Danilo Corrêa- Bairro Cidade Alta	Alimentício
Mercantil Vale	Rua 19 de Março/Cidade Alta	Alimentício
Supermercado Zaeli	Rua Dona Osvaldina/São Francisco	Alimentício
Comercial Ferreira	Rua Dona Osvaldina/São Francisco	Alimentício
Lojas Natal Magazine	Rua 19 de Março/Cidade Alta	Eletrodoméstico

**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

Os autopostos de gasolina na sede urbana de Pauini constituem parte do comércio que movimenta, economicamente, atividades trabalhistas no âmbito municipal. Na cidade, existem dois postos de venda de gasolina com a matriz localizada na parte urbana e as filiais em plataforma na margem do rio Purus. Os dois postos vendem a gasolina no mesmo valor, na cifra de 6,10 e o diesel a 5,30 em janeiro de 2021.

O autoposto de gasolina Mamoriá, localizado na Rua do Contorno no Bairro Pantanal, vende além de gasolina e diesel, óleos lubrificantes, óleo queimado e sal de cozinha no atacado. O posto possui uma bomba de calibrar pneus. O outro posto de gasolina denominado

“Santo Afonso”, procurado para prestar entrevista, mas o representante não quis se pronunciar e informou não poder prestar esclarecimentos sobre venda, pois é sócio um minoritário.

Vale destacar o trecho da fala do proprietário do posto Mamoriá ao relatar o processo de logística na aquisição da gasolina comprada da empresa do grupo Equador. O grupo entrega o produto até a cidade de Lábrea por estrada, o restante do processo de deslocamento até Pauini é custeado pelo pequeno empresário. “Como compramos em pequena quantidade, a empresa diz não ter lucro suficiente entregando em Pauini, por isso compramos e vamos buscar em Lábrea isso deixa mais caro o preço final na bomba” ver na figura (13).

**Figura 13:** Autoposto Mamoriá



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

O comércio sustenta a economia, baseada nas vendas. Os minimercados oportunizam emprego aos trabalhadores e produzem a riqueza da cidade. Além do destaque do gênero alimentício, a cidade dispõe de bares, lanchonetes e pizzarias, propiciando encontros dos cidadãos. Esses lugares, acreditamos caracterizar como espaços de lazeres.

### **1.5.A praça e o espaço do cotidiano**

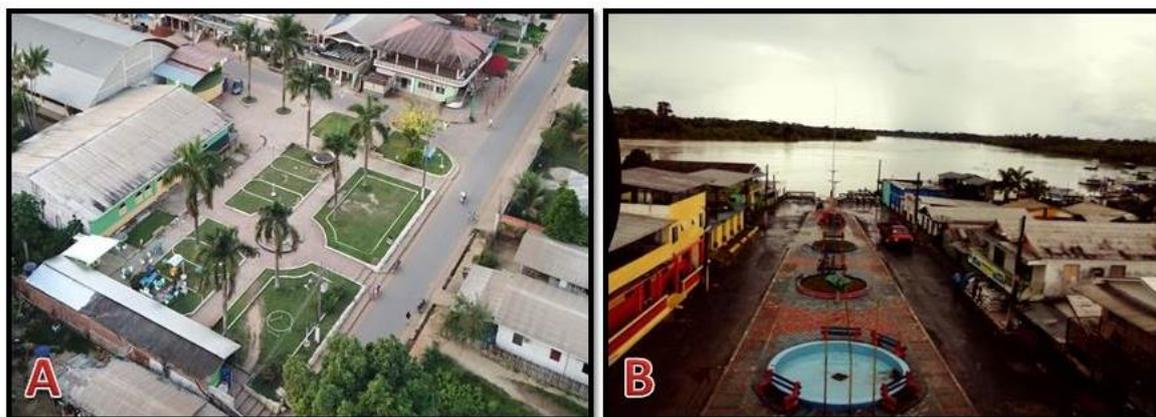
Há destaque também para as atividades de entretenimento como bailes dançantes e bares de vendas de bebidas alcoólicas, os quais caracterizam a principal atividade recreativa

na cidade nos finais de semana. O Club Pantanal (Pancadão), salão de festa que funciona somente aos fins de semanas, arrasta quantidades de jovens e adultos em busca de entretenimento sobre sons de músicas eletrônicas tocadas por DJs (o DJ Jota Freitas).

Outro local que chamou atenção na cidade foi a Distribuidora Paiol, ambiente de lazer bastante visitado por moradores e visitantes da cidade, o ambiente apresenta maiores “requintes de seletividade” dos cidadãos, além do oferecer bebidas alcoólicas, oferece também serviços de pizzaria e Tereré (bebida bastante consumida na cidade) no seu cardápio. Seu salão permanece sempre cheio de clientes, sobretudo, aos fins de semana.

As praças das pequenas cidades são lugares de encontros. Pauini não se difere das outras cidades ribeirinhas amazônicas. Nela, há duas praças, a Bibiano Osório (ver na figura 14), no bairro Pantanal, chama atenção pela preservação das palmeiras em meio à praça, o que ainda restou da arborização na cidade. Há, ainda, a Praça de Santo Agostinho na Cidade Baixa (centro). As festas e atividades de barzinho, além da necessidade de um alvará de funcionamento, é preciso de uma licença para shows ao vivo, com horário limitado pela prefeitura, com base em decreto municipal.

**Figura 14:** Imagens de drone (A) Praça Bibiano Osorio. (B) Praça de Santo Agostinho



Fonte: LOPES, 2021.

Outra atividade econômica em crescimento na cidade são as panificadoras, que vêm crescendo a cada dia na cidade, desde as mais simples, com vendas apenas de pães no início da manhã, às mais ampliadas, com vendas de pães e bolos, dentre outros. Há destaque para a panificadora e pizzaria Maná, oferecendo diversas variedades de pães durante todo o horário comercial na cidade. Nos fins de semana, funciona à noite como pizzaria.

Todos os estabelecimentos comerciais localizados em prédio são regulamentados pela Prefeitura de Pauini, por meio de um alvará de funcionamento. O valor<sup>9</sup> desse alvará depende da quantidade de metros quadrados do estabelecimento, para que tenha autorização para seu funcionamento, nos de venda de gênero alimentício, faz-se necessária uma licença sanitária, o município regulamenta o controle dos serviços oferecido ao consumidor visando garantir segurança no consumo e mesmo tempo, arrecadando contribuição ao erário público.

As quadras poliesportivas na cidade merecem ser destacadas, pois o futebol exerce no Brasil uma espetacularização tanto a nível nacional, na TV, quanto a nível municipal, pelos campeonatos amadores no município. A cidade tem duas quadras cobertas e duas sem coberturas, o que impede as atividades em dias de chuvas. A figura 15 mostra o Estádio Municipal Edgar Coutinho e a Quadra poliesportiva Joaquim Balbino Neto, em ambos ocorrem os maiores eventos esportivos da cidade.

**Figura 15:** Campo Edgar Coutinho e quadra poliesportiva Joaquim Balbino



**Fonte:** LOPES, 2021. (Imagem de drone)

A outra quadra com cobertura é de propriedade da Igreja Católica, tem finalidade de ser alugada à população no valor de R\$35,00 a hora. A igreja também tem uma quadra de vôlei de areia para aluguel. A outra quadra, sem cobertura, fica nas dependências da Escola Estadual Frei Mario Sabino, estando disponível ao uso da população nos feriados e nos períodos sem aulas, com autorização da direção da escola.

---

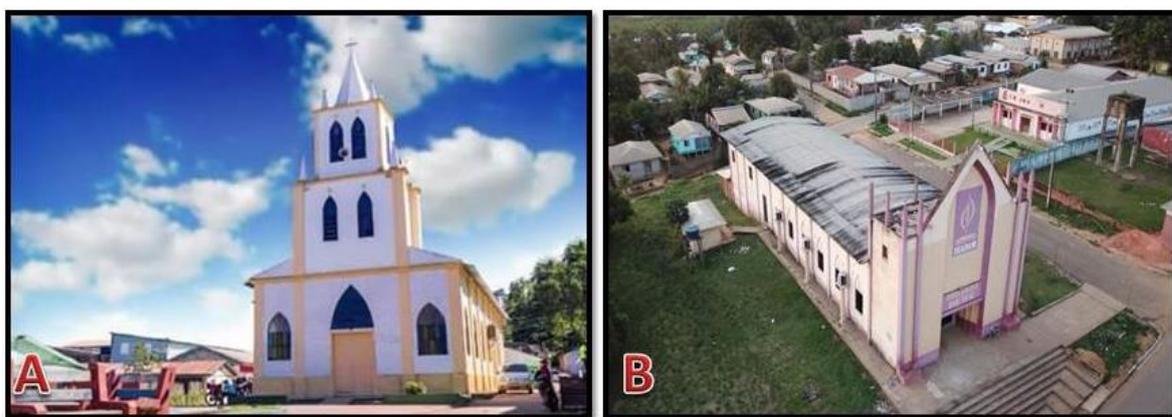
<sup>9</sup> Lei n°. 134 institui o Sistema Tributário do Município do Município de Pauini, regulando toda a matéria tributária de competência municipal.

Atividade festiva contribui significativamente para a economia popular, por ser atrativo a populações interioranas para a sede urbana e outras cidades próximas no período de festa. Três principais festas merecem destaque: o festejo de Santo Agostinho, o aniversário da cidade e a festa folclórica junina, e o extinto festival de boi-bumbá (boi Estrelinha e boi Glorioso). O aniversário da cidade no mês de março é a principal festa na cidade, destaque, para shows musicais com atração nacional.

As igrejas evangélicas e católicas constituem a outra parte do entretenimento. Nota-se, na cidade, a existência de várias igrejas pentecostais: Assembleia de Deus, Adventista do Sétimo dia, Testemunhas de Jeová, Pentecostal Unida do Brasil, Cristã no Brasil, Assembleia de Deus Tradicional, Universal, Assembleia de Deus Madureira e a Igreja Católica. Existe também a Uniões do Vegetal (UDV) com culto ao Santo Daime, na comunidade Vila Céu do Mapia. É notório na cidade que o movimento neopentecostal tem pequena proporção, mas manifesta crescimento, as igrejas maiorias deriva da ordem tradicional.

Dessa forma, Igreja Assembleia de Deus (IEDAM) concentra o maior número de fiéis, com seus templos localizados em todos os bairros da cidade. A igreja tem doze templos localizados somente na sede urbana, mas com grande expansão na zona rural do município, algo bem comum em todo o Amazonas. Já a Igreja Católica, a segunda maior denominação na cidade, tem, ao todo, cinco paróquias localizados em diferentes bairros da cidade (ver na figura 16).

**Figura 16:** (A) Paróquia de Santo Agostinho. (B) Templo Assembleia de Deus (IEDAM)



**Fonte:** Arquivo de Campo, e LOPES 2021.

A segurança da população é um quadro grave, precisando melhorar as condições de combate ao índice de criminalidade e a violência. Pauini enfrenta grandes problemas de segurança pública, isso ocorre por ausência de políticas públicas destinadas à juventude do

município. A cidade conta apenas com uma delegacia, dividida para serviço da polícia civil e militar. Possui, com efetivos de dois policiais civis, um escrivão e um gestor policial. Já o quadro militar conta com seis policiais efetivos, com auxílio de dois vindo de Boca do Acre, em rodízio a cada 15 (quinze) dias. A delegacia contava, no momento da pesquisa de campo, com quatro viaturas.

A delegacia é pequena para atender a demanda de ocorrências, a estrutura foi feita com duas celas projetadas para suportar a capacidade de quatro pessoas. No entanto, no momento da pesquisa, cada cela tem em média quinze detidos. Não existe cela para pessoas do sexo feminino, as mulheres detidas permanecem no corredor sobre vigilância da polícia. Segundo o Sargento Comandante da Polícia Militar de Pauini, os maiores índices criminais são provenientes de furto, apreensão por tráfico de drogas (tipo maconha e cocaína) e violência doméstica contra mulher, essas informações encontram-se disponíveis nos bancos de dados do 5º DIP de Pauini.

A marginalização dos munícipes, sobretudo entre os jovens, é um fator determinante para os sujeitos lançarem-se ao mundo da criminalidade, esse fator é também acarretado pela falta de oportunidade, pela ausência do contato familiar (frequentemente, ocorre labor arduo dos pais nos roçados diariamente) ou pela ausência do Estado na oferta de políticas públicas e possibilidades de emprego e renda. Essa inércia do Estado produz um alto índice de criminal nas grandes e pequenas cidades.

A cidade dispõe de serviço do Banco Bradesco, com a agência em Pauini, localizada à Rua 19 de Março, no bairro Cidade Alta. Ao lado do Bradesco, localiza-se uma loteria da Caixa, (como ilustra figura 17). Possui também serviços dos Correios, recentemente, sofreu mudança no prédio e foi desativado o serviço do banco Postal. No momento da visita de campo no município, os Correios prestavam apenas serviços de encomendas, envio de caixa postal e retirada da primeira via de Cadastro de Pessoa Física (CPF).

**Figura 17:** Banco Bradesco e loterias Caixa

**Fonte:** Trabalho de campo, 2021.

A expansão da produção da pecuária na região sudoeste do Amazonas apresenta elevado crescimento (SEDECTI, 2021), sobretudo, nos municípios de Apuí e Boca do Acre (IBGE, 2021). Nas proximidades da zona urbana de Pauini e nas principais estradas, como Macutí e Cachoeira, e às margens do rio Purus e Pauini, é possível notar a criação de gado tanto em fazendas de grande extensão quanto em pequenas propriedades rurais. A prática da criação bovina cresce em todo o município como uma atividade econômica, dois mais de 500 produtores cadastrado na Secretaria Municipal de Produção e Abastecimento, mais de 300 deles criam gado. A propícia modificação na estrutura agrícola do município, transformando a agricultura família de subsistência em prática de pequenas porções apenas para o consumo em casa, e restante do tempo na produção é empreitada no pasto para criação de gado.

Ausência de controle dos órgãos municipais sobre regulamentação e ordenamento da criação de gado, faz da atividade invisível na cidade nos aspectos de circulação na rede e na contagem nas instituições de contabilidade da produção. As informações sobre as exportações dos animais, são fornecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatista – IBGE, apenas sobre o quantitativo de boi, não a indiciou de exportação. O levantamento presente nesta pesquisa foi coletado nos trabalhos de campo em 2021.

Na feira e no mercado municipal, os boxes separados para venda de carne bovina estão sempre cheios de carnes, mas, recentemente, os boxes têm perdido espaço para as pequenas

propriedades construídas nos bairros da cidade. Em quase todos os bairros, é possível denotar a presença de açougues especializados, exclusivamente, no corte e na venda de carne de boi. Além disso, há um outro fator decisivo para proprietários, deixarem de vender nas feiras e mercados públicos: para funcionarem nestes locais de propriedade da Prefeitura, os estabelecimentos precisam vender no valor de um decreto municipal que estipula o preço da carne. A participação é pouca perceptível no mercado externo, não apresentava dados de exportação, por estar próximo da cidade de Boca do Acre, um dos principais município produtor e exportador da carne bovina do estado do Amazonas. (SEPROR, 2021).

A carne bovina é uma das principais fontes de proteínas, junto ao pescado (peixe) e ao frango congelado. Os valores apresentam pouca variação dos cortes nobres, os quais têm valor mínimo de R\$20,00 e máximo de R\$ 30,00. A figura 18 mostra pontos de vendas de carne na cidade. O frango supracitado apresenta uma facilidade de compra no mercado local, sendo muitas vezes vendido, pelos comerciantes, pela prática do fiado a pagarem aos fins de meses.

**Figura 18:** (A) Açougue Mamoré. (B) Açougue J.K



**Fonte:** Arquivo de Campo, 2021.

É importante esclarecer que nas cidades ribeirinhas do sudoeste do Amazonas, no Purus, onde se imagina ter grandes quantidades de pescados, quelônios e derivados, não é comum encontrá-los, nas cidades da calha do Purus, em abundância nas feiras e mercados devido à proximidade com a cidade de Rio Branco, uma vez que é mais vantajoso vender toda produção para os atravessadores fracionado por quilogramas na cidade de Pauini, como nas pequenas cidades da calha Solimões/Amazonas e Juruá (MORAES & SCHOR, 2010).

Na cidade Pauini é comum encontrar muitos pontos de venda de cortes de carne bovina (açougues), pequenas propriedades particulares voltadas apenas para a venda de carne de boi e, raramente, carne de porco. Denota uma forte ligação com a produção bovina que se

expressa por meio de manifestação cultural por festividade que são originalmente da região de grande criação de gado como “rodeio e cavalgada”, figurando-se como um dos principais festivais na cidade organizado por grupos de boiadeiros chamados de comitivas.

A feira municipal (Otério Barros) coberta está localizada na Rua do Contorno, no bairro Pantanal, e um mercado municipal (Teófilo Said) na Rua Coronel José Rodrigues no bairro cidade baixa. No entanto, a baixa produção do setor primário e a opção por vender o produto da agricultura familiar em frente das casas, levam a feira e o mercado a terem baixa atividade comercial de produtos, congêneres da agricultura familiar.

No mercado municipal, apenas um compartimento (Box de venda) não se encontra em uso. Entretanto é preciso salientar que os boxes em uso vendem mercadorias e hortaliças somente quando disponíveis. Na feira municipal de trinta compartimentos (Box de venda), apenas os dois balcões encontravam-se em uso na venda de carne de boi e três boxes são utilizados na venda de café da manhã, funcionando somente no período da manhã. Há um quarto box que funciona como um salão de cortes de cabelo masculino. A figura 19 mostra fachada da feira e do mercado.

**Figura 19:** (A) Feira Municipal. (B) Mercado Municipal



**Fonte:** Arquivo de Campo, 2021.

A rede de hotelaria da cidade de Pauini é composta por pequenos hotéis que recebem, durante todo o ano, hóspedes vindos, em sua maioria, de Rio Branco/Acre e Boca do Acre/Amazonas. São quase sempre vendedores e/ou representantes comerciais vindo para a cidade prestar serviço ou vendê-los à população.

Os hotéis geralmente oferecem em sua estrutura ar-condicionado, banheiro e frigobar. Foi possível observar a presença de hotéis simples e mais sofisticados com suítes. A cidade

possui o Hotel Idalina, (ver na figura 20), Hotel Coqueiros, Hotel Lopes e Hotel Shekinah e o Hotel Tatiane. Nos meses de março e agosto, a procura por esses estabelecimentos aumenta, devido às festividades que ocorrem nesses meses.

**Figura 20**(A) Hotel Coqueiros. (B) Hotel Idalina



**Fonte:** Arquivo de Campo, 2021.

A cidade de Pauini durante atividades festivas recebe camelôs (vendedores de produtos industriais) vindos de Rio Branco e Boca do Acre visando oportunidades lucrativas de movimentação na cidade, oriundas das festividades, com a venda de seus produtos, a partir de instalações de barracas nas calçadas das ruas da cidade. Durante os meses de março e agosto, a Rua Francisco Linhares é reservada para essa prática comercial, em seus dois lados.

Durante a visita de campo, foi notória a quantidade de motocicleta circulando em vias públicas. Em frente às casas de festas e bares, notavam-se diversas delas, de diferentes modelos. Isso faz com que a cidade tenha várias oficinas que trabalham com conserto de motocicletas, sendo um negócio rentável na sede urbana (ver na figura 21). Muitas lojas de produtos alimentícios vendem pneus para motocicletas.

As oficinas trabalham com serviços relacionados a motocicletas das diversas marcas. Entre elas, somente uma realiza serviços de carros pesados. As oficinas funcionam das 07h às 17h, de segunda a sábado.

**Figura 21:** Borracharia Fosbow. (A) Borracharia Felix



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

Outro serviço com notoriedade na cidade são as telecomunicações instantâneas por meio da internet e telefonia móvel. Existem, na cidade, a empresa Vivo e a Claro de telefonia celular, fontes de ligação com diversos lugares do mundo por meio das torres de comunicação, durante o trabalho de campo, não foi possível entrevistar representantes das empresas de telefonia, por não terem lojas na cidade de Pauini.

A empresa Verdenet (*ver na figura 22*) oferece serviço de internet para toda a cidade, inclusive para os órgãos governamentais. O serviço é prestado através de sinal de satélite. A empresa é única que presta esse serviço no município, ligando-o com restante do planeta, pelo curso da globalização da internet. Segundo o gerente a empresa está investindo no sinal por meio de rádio comunicadores de fibra óptica, o que no futuro deve melhorar a qualidade da internet fornecida.

Durante a pesquisa foi necessário buscar informações em banco de dados em plataformas digitais constando na prática o uso da internet da empresa VedNet a rede apresentava oscilação, algumas plataformas não foram possíveis acessar o site. A empresa disponibiliza hoje uma franquia residencial de 2MB por R\$100 reais e pela quantia de 4MB pagasse um valor de R\$128 reais mensais.

**Figura 22:** Concessionária de Internet VerdeNet



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

As torres das telecomunicações expressam, na cidade, o mais evidente sinal da urbanização e conexão com o mundo globalizado, por meio técnico/científico. Quando se chega, pelo rio, às pequenas cidades da Amazônia, as torres são o primeiro sinal de que a cidade está próxima (OLEVEIRA, 2004).

### **1.6. Moradia e problemas ambientais**

A Cidade de Pauini, fruto da evangelização católica na Amazônia, confronta-se com problemas socioambientais oriundos da ocupação irregular no solo urbano. Com isso, a ausência de saneamento básico é um grave problema na cidade, ausência de ações que busque valorizar e manter a arborização. Paradoxalmente, não há um projeto de preservação de arborização existente, sobretudo nas praças, ausente de um planejamento ambiental, visando a diminuir os efeitos climáticos oriundos da produção da cidade (CARLOS, 2009).

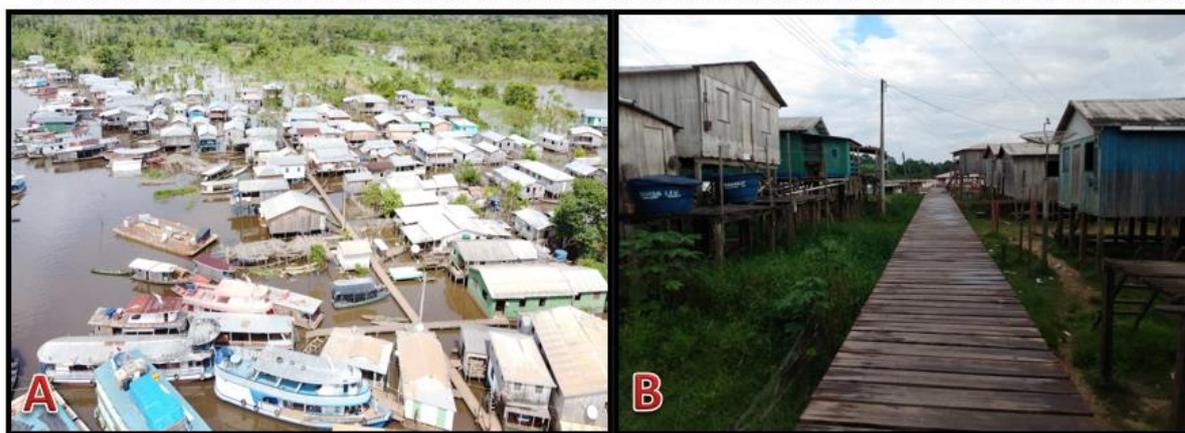
Tal como se pensar na Amazônia encontrar as cidades arborizadas, cada vez mais a cidade tem tomado a cor cinza da construção da cidade. Seria pouco racional conceituar a cidade a partir dos bairros partindo do conceito de segregação espacial de Santos (2009 pg. 169) a segregação é” o resultado final combinado da ciência e da técnica e do capital e do poder, na reprodução da cidade”. A cidade não apresenta elementos característicos da

seletividade que considera segregação espacial dos lugares, o que reflete desigualdade global, mas há locais com indícios seletividade diferenciada.

A cidade ribeirinha tem em sua construção uma racionalidade sem planejamento à ausência dessas ações, produz contraste social nestas cidades que nelas, quase sempre chega-se pelo rio, a presença das palafitas (do/no trapiche área de várzea) toma conta da primeira visão da cidade com lugar do caótico, quando delas se aproxima, ao avistar todo o restante e perceber o contradição social.

O aglomerado de casas/palafitas na área de várzea do “trapicho” (como é conhecido na cidade por moradores) tomam a frente da cidade, segundo a Prefeitura de Pauini (Defesa Civil) estima-se a existência de mais de 800 (oitocentas) casa do lado esquerdo da frente da cidade. As pessoas que ali residem sofrem com a alteração do modo de vida durante a cheia e seca do rio Purus (ver na figura 23). Em grandes cheias, esses moradores são obrigados a deixar a casa onde residem com todos os pertencem pessoais da casa, tendo que se deslocar para casas de parentes que moram em terra firme, ou abrigo provisório feito pela Defesa Civil.

**Figura 23:** (A) Área do trapiche inundada. (B) Trapiche durante a seca



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021 e Lopes 2021.

A maioria dos moradores do trapiche são pessoas vindas da zona rural com baixa escolaridade e condição monetária. Com o alto preço do solo urbano, construíram suas casas para morar nesses lugares de várzea em alguns casos tendo que pagar pela porção de terras. Outros moradores estabelecem vínculos com o seringal, lugar de onde vieram, mantendo suas plantações de roçados. Outros preferem residir nesses lugares porque estão próximos à margem do rio e isso facilita a locomoção dos utensílios de trabalho para pesca e plantio.

Dessa relação brota e existência pela sobrevivência do modo de vida cabocla dos sujeitos que habitam as cidades ribeiras da intensa afinidade do homem com o campo de

trabalho ao rio da pesca lugares de onde tiram sustento para suas famílias. Segundo a Defesa Civil (2021), de todos moradores do trapiche das casas palafitas, exerce ou exerceu trabalho voltado agricultura, pesca, caça de animais silvestre ou colheita de castanha ou outro vegetal, comercializado nos mercados e feiras.

Os resíduos sólidos (lixo) dependem de uma estrutura precária de funcionamento, desde a coleta, da retirada à deposição dos resíduos no lixão de Pauini. A Secretaria de Obra, responsável por coletar e destinar o lixo no lugar apropriado, afirmou “a secretaria tem apenas dois carros para coletar o lixo de toda cidade e a coleta obedece a dias alternados da semana sempre em acordo com quantidade de funcionário”. O município não possui associação de catadores de sucata ou lixo, o que aumenta a quantidade de resíduo nas ruas.

Dessa forma, o lixo produzido pela cidade é recolhido e jogado no lixão que fica cerca de 10 quilômetros da sede urbana. Mas, durante a pesquisa de campo, era comum ver lixo na beira da rua da cidade, necessitando de melhorias nos serviços de saneamento básico, pois as condições sociais de saneamento são precárias, o pauperismo é condição existente para esses moradores dessas áreas. O município de Pauini constitui a sede urbana sob o curso da globalização relativizada dos seus meios de interação com cidades vizinhas e/ou outros centros urbanos maiores.

A cidade tem como sua maior fonte de renda a prefeitura do município, com receita estimada e mais de 40 milhões de reais, ofertando (em dezembro de 2021), e cerca 1.310 empregos direto contando efetivos e contratados (RH DA PMP, 2021) e a previdência social, assim como, a agricultura familiar, que direciona produtos extrativistas para o abastecimento local da cidade (SEDECTI 2021). Entre esses contrastes sociais, o município vai existindo como lugar de vida e esperança em dias melhores.

A sede urbana de Pauini constitui serviços oriundos da vida urbana nas cidades. A análise da cidade permitiu reflexão acerca da importância na dinâmica urbana, na região do médio/alto Purus, cabendo discutir uma tipologia de cidade na rede. Essa perspectiva se baseia nos serviços oferecidos na cidade. Vale ressaltar que os serviços oferecidos são, apenas o básico com alcance sempre na cidade e na comunidade da zona rural do município (SCHOR & OLIVEIRA 2011).

A cidade exerce um papel de receptor dos serviços vindos de outros municípios com maior índice de desenvolvimentos e serviços (educação, comércio e saúde) os mais procurados a atender às necessidades. Com base no contexto analisando sobre o perfil urbano, os elementos indicaram Pauini como “cidade ribeirinha receptora relativizada” (IBGE, 2010).

A classificação dá-se por ser uma cidade com pouca oferta de serviço disponível externo para outras cidades ou na região da calha do Purus, recebendo apenas serviços e bens de consumo vindo de outros lugares do país. Embora a cidade esteja no estado do Amazonas, mantém pouca ou estrita relação (econômicas e prestação de serviço) com a cidade de Manaus, devido à distância para outro município do Amazonas. Exerce relação o ano inteiro (nas estações definidas da região a cheia e a seca), estritamente, com as cidades de Boca do Acre – AM e Rio Branco – AC.

Com base no debate e no apontamento teórico/metodológico que discorrerá o texto, buscar-se-á nos próximos capítulos, uma compreensão da importância da cidade de Pauini como ribeirinha de baixa relação de serviço ao seu entorno existente na pequena cidade do Amazonas (OLIVEIRA, 2004).

A urbanização brasileira, desde primórdios, projetou desigualdades nos elementos que compõem os indicadores de desenvolvimento. Vários critérios estão relacionados à base numérica, elevando a taxa de capital e consumo, fortalecendo quantidades de serviços e ampliando a infraestrutura urbana (SANTOS, 1982).

Portanto, urbanização baseada nos números cunham nos grandes centros de eclosão urbana, aumentando oferta de serviço. Já os pequenos centros urbanos ou as cidades ribeirinhas, (como Pauini), possui uma urbanização diferenciada, oferta pouco serviço, com isso atrai pouca atividade econômica, mas contraditoriamente, vai existindo em tempos lentos (SANTOS, 2006) se comparada a outras escalas (regional nacional e internacional).

A cidade de Pauini tem experimentado serviços com telefonia móvel, internet, TV a cabo a partir dos anos 2000, quando, notoriamente, houve uma mudança da infraestrutura na cidade, acompanhadas de novas racionalidades geográficas. Conforme explica Soja (1993), as mudanças não são necessariamente uma “ruptura” definitiva das relações estabelecidas, o que ocorre é o acúmulo de “conteúdo” das relações existentes com desdobramentos no espaço geográfico. A paisagem urbana de Pauini foi se transformando ao longo do tempo, sendo moldada por diferentes racionalidades. Estudar as transformações ocorridas no espaço urbano de Pauini é dar visibilidade para espaços considerados “opacos”, mas conectado em diferentes escalas.

### **1.7.Do ponto de partida a chegada na cidade de Pauini-AM**

As cidades localizadas ao longo das calhas dos rios na Amazônia, na sua maioria, ligam-se às demais pelo rio. O transporte fluvial é, em muitos casos, o principal meio de

ligação (via de circulação) entre as cidades. Algumas dessas possuem estradas, outras, aeroportos, ou os três modais (tráfego aéreo, terrestre e fluvial), interligando-as com pequenas cidades, constituindo as redes urbanas e, em muitos casos, a dinamicidade do mundo globalizado por redes de circulação (CASTELLS, 2000).

Nesse tópico, será construída uma abordagem sobre os principais modais de transporte que circulam no espaço urbano e rural, buscando evidenciar as principais características e modelos dos modais de transporte que, de alguma forma, chegam à cidade de Pauini.

Vale ressaltar que os meios de acesso à cidade de Pauini dão-se por via área ou fluvial, sendo preciso levar em consideração a diversidade dos modais aquáticos que se adaptam para navegar nos rios durante a cheia e a seca. Será enfatizada a importância do transporte terrestre dentro da cidade de Pauini, bem como carros, motos e outros que as dinamicidades complementam a uma relação dentro da rede.

Em face do exposto, para simplificar as ideias incorporadas até o presente momento, o qual enseja o desdobramento desta pesquisa, fatores socioeconômicos devem ser destacados nesse contexto, debruçando-se sobre a importância social (pessoa) e econômica (dinheiro) dentro da rede e rios amazônicos.

No Amazonas, em especial nas cidades ao longo das calhas dos principais rios, é mais comum os dois modais: o fluvial e o aéreo. As estradas se limitam a ligar localidades dentro do próprio município, normalmente a sede municipal à alguma área rural. Este é o caso para as cidades localizadas ao longo do rio Purus. Nesse sentido, para analisar Pauini, partiremos da rede fluvial de transporte, buscando compreender a complexidade urbana por meio da circulação de produtos e pessoas e a constituição da rede urbana. Para realizar esta análise parte-se do arcabouço constituído pelos Sistemas Territoriais Urbanos Ribeirinhos (STUR), discutido por Bartoli (2017) quando cunha o STUR no contexto da cidade de Parintins, na intrincada rede de distribuição e retorno ao território a partir dos modais de transporte na região. (BARTOLI 2018).

O autor considera o sistema territorial urbano ribeirinho movimentos de pessoas e coisa que se complementam a partir das relações de existência de uma economia popular, os modais de transporte neste caso instituído por redes e rios que transportam produtos e serviços às diversas cidades ribeirinhas. O comportamento espacial dos circuitos de circulação da economia caracteriza-se por modais de transporte e vários meios de circulação de pessoas e mercadorias (*ferryboat* a canoas), cujo recorte analítico buscar entender a estrutura do circuito de produção e pessoas no sistema (BARTOLI, 2017).

A metodologia do sistema de territorial urbano-ribeirinho, embora tenha sido elaborada para uma cidade na calha do rio Amazonas de responsabilidade territorial (Parintins), é importante para compreender a complexidade do circuito comercial na calha do rio Purus, local onde este estudo tem seus desdobramentos. Considerando a fluidez dos diversos produtos (naturais e industrializados) e a evidência da rede que envolve produção e circulação de mercadorias e pessoas, constituindo relações a partir das estruturas urbanas nas cidades ribeirinhas.

O STUR envolve a circulação fluvial mediante o deslocamento sazonal da região. Constituída por prática agrícola e extrativista, cultivadas às margens dos rios, componentes esses que contribuem no processo de urbanização na Amazônia que tem, cada vez mais, influenciado nas relações sociais que se apropriam dos diversos modais de transportes regionais. Ou seja, o sistema territorial urbano ribeirinho é muito mais que circulação dos meios de transportes de cargas e passageiros, é a relação atribuída à produção, circulação e consumo que se envolvem na rede urbana dos rios e que constituem o sistema urbano-ribeirinho de economia popular (BARTOLI, 2018).

Estudos apontam para diversidade e estrutura da rede urbana no Amazonas, como identifica a pesquisa “O mercado de bagres e configuração na rede urbana nos altos e médios Solimões, Amazonas, Brasil” (MORAES, SCHOR, ALVES-GOMES, 2010). Esse estudo analisa a pesca e a comercialização de bagres nas cidades da calha do rio Solimões, bem como a comercialização com atravessadores proprietários de frigorífico até ao destino à cidade de Letícia na Colômbia.

O mercado de peixe estudado por Moraes (2010) mostrou a relação comercial do pescado com o mercado consumidor externo. A pesquisa buscou, em sua abordagem, compreender, a partir das lentes geográficas, a estrutura do comércio de bagres na calha do alto e médio Solimões atraídos, assim, por agentes externos e internos (pescador, proprietário de frigoríficos, barcos com câmaras frigoríficas e bodegas), como estão conectados às cidades na rede e qual a importância no circuito comercial, criando nódulos na rede urbana encasando os pontos da rede (MORAES, SCHOR, ALVES-GOMES 2010).

Esses estudos são importantes para compreender a diversidade urbana na Amazônia, com uma rede urbana é composta por um conjunto de núcleos urbanos funcionalmente articulados entre si que estabelece uma relação de trabalho por pontos fixos no território que se articulam por fluxos comerciais (SCHOR, 2011; OLIVEIRA, 2011). Diante do exposto, discutiremos, neste tópico, os diferentes modais de transporte em Pauini e a dinâmica produzida na rede urbana do médio rio Purus.

Vale ressaltar a importante contribuição aos estudos da rede na urbana, abordada na pesquisa de Pinto (2017) sobre o mercado de caça e pescado na tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru, que pontua as questões econômica, geográfica e ambiental ligadas diretamente ao uso de proteína animal silvestre e uso dos recursos naturais, mas, sobretudo, compreende a rede na faixa de fronteira (PINTO, 2017).

O rio, neste cenário, é a mais importante via de acesso entre as cidades ribeirinhas; desde primitivas relações civilizatórias, os rios exerciam um papel importante no reconhecimento da região até o surgimento dos primeiros centros urbanos. Na Amazônia, cidades ribeirinhas tem o rio como a principal via de circulação de bens e serviços, pessoas para atender as necessidades dos moradores. Além disso, como meio de subsistência das águas, os moradores extraem a principal proteína da dieta amazônica.

O rio, por sinal, desempenha o canal hidroviário que dá acesso aos lugares, mesmo vagorosamente navegando em barcos nos rios de águas barrentas, em que a viagem é contada em dias se aproximando das cidades que formam o nódulo na rede urbana e exercendo uma conectividade entres os territórios. A cidade passa a exercer uma centralidade na calha dos rios, como ofertar serviço de transportes mais rápido a outras cidades que têm uma maior disponibilidade de serviço.

Na cidade de Pauini, existe uma pista onde pousa avião de médio e pequeno porte, em meio à cidade. O crescimento urbano desta, trouxe a pista de pouso para o centro da cidade (ver na figura 24), onde carros, motos, aviões e pedestres fazem uso do mesmo local, gerando risco aos transeuntes, em anos anteriores, ocorrendo acidente letal, entre moto e avião levando condutor da motocicleta a óbito.

**Figura 24:** Pista de decolagem de avião de Pauini (foto aérea)



Fonte: ALMEIDA 2020.

A figura (24) ilustrada claramente a pista de pouso. Na melhor das intenções, poderíamos chamar de aeródromo, entretanto, para ser, a pista ou aeródromo precisa estar regularizada pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Nesse caso, chamará de pista de pouso, como os moradores se referem.

A pista que mais parece a avenida principal da cidade mede um quilômetro e meio de extensão com cerca de 12m (doze) metros de largura. Com capacidade para vôos de pequeno e médio porte de aeronave, tem recebido, atualmente, somente vôos comerciais privados de pequeno porte. Aviões monomotores e bimotores, viajando no trecho Pauini - Boca do Acre ou Pauini-Acre-Rio Branco, em estado de emergência.

No ano de 2021, passa a existir, na cidade, duas (02) empresas aéreas prestadoras de serviços de vôos na cidade. A “Ortiz Táxi Aéreo LTDA” e “Dugomes LTDA”. Informaram durante a pesquisa que realizavam somente vôo fretado e/ou quando tinha passageiros suficientes para um voo comercial. A passagem de Pauini para Boca do Acre custa um valor de 250,00 (duzentos e cinquenta reais) pago somente em dinheiro em parcela única. Para voar no trecho Pauini - Rio Branco custa um valor de 400,00 (quatrocentos reais).

Em se tratando de uma pequena cidade, onde a maioria da população tem pouca condição socioeconômica, o privilégio de viajar de avião fica designado somente para a pequena classe média local, ou a elite política, ou, como no jargão comum na cidade, “quem está no poder”, quando comparado com outras escalas.

Em alguns casos, aviões chegam tarde a Pauini e passam a noite na pista que serve como estacionamento das aeronaves, como mostra figura 25. A empresa aérea Ortiz funciona em sala alugada no prédio ao lado da pista (aeródromo); o piloto guarda os pertencem transportados pelo avião em uma sala alugada pela empresa, onde também funciona como escritório da empresa. A Dugomes Funciona ao lado da empresa aérea Ortiz, e ambas usam a pista de pouso como estacionamento dos aviões, onde populares têm acesso direto ao avião.

**Figura 25:** Estacionamento de avião na pista de Pauini



**Fonte:** Arquivo de campo, 2020.

Todavia, as aeronaves tem sua relevância, mas o rio tem exercido um importante papel no sistema de transporte intermunicipal na rede. Nas pequenas e médias cidades, as embarcações são elementos fortemente destacável no STUR (BARTOLI, 2017) através dos serviços de transporte, tais como: barco, balsas, lanchas (a jato) e outros. Estes viajam nos rios da Amazônia, carregando no convés cargas (mercadorias) e passageiros (pessoas) que constituem operacionalidade na cidade, por outros modais de transporte historicamente

construído. A região amazônica tem outras vias de circulação, como estrada, ferroviária e a aérea, no entanto, para além do movimento de objeto e pessoa, o rio exerce uma centralidade local na vida amazônica (TOCANTINS 2000).

Sobre os rios, Tocantins (2000) escreveu: “o rio comanda a vida”. Analisando a obra do autor, pode-se constatar o rio como um ambiente de extrema importância nas relações de existência do cotidiano regional, ainda pode-se afirmar a manutenção que os rios dão à vida, ao modo caboclo nas cidades do interior, desde provimento de subsistência dos ribeirinhos, como aspectos simbólicos (sagrado) e culturais. De acordo com Tocantins (2000, p. 275) destaca os rios como:

Não há no mundo uma região onde se ajuste a imagem dos “caminhos em marcha e que levam aonde queremos ir” do que a Amazônia. As suas baías, os seus golfos, rios, paranás, lagos, furos e igarapés consagram esta frase de Pascal, sob o aspecto da geografia dinâmica e os das manifestações de vida do homem, cujo destino está entregue aos caminhos que andam. Na planície, filha das águas, corre pelas águas, como o sangue nas veias, o impulso da civilização, o protoplasma sedimentário que vitaliza o solo, a força geradora que tece com mil aluviões a terra alteada dia a dia do nível baixo dos igapós, das várzeas, em firmes e colinas (TOCANTINS, 2000, p 275).

O rio na Amazônia constitui um papel importante desde o primeiro período histórico da colonização, lugar por onde escoavam produtos da extração portuguesa como as drogas dos sertões e, mais tarde, a produção de borracha. Nos dias atuais, serve ao fluxo do comércio industrial e de pessoas, em batelões, barcos e navios.

Dos rios e sobre os rios circula uma densa teia de fluxos em modais de transporte, durante o regime de seca e cheia do rio, as quais determinam a duração de dias das viagens na Amazônia. Durante o período das cheias, as viagens de barco são mais rápidas e aconchegantes devido aos números de embarcações que estão viajando no rio, a fácil navegação e a diminuição no risco de acidente.

Durante o período da seca, no trecho Pauini/Boca do Acre, para viajar, (alerta os barqueiros) é preciso conhecimento do rio, uma vez que o curso dele muda e pode aparecer afloramento de rochoso no canal. Bancos de areias se formam tornando as viagens demoradas e cansativas. Geralmente, no período de seca, o barco ou a balsa transportam apenas produtos para abastecer o comércio local, carregam pouco passageiro.

O médio Rio Purus dá localização à sede urbana de Pauini, e trecho do rio possui muito banco de areia e afloramento rochoso, por ser a parte alta do médio rio Purus, tornado o leito estreito, durante a seca, dificultando ainda mais a navegação. Na viagem de Euclides de Cunha ao rio Purus, em 1910, já houve relatos, a partir da fortaleza do Ituxi, a presença de

grandes torrões e bancos de sedimentos rochoso, e toras de árvores, no meio do rio, na frente de “Terruam” (CUNHA, 1910).

As embarcações vão ganhando nova forma para manter navegabilidade no rio, enquanto natureza mutável, que se apresenta como via de circulação, carregando insumos e serviços. As embarcações atuais são construídas em modelo balsinha<sup>10</sup> (ubada) como são chamadas na cidade, adaptam-se para se manter viajando o ano inteiro, diminuindo o risco náufrago nas passagens que têm bancos de areia e afloramento rochoso. Tal como afirma Schor et al (2016 p. 16):

Os barcos são responsáveis pelo transporte de pessoas e mercadorias. Compram e revendem dos produtos, atraindo para si a função de distribuidor e constituindo-se como mais um agente na estrutura de mercado detendo, assim, a circulação e a comercialização das mercadorias. Tal funcionalidade diferenciada dá a dimensão do alto grau de influência dos transportes na rede urbana do Amazonas. Quanto à sazonalidade, os principais efeitos nos fluxos estabelecidos pelo transporte são o tempo de viagem, as rotas e os pontos onde se atraca (SCHOR, 2016 p. 16).

O porto da cidade constitui a porta de entrada para a sede urbana do município, característico das cidades ribeirinhas. O município de Pauini possui apenas um porto principal, por onde chegam os barcos com mercadorias vindas de Boca do Acre, cidade que se liga, por estrada, à capital do Acre (Rio Branco) de onde vêm cerca de 90% dos produtos alimentícios industriais consumidos no município. (SEC. DE P. ABASTECIMENTO, 2021)

Além do transporte de alimento, os barcos transportam passageiros. A passagem de barco Pauini - Boca do Acre custa o valor de 80,00 (oitenta reais) qualquer dia da semana no trecho subindo ou descendo o rio. Já encomendas dependem do valor do produto na nota fiscal, peso e do valor do objeto. A sazonalidade do rio pode ser determinante no valor e circulação do produto, mas não altera o valor da passagem por pessoa.

Para Castro (2008), a pequena cidade desempenha um papel importante na economia regional da sociedade na questão urbana que emana deste universo e constitui trabalho remunerado. A sociedade moderna, no processo de acumulação e de concentração do capital e precarização da força de trabalho (MARX, 1996), envolve-se nas relações cotidianas da cidade, que aos poucos vão tomando forma na vida urbana. Por sinal claro, a urbanização reúne pessoas a habitarem em aglomerados, mas separados na lógica da relação social pela prisão social que a sociedade do trabalho e do consumo criou para si próprio (RAFFESTIN, 1993).

---

<sup>10</sup> Barco com freta e atrás de parte alta no mesmo, feita no mesmo nível de altura, para navegar no rio de pouca água, coberta para transportar carga e pessoa.

A pequena cidade vive integração relativa dos arranjos espaciais, característica das médias e grandes cidades. O porto hidroviário da cidade é marcado pela expressão do caótico do solo exposto e predominante na frente da cidade, e que nos dias de chuva torna-se um lamaçal, dando forte sinal de precário, sem nenhuma infraestrutura. Mas, o porto da cidade é local por onde chegam à cidade e encostam as principais embarcações, nos porões delas há mercadoria e na parte superior, pessoas. É nele que começa toda movimentação na cidade, e de onde fica a primeira impressão sobre ela (OLIVEIRA, 2000).

O “porto” da cidade é o local de onde saem e chegam insumos que mantêm a cidade como sede municipal institucional, a partir dos serviços e da estrutura jurídico-administrativa do arranjo social, que faz de Pauini sede urbana. O hipotético sonho leva esperança aos cidadãos de dias melhores e o “desenvolvimento” na cidade cada vez mais perto quando comparado a outras escalas regionais. Em Pauini, não existe dia definitivo ou agenda para barcos saírem ou chegarem à cidade. A saída e chegada dá-se em qualquer dia da semana, anunciada com antecedência de 24 horas por carro de som, com horário e dia marcado para a viagem.

**Figura 26.** Visão aérea da cidade de Pauini



**Fonte:** ROSA, 2021.

A cidade ribeirinha é marcada pela interação com o rio, diacronicamente, exerce relação socioeconômica, ou seja, pelas condições humanas, sociais e/ou relação simbólica, por

padrões tradicionais, caça, pesca e extração (SOUSA Jr *et al*, 2012). Apesar de a cidade apresentar baixa densidade demográfica, em relação a outras cidades do Amazonas (calha do rio Solimões e Amazonas), o município de Pauini tem variedade no meio de transporte fluvial, moldado a partir da conjuntura econômica mediante o circuito que envolve a cheia e a seca do rio, fator determinante.

O modelo de embarcação conhecido na região é adaptado para viajar durante toda a estação de cheia e seca do rio nos meses de chuva na região, na parte do médio Purus. Por isso, é um modelo criado para as condições locais (modais de transporte) visível frequentemente no alto Purus (balsinha como é conhecido na região) com superfície plainada de frentes alvorada para facilitar navegação na estiagem. Esse modelo de transporte facilita a navegação na calha do rio Purus e é feito de estrutura de madeira para transportar passageiro e mercadoria. Como mostramos, os diversos modais de transportes (*ver na figura 26*) e seu destino de viagem.

**Figura 27:** Barcos ancorados do porto de Pauini na cheia do rio



**Fonte:** Arquivo de campo, 2021.

As lanchas a jato (capital Victor e El Shalon) compõem outro tipo de transporte na calha do rio Purus, recém-chegado à cidade, é um transporte exclusivo para passageiros. A nova ordem de transporte, feito à base de alumínio na calha do Solimões já existe há muitos anos, aludindo à diferença econômica na região do mesmo estado territorial.

Neste contexto as lanchas rápidas, ou seja, os expressos que chegam de forma veloz na cidade mais próxima, não têm um cronograma específico de viagem, devido à baixa demanda por procura do serviço, a quantidade de passageiros é decisiva para a lotação e viagem delas. O valor da passagem Boca do Acre-Pauini é R\$150.00, pago somente em espécie (dinheiro).

As lanchas a jato constituem parte de sistema de transporte híbrido, o qual se inicia por rios e para se chegar ao destino final por estrada, entre as cidades de Pauini e Rio Branco, tendo a cidade de Boca do Acre como um nóculo na relação entre a pequena cidade (Pauini) e grande centro comercial (Rio Branco – AC). A lancha percorre no período de 6h até Boca do Acre e mais 3h de transporte terrestre até a cidade de Rio Branco.

Todavia, entre os rios e floresta, existem as cidades ribeirinhas. O expresso (lancha a jato) navega em alta velocidade no rio, constituído pela técnica de aprimoramento dos modais de navegações, os quais diminuem o tempo de viagem entre as cidades. A relação entre técnica e ciência criou benefícios às pessoas e aproximou do serviço essencial e do consumo, intensificou a relação, criando uma verdadeira geografia da movimentação (*ver na tabela 04*) (SANTOS & SILVEIRA, 2001).

**Tabela 4:** Barcos que fazem transporte para Pauini

<b>MEIO DE TRANSPORTE</b>	<b>MODELO</b>	<b>TRAJETO DE VIAGEM</b>
Dona Eduarda	Balsinha	Pauini/Boca do Acre
Dona Camila	Balsinha	Pauini/Boca do Acre
Lucio de Matos	Balsinha	Pauini/Boca do Acre
Dona Gina	Batelões	Pauini/Boca do Acre
Com. Sádico	Batelões	Pauini/Boca do Acre
Negão camelô	Batelões	Pauini/Boca do Acre
Ribamar embarcações	Batelões	Pauini/Boca do Acre
Dilermando	Balsinha	Pauini/Boca do Acre

Dona Almira	Batelões	Pauini/Boca do Acre
Germano	Batelões	Pauini/Boca do Acre
Neni Navegação	Balsa	Pauini/Boca do Acre
Zenildes Barros	Balsa	Pauini/Boca do Acre
Capitão Victor	Expresso (a jato)	Pauini/Boca do Acre
El Shalom	Expresso (a jato)	Pauini/Boca do Acre
Com. Maia	Navio/motor	Pauini/Manaus
Cap. Rangel	Balsa	Pauini/Manaus
Eternal Balsa	Balsa	Pauini/Manaus
João Balsa	Balsa	Pauini/Manaus

Org. Almeida, 2021.

O transporte aquaviário/terrestre híbrido impera no Amazonas de forma tradicional para viagens mais curtas, feita por canoas e ubada<sup>11</sup>. O transporte moderno para viagem mais longa ou duradoura (a jato, batelões e balsinha), modais ligados ao meio técnico-científico-informacional (SANTOS & SILVEIRA, 2001), criam novas condições de comodidade e fluidez no território.

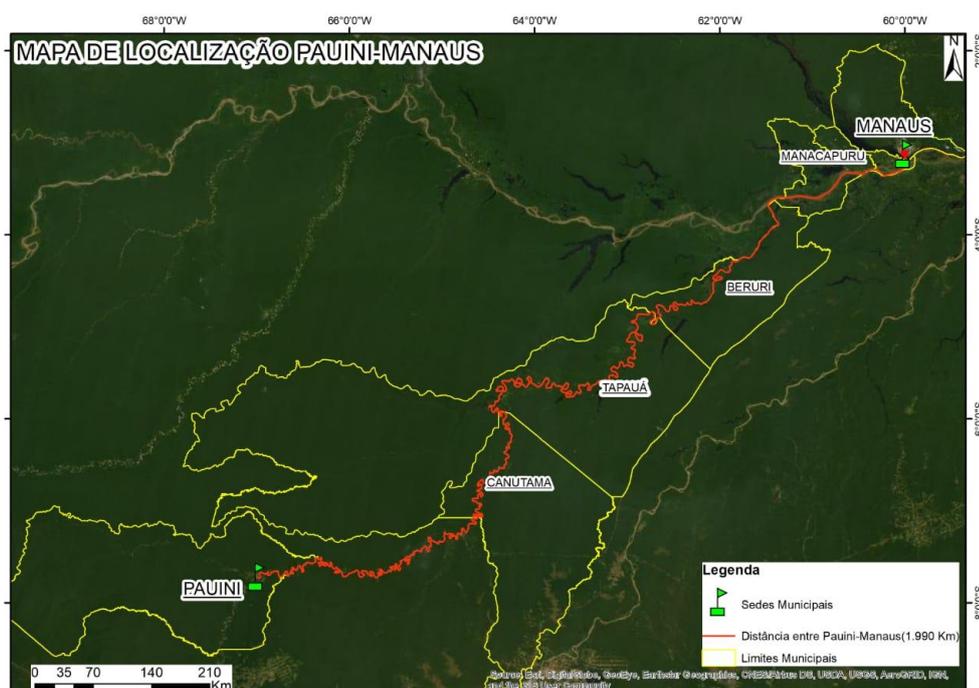
Apesar de a intensidade na rede de transporte entre a cidade de Pauini e a de Boca do Acre ser contínua, por estarem próximas do centro de distribuição da cidade de Rio Branco-AC (capital do Acre) onde há uma grande procura por serviços básicos e avançados (saúde, educação e comércio), o município tem relação comercial, durante todo o ano, com a cidade de Rio Branco, mesmo no período da seca do rio, devido à distância menor e pela facilidade

<sup>11</sup> Canoa feita de tabua serrada calafetada, para não entrar água nas junções das tabuas, muito usada na calha do alto Purus.

de acesso ao estado do Acre, onde são atendidas necessidades imediatas e frequentemente buscadas

O trajeto entre de viagens entre as cidades de Pauini e Manaus (ver na figura 27) é feito por meio de balsas (três balsas), a uma exceção do barco/navio (comandante Maia) que carrega pessoas e mercadorias, somente nos meses de cheia do rio Purus que vai de dezembro a maio. A viagem por via fluvial tem duração entre sete (7) ou (10) dias com valor da passagem entre 600 a 700 reais. A balsa é outro meio de locomoção, transportando somente produtos industriais que circulam no rio Purus durante todo o ano e mesmo no período de seca do rio. A viagem de balsa na seca dura em média entre 15 ou 20 dias.

**Figura 28:** Percurso entre a cidade de Pauini e Manaus por rio



**Fonte:** Google Earth  
**Org.** CASTRO 2021.

Os elementos estruturais que envolvem o fluxo entre a cidade de Manaus e Pauini dispõem de uma pequena incidência com número limitado de circulação, haja vista que o município de Pauini escoar pouca produção externa (de castanha do Pará em pouca proporção para Rio Branco) (RECEITA FEDERAL DE BOCA DO ACRE-AM, 2021), pois é uma cidade que não é autossustentável, depende exclusivamente de repasse do Governo (Estadual e Federal), tornando cidade ribeirinha receptora relativizada dos serviços de assistência desses repasse do (governo lei orçamentaria anual LOA PMP, 2021).

A cidade de Pauini poder ser classificada como “cidade ribeirinha receptora relativizada”, baseando-se na análise perceptível, a partir do circuito comercial ou econômico/financeiro, com fontes de recursos oriundas do FPM e da Previdência Social, os quais mantêm a cidade e seu funcionamento. São apenas essas ações de recebimento na rede urbana, com pouquíssima produção interna para o comércio natural e agricultura familiar (SEFAZ, 2021; BB, 2021; AAM, 2021).

Ao analisar, cuidadosamente, as fontes de receita do município, nos diversos portais que demonstram captação de recursos à municipalidade, (SEFAZ, BB, AAM, ALEAM, PORTAL DA TRANSPARÊNCIA, 2021), observamos os recursos do Governo como a fonte principal para serem mantidos os gastos do município, o que identifica dependência dos recursos, por não possuir arrecadação própria, capaz de gerar emprego.

A ausência de trabalhos formais, além dos que provem da prefeitura ou de outra autarquia, mantém o restante dos trabalhadores na informalidade, exceto os servidores públicos, aposentados e pensionista e BPC, demais trabalhos, vivem do campo, que mostra os dados do CRAS/Pauini, sobrevivendo com o mínimo para existência. Isso faz com que a maioria das famílias tenha agricultura como fonte de renda, vendendo o pouco excedente da produção, uma vez que, as condições sazonais dos rios regulamentam o quantitativo da produtividade nas áreas de várzea.

O regime hidrológico da Amazônia (cheia e seca dos rios) interfere na produção local, sobretudo, na produção da várzea na seca, o preço da farinha aumenta, principal produto comercializado na feira, passa a ter menor valor de aquisição na cheia, com alta produção local. Já o preço da cesta básica aumenta o percentual de cifras na seca (tomate, frango congelado) devido ao rio ser o único meio de ligação (MORAES, 2016; SCHOR, 2010).

A produção agrícola em Pauini é refeita e depende das condições sazonais dos rios. Há pequena produção agrícola é complemento da dieta alimentar para consumo familiar, apenas o excedente fica disponível para comercialização (SEDECTI, 2021). De toda produção da agricultura familiar, a mais comum vendida em taberna e feira e outros pontos comerciais, a produção da farinha de mandioca. Os demais itens produzidos, como a banana, a batata doce e abóbora, são vendidos em mercados somente na época da colheita natural em pequena escala, contribuindo com a dieta alimentar da família ribeirinha a base de pescado, observações feita no trabalho de campo em 2021.

Durante a pesquisa de campo, notou-se a existência de grandes quintais entre as casas, e frequentemente tinha a presença de canteiros de hortaliças (couve, cebola de palha, cheiro verde, tomate, chicória) no fundo dos quintais. Trata-se de uma pequena produção de

temperos para a própria família. Quase todas as casas tinham canteiros no quintal, mas poucas produziam para vender o excedente, pois afirmavam “ter pouca procura pela produção.

A pouca produção dos produtos manufaturados regionais condicionou o pensamento da aquisição facilitada dos produtos industriais, alguns casos de moradores da zona rural vendem toda a produção na cidade e compram industrializados ao retornar para o interior, com embarcações carregadas de produtos perecíveis.

Analisando o circuito econômico/comercial, a estrutura tem semelhança com o estudo feito por pesquisadores do NEPECAB, que apontam metodologia para estabelecer tipologia de cidade na Amazônia. Obedecendo a critérios para além da classificação de instituições como IBGE, e os estudos do Regic (2017) classifica as cidades tendo o índice demográfico como pressuposto principal.

Porém, outros fatores são necessários a serem levados em consideração para classificar cidades na calha dos rios (SCHOR, 2011, OLIVEIRA, 20011) e (SCHOR et al 2016). Outros critérios apontam uma classificação e tipologia de cidade na calha de rio, que considere a importância da cidade na região de influência e a relação a partir da participação na rede a qual manifesta relação de troca de serviços.

Análises dos núcleos de pesquisas regionais adotaram critérios a partir da importância na rede da calha o qual está instalada para a classificação de cidade, dinâmica populacional, variável histórica, relações intra e interurbana, serviços e comércio, arrecadação de imposto, insumos para cesta básica regionalizada, produtos extrativistas e infraestrutura urbana (OLIVEIRA, 2011).

Diante dos requisitos estabelecidos, esses fatores devem ser levados em consideração na tipificação de cidade, diante do papel na rede urbana de calha do rio. Essas aplicações dos critérios podem ser utilizadas em Pauini por funcionalidade na calha do rio Purus (metodologia foi aplicada no estudo do NEPECAB na calha Solimões/Amazonas).

A partir da aplicação metodológica, Pauini seria classificada como “cidade especial”, tal como consideraram Schor (2011) e Oliveira (2011, p. 20). Ela distingue-se:

Pela ausência de infraestrutura que possibilite exercer plenamente as funções urbanas e por suas localizações geográficas, que tornam mais complicadas a relação delas com a calha central do rio, tornam-se dependentes das cidades médias e pequenas de responsabilidade territorial (Schor & Oliveira, 2011 p. 2011)

A dinamicidade da cidade na Amazônia recriou redes de movimentação intrincadas e compostas por circulação, por modais de transportes arcaicos e modernos em um cenário

revelador do papel de cada cidade na rede urbana, à medida que a estrutura avança, entre pessoas e produto, gerando teia do consumo (CASTELLS, 2000).

Segundo Marinho & Schor (2009), a floresta amazônica aparece “sinônima” ao ser analisada como ecossistema, apresenta características homogêneas cercadas por rios e floresta. Gonçalves (2001) aborda uma discussão sobre a Amazônia a partir da pluralidade do ordenamento territorial, redimensionando a lógica e o diversificado planejamento urbano. Considerando a urbanização na Amazônia é heterogênea, convergindo em várias Amazônias, ou Amazônias.

A pluralidade da Amazônia dá-se pela construção de cidades em contexto de exploração de recursos naturais e extração produtiva no território sobre padrões tradicionais que exploram recurso até os dias atuais, retirando do “rio/várzea/floresta”, o que difere o conceito de cidade. A urbanizada tem padrões idênticos baseados em projetos de grandes empreendimentos estatal ou privado com “rodovia/terra-firme/subsolo” (GONÇALVES, 2001).

Os modais de transporte aquático formam parte dos Sistemas Territoriais Urbanos Ribeirinhos – STUR (BARTOLI, 2017) uma diversidade composta por Batelões, balsa, balsinha, ubada e canoa que trafegam nebulosamente por rios, lagos, durante o período sazonal do rio na Amazônia, transportando produtos e pessoas entre diversos lugares, um circuito de carregamento de serviços e coisas.

Todavia, o sistema de transporte urbano é composto, em parte, por serviços intraurbanos automotivos (carro, caminhões e motocicletas) que circulam dentro da cidade, transportando serviços e pessoas em ruas parcialmente pavimentadas expostas na rugosidade e ao caótico da urbanização incompleta.

A rede urbana que compõe o sistema territorial urbano ribeirinho (BARTOLI, 2017) é composta por uma estrutura de rede e conexões com diferentes modais de transporte fluvial por estruturas e serviços. Dando a lógica do sistema que se complementa em parte urbana, mas o que destacamos, aqui, é a complexa circulação de pessoas e produtos por modais fluviais que ligam os centros de decisão urbana por rios e lagos, o qual finaliza com circuito e com integração dos serviços urbanos por meio de uma economia popular.

Durante a visita técnica em campo, foi notória a divisão do transporte de passageiro regulamentado por sindicatos e associações. Presente na cidade na sede urbana, na cidade de Pauini, localizada em um terreno de relevo íngreme, notou-se o uso frequente de carro para o transporte de serviços, na cidade destacam-se os serviços de moto táxi, moto boy e carro de frete.

Os serviços de moto táxi e carro de fretes é comum nas demais cidades no estado do Amazonas. Já o serviço de moto boy trata-se de biotipo menos frequente nas cidades da calha do rio Purus. Esse modelo por associação é exclusivo de Pauini na calha do Purus, sendo feito por uma moto (no modelo Honda de 125 a 150 de potência de velocidade) com uma carroça adaptada para ser puxada pela moto (ver na figura 28) com capacidade para arrastar 150 kg nas ladeiras da cidade.

**Figura 29:** Carroça do Motoboy



**Fonte:** Arquivo de Campo 2021.

O modelo exposto na fotografia é comum na cidade, tendo nela uma associação de Moto-Boy com 25 (vinte e cinco) associados, os quais prestam serviços em toda cidade, no valor de 12,00 (doze reais). Vale ressaltar que ao moto boy é permitido, por estatuto local, somente o tráfego de carga, sendo proibido transporte de passageiros. O moto boy se difere dos demais lugares por usar carroça.

A categoria dos motos táxis levam somente passageiros, os serviços durante o dia custam um valor de 5,00 (cinco reais) e durante a noite passa a ser cobrado um valor de 7,00 (sete reais) por corrida. Os carros que fazem frete compõem outro modal de transporte de carga e pessoas de carros modelo pampa. Transportam por valor de 20,00 (vinte reais) para qualquer lugar da cidade (*ver na tabela 05 os valores dos transportes*). Foram notórios os

conflitos entre as associações e a divisão dos serviços prestados no tocante à regulamentação de carga e passageiros.

**Tabela 5:** Modais de transporte da cidade de Pauini

MODELO	MEMBROS	VALOR
Moto boy	25 Associados	7,00 reais
Moto táxi	25 associados (mais 25 suplentes)	5,00 reais (dia) 7,00 (noite)
Carros de frete	20 Associados	20,00 reais
Caminhões de frete	10 Associados	40,00 reais

Org. Almeida, 2021

Tais modais de transporte, além de conduzirem pessoas, abastecem no dia a dia mercado de consumo (feira, mercado e comércio variados), aquecendo a economia popular com atividades que fomentam a demanda urbana dos recursos vindos de outras cidades ou da zona rural. Estas são capazes de formar movimentação na rede de circulação comercial do Médio Purus.

O espaço torna-se fluido, permitindo que os fatores de produção, e o trabalho, os produtos, as mercadorias e o capital passam a ter uma grande mobilidade (SANTOS, 1993). O transporte urbano ribeirinho, característico da cidade, constitui uma modelagem hibridizada por modais diversos e estrutura de serviço. Tipos de articulações entre cidade e a área de influência redefinem formas-conteúdos e processos que reorganizam o caráter urbano na Amazônia (BARTOLI, 2018).

Para Santos (1993), a urbanização no Brasil ocorreu de maneira desigual partindo do princípio da industrialização como correlação da produção desenvolvimentista do espaço geográfico, condicionado ao índice demográfico e à melhoria das estruturas de transporte, o que ascenderam definição do fenômeno urbano, levando em consideração a localização estratégica das cidades.

A cidade de Pauini remodela aos grandes centros de produção espacial geográfico e configura uma organização territorial na calha do rio Purus puramente, dependente de outras cidades. Formando complexidade sobre sua existência na calha do rio, essa discussão merece metodologia diferenciada capaz de entender a correlação da cidade entre urbanização e globalização que na Amazônia caracteriza dubiedade.

### **1.8.Cidade rios redes: análise da rede e movimentação no espaço**

A análise sobre o perfil urbano da cidade de Pauini permitiu observar diferentes modais de transporte fluvial e terrestre, adaptados para o dia-dia do circuito comercial na cidade, através das anotações da pesquisa de campo nos bancos de dados dos órgãos governamentais (Prefeitura e Secretaria de Obras, Transportes e Serviços Urbanos) durante a pesquisa de campo no centro urbano do município. Pôde-se contestar que os serviços oferecidos são apenas o básico com uma estrutura urbana precária, produzindo uma rede de serviços compartilhados. Parte do serviço básico em Pauini é realizado em cidades adjacentes, gerando um fluxo por oferta de serviços.

Apesar da pouca base de dados e estudos sobre a região do médio Purus, a metodologia utiliza material coletado em campo e estudos feitos por instituto brasileiro (IBGE, REGIC). Os estudos realizados pelo Regic (2017) discutem a região influenciadora de serviços oferecidos por centros de responsabilidades territoriais (OLIVEIRA, 2013) às cidades adjacentes, classificando tipologia de cidade a partir da influência na região de confluência e serviço prestado por estrutura econômica.

Pesquisas realizadas pelo núcleo de estudos sobre cidades – NEPECAB – corroboram teoricamente e metodologicamente, compreendendo sobre a dinâmica urbana da cidade ribeirinha. Os textos de Lobato Corrêa (2006) sobre periodização da Amazônia são primordiais, pois descrevem os circuitos econômicos em diversos períodos, evidenciando o processo de construção da rede urbana na Amazônia.

São elementos que modelaram estrutura urbana, propiciando modo de vida alternativo, por introduzirem no território curso da difusão urbana global sem qualquer critério preexistente, segmentando a divisão do trabalho, criando dependência de serviços complementares, atualmente, e dando uma nova reconfiguração nos sistemas territoriais e necessidades de outros serviços urbanos (TRINDADE JR, 2013).

A maioria dos serviços urbanos nas cidades frente a novos arranjos sociais tornam-se incompletos para compreender a demanda populacional da cidade na calha do rio Purus, aqui podemos destacar os serviços de saúde, comércio e serviço bancário para entender a relação estrutural da cidade de Pauini com as demais cidades da calha do rio. A rede é constituída por pontos ou nódulos que são prestações de serviços, mais evidente nas relações comerciais (BARTOLI, 2017).

A abordagem utilizará dados coletados na pesquisa de campo realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, na cidade de Pauini. Concomitante a isso, utilizamos, neste

tópico, serviço, comércio, saúde e serviço bancário, embora existam outros capazes de se buscar, entender a importância de Pauini na rede urbana na calha do rio. Todavia, a relação comercial e a precarização da saúde merecem ser discutidas, minuciosamente.

Durante a pesquisa de campo, o serviço de saúde foi o que mais despertou atenção do trabalho *in loco*, entre os diversos serviços, sem dúvida esse foi mais agravante no município. Valer ressaltar que, neste momento, ao escrever esta dissertação, passamos por uma pandemia (novo Coronavírus Sars-Cov2 – COVID-19) que assola toda a humanidade. Salientamos a importância ao destacar esses dias dolorosos durante esta pesquisa como um registro importante, trata-se do tema sobre saúde, mesmo que seja em logística, o que torna preocupante a condição de saúde em Pauini.

A abordagem visa abranger toda a extensão do município de Pauini, levando em consideração sujeitos residentes na zona rural e urbana, absolutamente, todos os habitantes (mais de 19 mil) que dispõem de três (3) unidades básicas de saúde e um (1) hospital regional com ausência de profissionais em áreas específicas.

Esta pesquisa busca entender o funcionamento dos serviços de saúde delineando aspectos dos serviços prestados aos sujeitos. Nesse contexto, salientaremos as minúcias do sistema de logística na remoção de pacientes de quadro grave de saúde, para melhorar entendimento da pesquisa. Durante janeiro e fevereiro de 2020 e retomada em 2022, foram realizadas visitas técnicas no Hospital Regional de Pauini e na casa de apoio, em Rio Branco, onde estavam pacientes emergenciais e casos de violências grave que exigiam maiores cuidados específicos e até pequenas cirurgias.

No entanto, a cidade vive em constante movimento das relações cotidianas, é o espaço das mais simples às mais complexas relações vivenciadas no dia a dia (CORRÊA, 1993), onde eventuais problemas de saúde podem ocorrer, em qualquer momento e o sistema de saúde não dispõe de estrutura suficiente para atender a demanda. O que não é um caos isolado do município de Pauini, mas da maioria dos municípios amazonenses.

O processo de urbanização nas cidades do estado do Amazonas produziu mudanças espaciais significativas, mesmo em tempos lentos (SANTOS, 2006). Modificações foram nítidas na infraestrutura moldando e sendo moldadas. Entretanto, a estrutura de saúde apresenta déficit de equipamentos necessários para o atendimento especializado, e também caracteriza ausência no quadro profissional. Isso devido à logística para chegar à cidade e à baixa oferta de entretenimento na cidade pacata, invisível no meio da selva. Poucos médicos habilitam-se a residir permanentemente na cidade, os dois médicos cirurgiões permanecem apenas por 15 (quinze) dias na cidade, alternando-se durante os 30 (trinta) dias do mês.

A maioria dos médicos prestadores de serviço em Pauini e na região sudoeste do Amazonas tem naturalidade de países latino-americanos próximo do Brasil, (de nacionalidade peruana, é a mais comum), sobretudo médicos cirurgiões capazes de realizar cirurgia simples de menos recursos (apêndice, parto cesáreo e outras de pequena e média complexidade). Em caso de cirurgia emergencial de maior complexidade, o paciente precisa ser removido, do hospital de Pauini, para outra cidade.

É um agravante processo de logística quando se trata de remoção de paciente com complicações de saúde de alta complexidade. A remoção somente pode acontecer durante o dia devido à ausência de um aeroporto adequado para vôos noturnos, quando acontece a remoção é em um avião simples monomotor para voos comerciais. Sem o devido cuidado necessário no atendimento ao paciente.

Nestes casos de alta complexidade, o paciente deveria ser removido para outro hospital estadual ou privado com melhores condições de atendimento. Entretanto, os hospitais mais bem preparados para os devidos cuidados ficam na cidade de Manaus distante de Pauini 913 km, com três horas de vôo. De acordo com a direção do Hospital Regional, o estado do Amazonas possui apenas 03 (três) unidades de tratamento intensivo (UTI) móvel (todas em Manaus) para atender a demanda de 62 (sessenta e dois) municípios de todo o estado.

No caso de Pauini, no sudoeste do estado do Amazonas, quando a necessidade de atendimento for em domicílio, devido ao quadro crítico de saúde, o deslocamento de paciente necessita de maiores cuidados médicos. E é quase sempre destinado ao município para que tome providências para salvar vidas, deslocando esse paciente para a cidade de Rio Branco (capital do estado do Acre), pois possui melhores condições de estruturas hospitalares e profissionais da área.

Nesses casos extraordinários de saúde, a prefeitura de Pauini, por meio da Secretaria de Saúde encaminha o paciente para Rio Branco como já mencionado, onde o município e o Governo do Estado do Amazonas têm parceria firmada com o estado do Acre para atendimento de Saúde, através do sistema de saúde para atender municípios do sudoeste do Amazonas que fazem divisa territorial com Acre (SECRETARIA DE SAÚDE, 2021).

A Secretaria Municipal de Saúde autoriza o médico fazer um documento de encaminhamento (ver na figura 29), declarando o motivo pelo qual está encaminhando o paciente para outra cidade, posteriormente, é encaminhado para assistência social que analisa as condições socioeconômicas do sujeito e cederá, de acordo com as condições sociais e econômicas dele, passagem, hospedagem e alimentação, durante o trânsito do sujeito na cidade de Rio Branco-AC.

**Figura 30:** Modelo de encaminhamento médico




GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS  
 SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE  
 UNIDADE HOSPITALAR DE PAUINI

Para: Fundhaeu

**ENCAMINHAMENTO MÉDICO:**

Encaminho o(a) paciente Omar Mamed Neto

de 21 anos de idade, para avaliação e conduta

terapêutica pelas especialidades de Ortopedia

do Hospital de Pauini

Imp. Diag: 1- Distensão muscular

2- \_\_\_\_\_

3- \_\_\_\_\_

4- \_\_\_\_\_

5- \_\_\_\_\_

Pauini/AM, 29 de Setembro de 2021

  
 Médico CRM

Rua Omar Mamed, s/n, Bairro São Francisco,  
 PAUINI/AM, CEP: 647.295/0033-00  
 CIES N.º 2018381

Secretaria de Estado  
 de SAÚDE



**Fonte:** Secretaria de Saúde, 2021.

O documento chamado “encaminhamento médico” segue o protocolo que é regido pela lei municipal (Lei n.º. 211/2010 de 19 de novembro de 2010) e dispõe de atendimentos aos portadores de doenças crônicas e emergências dos casos complexos. Nesse contexto, é feita uma análise das condições de vulnerabilidade social para aplicação dos trâmites legais previstos em lei, que garante, além da alimentação e hospedagem, um valor em cifras de real, debitado na conta do paciente ou acompanhante.

Segundo Raffestin (1980), “o homem criou prisão para si próprio”, toda estrutura é pensada obedecendo a um ordenamento territorial subjacente, o que faz dos trabalhadores

agentes sociais que modificam a estrutura espacial sobre as circunstâncias dependentes. Raffestin (1980, p. 150) afirma que:

A partir de uma representação, os atores vão proceder à repartição das superfícies, à implantação de nós e à construção de redes. É o que se poderia chamar de "essencial visível" das práticas espaciais, ainda que malhas, nós e redes não sejam, sempre diretamente observáveis, pois podem pura e simplesmente estar ligados a decisões (RAFFESTIN, 1980, p. 150).

As representações expressam a materialidade física, ou seja, os fixos grupos que ocupam o espaço material de acordo com modelo, gerando “nós” ou pontos que estabelecem fluxos observáveis conectados diretamente à dependência ou indiretamente prestação de serviços. Para Castells (2000), as redes incorporam relação cultural, econômica e social interligadas por acesso a informações instantâneas, aspectos da globalização, reconfigurando novas relações espaciais.

Nas cidades na Amazônia onde o acesso é mais difícil, a globalização tem se manifestado por meio de uma urbanização difusa, expressa na paisagem natural e na modificação do espaço. Dessa forma, manifestam ordenamento como reserva de capital futuro, constituindo uma tese de região atrasada e com baixa densidade demográfica. O fator é devido às condições sociais favoráveis aos grupos residentes no território a uma profunda inércia e ausência do estado (RAFFESTIN, 1980, p. 150).

Partindo do princípio da clareza dos aspectos de saúde, é preciso compreender outras escalas globais de modo a entender a rede e o fluxo de pessoas e serviços que constituem “nós” ou região de confluências, por circuito da economia industrial e/ou popular. A rede é classificada como pontos ou “nós” que se interligam por circulação de atividades em circuito de trocas de serviço e informação (OLIVEIRA 2014).

Rede é uma palavra plural que designa vários biotipos de atividade, desde as primitivas relações. A rede de balaço utilizada até os dias atuais para dormir é o tipo comum mais conhecido. Agora, cunha-se o termo navegando na rede “web”, internet invisível e instantânea que liga distintas pessoas ao mesmo tempo (CASTELLS, 2000).

No entanto, o serviço, nesse caso, de “saúde” constitui importante elemento para entender a importância da cidade de Pauini na rede geográfica na calha do rio Purus. O transporte de produtos industrializado modifica a dieta alimentar, sendo a causa de várias doenças, que mantêm a movimentação de pessoas na ativa rede urbana em busca de saúde ou melhores condições de vida, formando movimentações geográficas no território e configurando novas territorialidades. No caso de Pauini, a estrutura depende dos serviços e

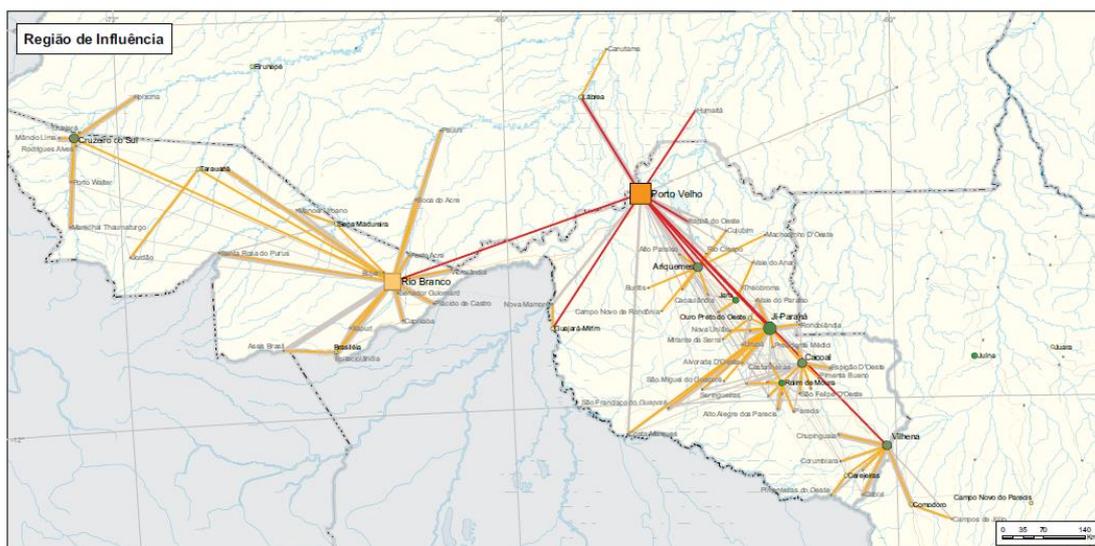
modais de transporte, principais arranjos do hibridizado movimento de busca por saúde, circulando por estradas e rios e diversificando cada vez mais o sistema territorial da rede.

Estudos sobre a rede urbana mostram mudança no curso da relação, às vezes esses estudos até extrapolam o limite que tinha como hipótese na pesquisa, tal como a abordagem realizada por Schor, Moraes e Carvalho (2010), ao analisar o comércio de bagres na região do médio e alto rio Solimões.

Para alguns autores, as redes temáticas foram essenciais para compreender os processos de justaposição dos nódulos formados na rede que envolve a participação de um centro em várias redes com diferentes funções, articulando diversas escalas. Nesse sentido, demonstramos, adiante dos modais, que a cidade fornece suporte para expansão, dando maior complexidade a essa justaposição de redes (BARTOLI, 2017).

As pesquisas envolvendo a rede urbana na calha do rio Solimões são voltadas para o entendimento do circuito de produtos industrializados, ou seja, a comercialização durante a cheia e seca do rio (lagos e paranás) como fator de interferência no valor comercial aquisitivo de produção, o que não deixa de ser uma prestação de serviço.

A estrutura de circulação de coisas, pessoas (venda e consumo) e serviços básicos cria região de influência, como mostra estudo feito por Regic (2007), para a plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Esse estudo ilustra a região de influência do município de Porto Velho/Rondônia (ver na figura 30), classificado como capital regional (B), comportando, em seus condicionantes, estrutura, serviços e índice de desenvolvimento industrial com posição geográfica privilegiada, dessa forma, ele exerce uma centralidade periférica no sul da região Norte do país. Isso influencia Rio Branco a uma centralidade na rede de média intensidade, de modo a interligar por serviço até a cidade de Pauini.

**Figura 31:** Região de confluência de Porto Velho

**Fonte:** REGIC, 2017.

A capital regional (B), conforme conceitua o REGIC (2017), a cidade de Porto Velho, corresponde à prestação de serviço ao estado de Rondônia, influenciando quase todo o estado do Acre e a região sudoeste do Amazonas. Destacamos como principais serviços procurados a internet, educação superior, saúde e comércio. Essas estruturas criam fluxos conduzidos por modais de transporte, produzindo dependência com outros estados federativos.

A estrutura de serviço atualmente é precária na cidade de Pauini, sobretudo, no que diz respeito à saúde, mas também aos bancos estatais (Banco Brasil e Caixa econômica), instituições que retiram verbas de programas políticos sociais do Governo Federal e Estadual. Em relação aos cidadãos de Pauini, estes só podem ser utilizados na cidade de Boca do Acre, no Banco do Brasil, e Rio Branco, quando destinado à Caixa Econômica Federal.

As variações de volume e distribuição da população correspondem a impulsos de crescimento, épocas de estagnação da cidade sobre o terreno; tais variações têm acarretado modificações do cenário urbano, uma vez que transformações da arquitetura puderam, eventualmente, acompanhá-las (SANTOS, 2006).

A rede de serviço, no que tange ao movimento contínuo de serviço, cria fluxo no espaço geográfico (SANTOS, 2006), fruto de relações hierárquicas entre cidades, componentes da mesma região, mas produção industrial, como no caso dos grandes centros de distribuição (Porto Velho e Rio Branco).

Durante abordagem de campo, nos pontos comerciais, detectou-se o número elevado de vendas ou procura por produtos industrializados como ovo, frango congelado, salsicha e

enlatados (conserva e sardinha). Dois fatores são levados em consideração pelo proprietário do mercadinho: o rápido preparo e/ou preço acessível do produto por classe de baixo consumo. O que aqui vale destacar é que todos os produtos citados são industrializados, vindo de outras cidades, e o elevado consumo do produto propicia condições para movimentos geográficos no espaço reordenando o território e altera as relações e hábitos.

Todavia, levando em consideração o conceito de rede “aberta” e “fechada” de Schor e Oliveira (2011), podemos considerar a rede do médio Purus como rede aberta por fluxo de pessoas e mercadorias, vindo de Rio Branco-AC e Porto Velho/RO. Entre as cidades de Boca do Acre, Lábrea e Pauini, e com estrita relação com a cidade de Manaus-AM, o que abrange o circuito comercial com outros estados e cidades próximas, especialmente as capitais de estado.

Todavia, os elementos fixos são primordiais para compreender o perfil urbano da cidade como instituições que agregam valor institucional na cidade por meio de relações sociais corporativas. Fluxo é o componente importante para entender a dinâmica na cidade e a relação estruturante na rede com uma movimentação de atividades e serviços no espaço geográfico, como no caso da calha do médio rio Purus.

A partir da década de 2000, observamos mudanças na infraestrutura da malha urbana e surgimento de novos bairros. O aparecimento de serviços como o bancário, internet e telefonia móvel, podem ser considerados “tardios” numa lógica de uma escala nacional. Entretanto, é o tempo específico de Pauini, o tempo da sua construção social. E esse tempo influencia na velocidade e profundidade das mudanças ocorridas no espaço urbano. É um tempo lento (SANTOS, 2006), não necessariamente é atrasado, mas que obedece a uma lógica de reprodução própria, a lógica dos agentes de Pauini, envolvidos na dinâmica da cidade.

## **2. O HOMEM, O RIO E A CIDADE**

## **2.1.Os primeiros exploradores no médio Rio Purus**

A tese sobre a região amazônica vem sendo discutida e construída desde as primitivas explorações, ocorridas na região desde o século XVI. As expedições relatam, a partir de crônicas, narrativas e relatórios, os aspectos físicos e humanos na Amazônia, sobretudo no rio Solimões/Amazonas, a partir de observações e coletas de especiarias às margens dos rios, principal via de penetração no território, que, a partir do conhecimento da demarcação e ocupação, caracterizava poder e controle sobre determinado território na região (FROTA, 2017). Estas expedições foram sumariamente importantes para conhecimento da região.

O domínio do território na Amazônia impõe a exploração das riquezas regionais, jamais vistas na Europa, o rio é a principal via de circulação da riqueza encontrada. Tal disputa pelo território impulsionou novos rumos, sobretudo, por novas fontes de riqueza, fazendo do rio caminho de poder e lugar de referência da navegação que eclodia na Revolução Industrial no ocidente, que se destinava à exploração de novas terras, como a Amazônia, após ter iniciado a exploração do litoral brasileiro, encontram e percorre o rio Solimões/Amazonas, posteriormente à penetração em outros rios e afluentes (LEONARDI, 1999).

Ao descrever as principais expedições no rio Purus, ao qual deram início à formação dos primeiros núcleos urbanos não indígenas, é importante salientar que toda fonte de análise se encontra baseada em documentos históricos e atuais sobre os rios da Amazônia. Para simplificar o entendimento dos leitores acerca das primeiras expedições ao longo do rio Purus, antes de aprofundar a discussão sobre o bojo da pesquisa, é preciso citar outras grandes expedições que ficaram como marco para a região da Amazônia, desde o princípio da ocupação à observação não indígena na região, a partir de registro da viagem de Francisco de Orellana, escrito por Frei Gaspar de Carvajal (1542), Pedro Teixeira (1637) e, por fim, por Samuel Fritz (1689).

As primeiras expedições às margens do rio Purus foram percorridas em pequenas distâncias, o que abriu caminho para outras expedições mais longínquas e trouxe maiores riquezas de detalhe sobre o território até então desconhecido, mas já habitado por populações indígenas (FERRARINI, 2009).

Outras diversas expedições aconteceram nos leitos do rio Purus, posteriormente, percorrendo maiores distância e alguns afluentes desse rio, as viagens conduziram as primeiras ocupações não indígenas ao baixo e médio Purus na tentativa de aproximação com os indígenas que ali moravam. As principais expedições que nos deixaram maiores relatos

sobre a geo-história do Purus foram chefiadas por João Cameté (1847), Serafim Salgado (1852), Manoel Urbano (1860), João Gabriel Melo (1689), Antônio Labre (1871). Essas são as principais explorações que aprofundaram a penetração no rio Purus e conheceram detalhadamente nos interiores do rio e seus afluentes, constituindo os primeiros assentamentos humanos não indígena no médio e médio Purus.

Essas explorações conduziram centenas de viajantes a descer o rio e seus afluentes procurando drogas preciosas encontradas somente na Amazônia (salsa, copaíba, cacau e pimenta), essas riquezas despertaram no imaginário um cenário de exorbitante riqueza amazônica, cujo ideário era de terra desabitada no século XIX ou habitada apenas por povos primitivos da floresta, heréticos e selvagens.

O relatório da expedição no Rio Amazonas chefiada por Francisco de Orellana, em 1542, narra, em anotações ao dominicano Frei Gaspar de Carvajal, a passagem pelo imenso rio no dia 31 de maio de 1542 (FERRARINI, 2009; CARVAJAL, 1541-1584), o imenso rio tinha três grandes ilhas na entrada, por esse motivo decide denominar de “rio trindades”. Talvez seja esse o primeiro relato escrito sobre o Rio Purus. Esse relato, por sua vez, está escrito na obra, *Descubrimiento del rio de las Amazonas*, de Carvajal, tornando-se os primeiros relatos escritos sobre o rio Purus em poucas linhas da obra, cuja a pesquisa principal, naquele momento, voltava-se para o rio Amazonas, cujo volume de água era maior, e as riquezas também poderiam ser maior. No entanto, não deixou de anotar e suas páginas, o majestoso rio Trindade, conforme afirma o autor:

Volviendo a la historia, digo que el domingo después de la Ascensión de Nuestro Señor salimos deste dicho pueblo y comenzamos a caminar, y no hubimos andado obra de dos leguas quando vimos entrar por el río outro río muy poderoso y más grande a da diestra mano: tanto era de grande que a la entrada hacía tres islas, de cabsa de las cuales le pusimos el rio de la Trinidad; y en estas juntas de uno y de otro había muchas y muy grandes poblaciones y muy linda tierra y muy fructifera: esto era ya en el señorío y tierra de Omagua, y por ser los pueblos tantos y tan grandes y haber tanta gente no quiso el Capitán tomar puerto, y así pasamos todo aquel día por poblado con alguna guerra, porque por el agua nos la daban tan cruda que nos hacían ir por meio del río; y muchas veces los indios se ponían a platicar con nosotros, y como no los entendíamos, no sabiamos lo que nos decian (CARVAJAL, 1541-1584, p. 66).

Carvajal denota nos seus relatos a imensidão do rio Trindade, no qual, posteriormente, poderiam ser envidas tropas portuguesas para explorar a região majestosa que despertava interesse. Mas, por andar a cargo de uma missão e seus quantitativos de barcos e homens serem pequenos, teria que seguir a exploração do Amazonas, certamente o anseio de explorar o rio Trindade ficou para um momento oportuno, com grandioso volume de água, como

acreditava, os homens de Orellana, que o imponente “Rio Trindade” guardava grandes riquezas nas suas profundezas.

A Missão de Francisco de Orellana continuava subindo rio, e Frei Gaspar de Carvajal fazia suas anotações sobre a geografia e etnografia da região dos rios da Amazônia. Embora Porro (1992) chame atenção para as anotações de Carvajal, em que quase toda a escrita possa ser posta, atesta a veracidade das análises do escritor. Dessa forma, os relatos devem ser levados em consideração como as primeiras fontes supracitadas sobre o Rio Purus.

Esses escritos denotam naquele momento a expansão da navegação no ocidente, mas ainda era lento o processo de evolução dos barcos à vela, era vagaroso o seu navegar sobre as águas. Somente quase um século depois, pelo fim do ano de 1637, o comandante Pedro Teixeira, que realizava uma viagem de reconhecimento de Cameté-Quinto, penetrou algumas léguas de navegação ao Rio Trindade (hoje Rio Purus). Pedro buscava aproximação com alguns indígenas que moravam na entrada do rio, chamados, até então, de Cuchiguarás ou Cuxiauras, pelos indígenas Puru-puru e demais etnias indígenas que habitavam a região da boca do Rio Purus.

O cronista da expedição de Pedro Teixeira, Cristóbol de Acuña escreveu e publicou em 1641 um livro que relatava a descrição dos rios feita pela visão de observador do Padre Acuña, que dedicou parte de seu livro no relato sobre a passagem no rio Purus, afirmando o autor que:

Dez léguas do referido sítio termina a província dos Yorimanes, e, percorridas outras duas léguas, desemboca na banda sul um famoso rio que os índios chamam de Cuchiguará. É navegável, embora em certos trechos com algumas pedras; tem muito pescado, grande quantidade de tartarugas, abundância de milho e mandioca, e todo o necessário para facilitar sua entrada. Está povoado por várias nações que, começando por sua embocadura e prosseguindo rio acima, são os seguintes a dos Cuchiguarás, que tomam o mesmo nome do rio, Camayaris, Guaquiaris, Curyariyayanas, Curucurus, Quatausis, Mutuanis e, finalmente, como remate de todas, a dos Curiguerés que, segundo informações de pessoas que os haviam visto, e que se ofereciam para levar-nos até suas terras, são gigantes de dezesseis palmos de altura, andam nus, e usam enormes medalhas de ouro nas orelhas e no nariz. Para se chegar as suas aldeias são necessários dois meses seguindo de viagem desde a boca do Cuchiguará [...] (ACUÑA, 1994, p. 133-134).

O autor descreve sobre a geografia do rio Purus, sobre o campo analítico por parte da visão na embocadura do rio, que hoje, na contemporaneidade, apresenta outra realidade geográfica apontada nas pesquisas, mas que não deixou de ressaltar a importância das populações indígenas existentes às margens do rio, anterior à ocupação ocidental.

O fato importante ao se descrever sobre o imerso Rio Cuchiguará, quando se relatava a abundância de pescado na região, a farta produção de vegetais do território e a continuidade das lendas existentes até hoje na Amazônia. Nesse momento, inicia-se a primeira análise

detalhada dos habitantes da região, bem como a apreciação mais conceituada do grandioso rio Purus.

Entretanto, a penetração no rio que dará incumbência ao primeiro contato com os autóctones da região ocorreu somente no ano de 1689, por Samuel Fritz, e adentra as primeiras léguas do grande rio “Cuxiaura”, nome como era chamado pelos Indígenas Puru-Puru, principal povo ocupante da região da embocadura do rio.

Dos primeiros contatos com indígenas da região da boca do rio Purus, foi com o povo indígena Puru-Puru ou Paumari, indígenas de características amistosa, chamado por Fritz (1689) de “pacíficos” alguns cronistas, aponta possivelmente uma precoce extinção dos Puru-puru, causada por uma doença de pele, tais características marcantes desse povo, por recepção e informação sobre os seus costumes, lhe foi homenageado com nome do rio, por serem de performance formidável, passando a chamar o Rio Cuchiguará de Rio Purus.

O nome do rio Purus é derivado do tremo Puru-puru, nome dos antigos povos indígenas ocupante da região da embocadura do Purus, hoje o remanescente é denominado de Paumari, que por muito tempo habitou a região da embocadura do Purus, o termo “Puru-puru” segundo Stradelli (2014) provém do Nheengatu, que significa:

Doença da pele, foveiro. É doença muito comum entre os indígenas. A pele se mancha ora em branco ora em preto, e muitas vezes os lugares assim manchados se tornam escamosos e até chaguentos. Parece ser degenerescência do pigmento subcutâneo, devido ao abuso das comidas de peixe, especialmente dos peixes de pele. É doença contagiosa e que se transmite facilmente por contato. Dizem que se transmite também por meio da comida ou da bebida, misturando a qualquer destas um pouco de raspagem da pele atacada pela doença, devendo notar-se que, para algumas tribos, o ser foveiro é sinal de distinção, e as manchas são consideradas como as imagens das estrelas, com que são assinalados os escolhidos pelo sol (STRADELLI, 2014, p. 468).

Vale ressaltar que a doença de pele deu origem ao nome do povo indígena daquela etnia, talvez não sendo, o fator de extinção dos Puru-Puru, que hoje existem como Paumari, remanescentes do subgrupo deste povo que deu origem ao nome do Purus, por estas e outras contradições que Porro (1992) chama atenção para veracidade dos textos dos cronistas. Tal povo destacado como pacífico e amigável, em um cenário montado por crueldade e ambição. Até o século XVII estavam localizados em pequenos grupos desde a boca do Purus até a boca do Ituxi, sendo encontrados também entre o Paraná-Mirin e o Paraná-Pixuna (FERRARINI, 2009).

Outras tentativas de desbravar o grandioso rio Purus, certamente estava em curso por coronéis que visavam explorar aquela região. Segundo Coutinho (1862), até o ano de 1852, o

Rio Purus era pouco conhecido, apesar de sua beleza e do imaginário de guardar enormes riquezas, apenas coletores de drogas dos sertões percorriam pequena distância na foz do rio.

Segundo o jesuíta Sebastião Ferrarini (2009) afirma, no ano de 1847, as primeiras explorações ao longo do rio Purus datam de meados do século XIX. Havendo registros de que nessa época João da Cunha Corrêa (conhecido como João Cametá) viajou muitos dias acima da boca desse rio, até as proximidades da boca do Rio Ituxi. Muito pouco ficou registrado da viagem de João Cametá, pelas ausências dos relatos escritos desta exploração, até, posteriormente, ocorreriam outras expedições de reconhecimento detalhada sobre o rio Purus (PERALTA, 1988).

Segundo Ferrarini (2009), no ano de 1853, Serafim Salgado (o que afirma ser a segunda viagem) inicia a descida sobre os leitos do rio Purus. Ele chefiava em suas comitivas duas canoas, 12 indígenas e mais 12 praças e cabos das forças militares da Província do Amazonas, percorreu naquele momento cerca de 1.300 (mil e trezentas milhas) e trouxe notícias importantes de até onde navegou não havendo trecho de rio encachoeirado como imaginavam ter em alguns fragmentos do rio.

Quando a antiga comarca do Amazonas foi elevada à categoria de província, o primeiro governador enviou o prático Serafim Salgado para o reconhecimento do rio até onde fosse possível a navegação, tendo ele voltado, após ter viajado quatro (4) meses e onze (11) dias, alegando até essa distância achar o rio estreito e com pouco volume de água COUTINHO (1862).

Segundo Coutinho (1862), somente em 1861, o presidente da província do Amazonas, Manoel Clementino Carneiro da Cunha, encaminha Manoel Urbano da Encarnação a realizar uma nova viagem de reconhecimento ao rio Purus, na tentativa de encontrar uma possível ligação entre o rio Madeira e o Purus por suas proximidades, diante de um afluente da margem que fosse possível uma ligação entre os dois rios.

Segundo Ferrarini (2009), a expedição realizada por Manoel Urbano foi, naquele momento um marco, a que trouxe maior riqueza de detalhes em época de pouco avanço tecnológico. O relatório apresentado pelo Engenheiro João Martins da Silva Coutinho, no ano de 1862, estava dividido em cinco importantes partes, com análise da hidrografia, geografia, etnografia da região e estrutura social das populações ocupantes da região, com uma importante descrição e localização dos rios dos afluentes do Rio Purus.

Além do relatório de Coutinho (1862), outro relatório muito importante para reconhecimento da região foi realizado na expedição chefiada por Euclides da Cunha feita em comissão mista de Brasileiro e Peruano, já com arsenal de melhor qualidade de material

tecnológico a corroborar com a viagem, composta por uma equipe de profissional qualificado, era possível extrair maiores informações pelos seus práticos e profissionais (FERRARINI, 2009).

As expedições de Urbano e Cunha tinham o caráter de explorar o conhecimento biológico, geográfico, vegetal, étnico e social da região do Purus. No entanto, havia também coletores de drogas dos sertões, coronéis e comerciante que vinham explorar a região, sobre as vias do mercantilismo, que visavam, na região, lugar de fortuita riqueza de pescados e drogas encontradas somente na Amazônia (TOCANTINS, 2000).

Outros exploradores percorreram a região e contribuíram com importantes análises dos elementos às margens do rio Purus pouco contribuíram com reconhecimento científico que não tinham a incumbência de relatar e descrevem enigmas do território (RAFFESTISN, 1993), mas no intuito de explorar, e estabelecer domínio na expansão território e constitui assentamentos humanos não indígena na região.

Segundo relata Ferrarini (2009), no de 1869, começam a chegar à região os nordestinos trazidos pelo pioneiro comendador João Gabriel de Carvalho e Melo, a navegar os leitos do rio Purus no primeiro navio a vapor subindo o rio, viajando até as proximidades da confluência do rio Acre com o rio Purus.

Seguindo a rota das navegações das campinas do Rio Purus, o coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre, no ano de 1871, desembarca do porto de Manaus, numa equipe de sua chefia, vindo da região do nordeste fugindo da seca severa dos sertões nordestinos e visando fazer fortuna na Amazônia, terra de riqueza e desabitada por populações humanas, no cenário brasileiro da época, estabelecendo-se este no lugar onde hoje é Lábrea. Acompanhado de diversos missionários, o coronel nomeia o assentamento de Nossa Senhora de Nazaré do Rio Ituxi (ALMEIDA e MESQUITA, 2019).

Em 1878, João Gabriel de Carvalho e Melo aprofunda sua penetração nos leitos do Purus com maiores quantidades de nordestino, visando exploração às margens do Purus, através de uma ligação do Amazonas com território do Acre, buscando a produção de drogas pelo alto Purus na fronteira com o Peru ou Acre pelo rio. Nesse ano, desembarcou com vários companheiros no território do atual município de Boca do Acre, na confluência entre os rios Acre e Purus.

Ao destacar os exploradores do Rio Purus, estes tanto buscaram conhecimento sobre os fenômenos existentes na região quanto constituíram lugares de explorações das riquezas naturais. Dessa forma, formaram os primeiros núcleos de aglomerados humanos, não indígenas (FERRARINI, 2009).

Manoel Urbano merece ser lembrado pelos princípios da penetração no rio (CUNHA, 1960), além de ser o primeiro a navegar a muitas léguas no rio, buscando uma ligação inexistente entre os rios Madeira e Purus, estabeleceu sua missão no atual território de Canutama, fruto de sua influência com autoridades da época, emancipando a criação do município de Canutama (COUTINHO, 1862).

Sobretudo, com esclarecimentos acerca de algumas dúvidas que existiam sobre o rio Purus, como uma possível ligação entre ele e o Rio Madeira, o qual, por muito tempo, alimentou a esperança do Governo do Amazonas, o qual facilitaria o escoamento de produção no rio e outro fato de não existência de um trecho de cachoeira como foi relatado pelos primeiros viajantes da região, assim como afirma Coutinho (1982, p. 63):

A importância do Purus é muito grande para que se abandone a ideia do seu reconhecimento. Quando na Europa com tanto interesse se discute a questão do Madre de Dios; quando de lá vêm exploradores de propósito para estudarem essa parte tão interessante da América, não devemos nós, particularmente interessados cruzar os braços indiferentemente (COUTINHO, 1862 p. 63).

A citação de Coutinho, ainda no ano de 1862, afirmava sobre a contribuição que a ciência poderia dar ao ter conhecimento aprofundado acerca do rio Purus, mas até o dia de hoje muitas poucas pesquisas foram realizadas no que tange às mudanças e permanências do “progresso”, sobre diversos fatores possíveis de aprofundamento na pesquisa científica.

Apesar de haver diversas pesquisas sobre o baixo e médio Purus, muito pouco se pesquisou no alto. Para melhor compreensão e análise dos objetos de estudo, a viagem de Euclides da Cunha de (1910, P 37.) ainda é o marco para entendimento da região. A partir da viagem, ele relatou que:

O rio da baixada, a exemplo de todos os grandes afluentes da margem direita do rio Amazonas, o Purus logo ao primeiro lance de vistas, afigura-se perfeitamente estável, como se já houvesse adquirido um perfil longitudinal invariável, resultante de um perfeito equilíbrio entre a força erosiva da corrente e o atrito sobre o leito. Desenrola-se extensíssimo e contorcido em múltiplas curvaturas, algumas muito forçadas, outras em forma de ferradura, até às cercanias de suas últimas cabeceiras [...] um redemoinho apreciável ou um apego profundo lhe denunciem, mesmo em ligeiros traços, a feição perturbada dos cursos de água que ainda preparam seu leito, constituindo-se poderosos agentes geológicos no modelarem os mais notáveis *facies* topográficos. (CUNHA, 1910, p.37)

Conforme os escritos no relatório de viagem que culminou no mais importante livro sobre aspectos físicos, geográficos e humanos sobre a região do Purus, suas análises visavam

delinear as características principais do desconhecido Purus em exterioridades gerais, sobre inexistência do conhecimento, sobre as lentes da geografia em critérios de aprofundamentos.

O fato marcante é que desde primitivas viagens já se visava a uma lendária imaginação do el dorado, pelo caminho da riqueza existente do rio, assim como a possível ligação entre os dois grandes rios por afluentes, ou até mesmo as expedições de estudos científicos como a que levou o engenheiro João Martins Coutinho ao Botânico Willian Chandles, a serviço da escola de geografia Inglesa de Londres.

Nesse sentido, os coronéis de barranco, a partir da descoberta de grandes quantidades de seringueiras (árvore que brotava o látex que produzia a borracha da Amazônia, levando centenas de imigrantes para a exploração dela), formaram os primeiros povoados ao longo do rio Purus. Todas essas explorações contribuíram para a expansão urbana que hoje existe na região da bacia hidrográfica do Purus, onde ficam localizadas as cidades ribeirinhas.

## **2.2.Cuxiuara: o Purus primitivos dos indígenas**

As primitivas ocupações do território brasileiro por populações não indígenas significou inversão ao território habitado por povos primitivos da floresta. A entrada no território intensificou a alteração no modo de vida dos moradores da região, até então, desconhecida, mas que foi, notadamente, classificada como terras desabitadas por civilizações, povo sem cultura constituída apenas povos heréticos e selvagens.

Os diversos povos indígenas que habitavam às margens do rio Purus e seus afluentes adotaram diversas estratégias para a sua reprodução diante do inevitável avanço de seus territórios impulsionado pelo caça e coleta de vegetais. Porro (1992) ressalta que, a partir do ano de 1600, à medida que os portugueses foram subindo o curso do rio Amazonas, em busca de mão de obra para os trabalhos nas fazendas e de exploração das drogas do sertão, as populações indígenas foram sendo dizimadas por doenças introduzidas pelo “homem branco”, outros refugiaram nas matas do interior, subindo rios e igarapés (FROTA, 2017).

Os primeiros relatos de populações indígenas nas proximidades do rio Purus são denotados na expedição de Francisco de Orellana (1542), na passagem sobre o majestoso rio com três entradas, denominado, por esse motivo, rio Trindade. Cavajal (1584) afirma a existência de muitas populações indígenas habitando na embocadura do rio, tal como relata Carvajal (1548) “y en estas juntas de uno y de otro había muchas y muy grandes poblaciones y muy linda tierra y muy fructifera: esto era ya en el señorío y tierra de Omagua” (CARVAJAL, 1541-1584).

Os Omáguas, (homem das águas) como chamou Carvajal (1548), ao se reportar aos indígenas que habitavam sobre casas flutuantes na foz do Cuxiaura, (nome primitivo, como os indígenas chamavam o rio Purus). Os indígenas que moravam naquela região chamaram atenção pelo tamanho alguns chegando a medir quase dois metros e habilidade de moradia submersa sobre as águas a partir de madeiras específicas que flutuavam no leito do rio.

À medida que a ocupação no território avançava às margens do rio Purus, os diversos povos indígenas que habitavam a região adotavam estratégias para refugiar do domínio dos novos ocupantes do território e manter o ritmo de vida conectado à natureza, distante da exploração impulsionado pelo extrativismo e extração de especiarias.

A região do rio Purus chamou atenção dos cronistas tanto pela grandiosidade do afluente do Solimões quanto pelas populações indígenas da região. Nesse sentido, Acuña (1641) escreveu que aquele território:

Está povoado por várias nações que, começando por sua embocadura e prosseguindo rio acima são os seguintes: a dos Cuchiguarás que tomam nome do rio, Cumayaris, Guaquiaris, Cuyariyayanas, Curucurus, Quatausis, Mutuanis e, finalmente, como remete de todas, a dos Curiguerés, que segundo informações de pessoas que haviam visto, que se ofereciam para levar-nos até suas terras, são gigantes de dezesseis palmos de altura, andam nus e usam enormes medalhas de ouro nas orelhas e no nariz. Para se chegar às suas aldeias são necessários dois meses seguindo de viagem desde a boca do Cuchiguará (ACUÑA, 1641, p. 133-134).

Portanto, os primeiros relatos sobre os indígenas da região causam espanto pela povoação dos lugares, suas características marcantes, seus conhecimentos e reverências acerca da natureza, assim como suas formas de adaptação moldadas para sobreviver na região desconhecida por exploradores vindos da Europa (KROEMER, 1985).

Entretanto, os indígenas moradores das margens dos rios, tinham hábitos diferenciados dos europeus recém-chegados à região amazônica. Essas diversas etnias ou populações indígenas foram relatadas por vários cronistas que vinham para a Amazônia realizar pesquisa sobre etnografia, geografia, biologia, e outros conhecimento, faziam anotações descritivas para enviarem a descoberta para a coroa. (LEONARDI, 1999).

Denota-se que, nos vários relatos dos cronistas e escritores que descreveram sobre a região na proximidade do rio Purus, foram encontrados vários trechos escritos referente as diversas populações indígenas de costumes, culturas e características físicas diferentes, assim como modo de vida e habitações diferenciadas. Como, a exemplo, os Omáguas, indígenas que habitavam entre a água e a terra (ACUÑA, 1641). Sobre os Omáguas, Kroemer (1985, p. 17) escreveu:

A terra era dos índios omágua, com tantas aldeias e tanta gente, que o capitão não quis aportar, e assim passaram o dia fazendo guerra. tomaram uma aldeia tão bem situada que carvajal a comparou com um sítio de recreio de um senhor de terra. embora os índios se defendessem, foram vencidos, a aldeia tomada e de grande quantidade de comida foi feita a provisão (KROEMER, 1985 p. 17).

A discursão que Kroemer (1985) transcorre elencada ao povo indígena ocupante do território na embocadura do rio Purus, tanto no relato do povo existente contada por antepassados, como nas narrativas escritas quanto a contextualização da história de populações que viveram na região do rio da Amazônia.

Segundo Kroemer (1985), somente a partir dos primeiros relatos recentes sobre o Purus, de conhecimento do Prático Manoel Urbano da Encarnação, diante de um relatório apresentado sobre o rio Purus por João Martins da Silva Coutinho (1862), há conhecimento geográfico da nova região e abundância de drogas dos sertões, algumas raras existentes de indígenas de etnias hoje sem remanescente ou língua na região do Purus, sendo essa região habitada por populações indígenas antes da ocupação. (FERRARINI, 2009).

Diante da descoberta das drogas amazônicas e do ouro negro da Amazônia (látex da árvore seringueira), inicia-se uma grande invasão no território do Purus. Coronéis que visavam à exploração das riquezas naturais conjecturavam indígenas ocupantes da região como mão de obra para o trabalho de explorar e extrair tais riquezas para comercialização (PRADO, JR 2011).

Essa atividade formava uma via do mercantilismo na Amazônia. Por não conhecerem o traço da cultura indigenista, por não possuírem a cultura do capital de acumulativo, os indígenas não olhavam para a natureza como fonte de riqueza e fortuna, mas como protetora e mantenedora dos alimentos da sobrevivência. Nas aldeias, não existia relação mercantil de troca, vivia-se sem pretexto para acumulação dos bens de consumo (KROEMER, 1985).

Segundo Ferrarini (2009), essa forma dúbia de ver a natureza, entre indígenas e Europeus, provocou um grande conflito entre os ocupantes e os invasores da terra. Com relatos históricos, os europeus, por dominarem a prática da escrita, registraram páginas estereotipadas sobre as populações indígenas como sem cultura, sem vida, sem alma, selvagens e heréticos (PERALTA, 1988).

Tais heterogeneidades desencadearam uma verdadeira batalha sangrenta. Os invasores tinham, em seu punho, arma de fogo, com poder de letalidade e realizaram verdadeiros combates em etnias indígenas que habitavam a entrada (fz do rio) e o interior do rio, muitos indígenas foram totalmente dizimados na batalha pelo território.

Tudo indica que as primeiras viagens de conhecimento e reconhecimento da região do rio Purus não tiveram como viés priorizar os habitantes do lugar, mas diversas aldeias relatadas por Carvajal (1584) e Acuña (1641) parecem ter desaparecidas completamente.

Segundo o explorador Antônio Pereira Labre (1869), o rio Purus teria cerca de 40 mil nativos falando mais de 40 dialetos, os índios que se opuseram à economia extrativista foram perseguidos e exterminados. Dos 40 mil índios do Rio Purus, restaram uns poucos agregados à freguesia do barracão, cedendo lugar a era do labor industrial. Labre ressaltou os nomes de algumas nações que existiram no Purus: Caxarari, Canamari, Guaraio, Apurinã, Huatanari, Puru-Puru ou Paumari, Catauxi, Juma (Curahati), Pacaguara, Caripuna, Pama, Arara, Simarini, Catuquina, Cipó, Jamamadi, Mamori, Ximarimã, Culina, Deni e outros. (FERRARINI, 2009)

O relato do Coronel Labre, como tantos outros, chegaram a afirmar a existência de várias povoações. Como por exemplo, afirma Peralta (1988) que:

En los últimos treinta años, enfermedades, luchas tribales, masacres desencadenadas por los blancos, han diezmado a las diversas tribus. Una de ellas, los yuma, fue aniquilada en 1964, quedando sólo ocho indios, muertos de hambre y viejos, mientras el autor de la masacre vive y viaja como un gran señor por el Purús. Quedó también como legado la sangre derramada de pequeños caucheros, castañeros, *sorveros*, que murieron en conflictos con los indios. El principal problema, la posesión de la tierra, quedó sin resolver. Existen aún unos 3.000 indios, apurinás, jamamadís, paumarís, jarawaras, denís, zuruahás y otros pequeños grupos que sobrevivieron al avance violento del hombre blanco. Nunca se planteó la legalidad de esta invasión, aunque fue legitimada por leyes que protegían la penetración, ocupación, colonización y usurpación de tierras indígenas, hasta el exterminio de su sistema social y económico, así como la destrucción de sus valores culturales y religiosos (PERALTA, 1988 p. 6).

De acordo com o autor, a penetração dos invasores à região não conduziu apenas ao conflito, mas também levou para o interior do rio enfermidades letais para os indígenas da região que tinham imunidade baixa diante das novas doenças recém-chegadas com os invasores. Bem maiores que as doenças, foram as ondas de massacre de diversas etnias (PERALTA, 1988).

Para Raposo (1994), as populações indígenas tinham um jeito peculiar de enxergar a natureza sobre lendas, crenças, fé, tendo conhecimentos totalmente diferenciados, vivenciados no dia a dia dos costumes e das crenças, desde a criação do universo e dos conhecimentos de cura medicinal. Os Paumaris, como etnia, tinham maior acesso e facilidade na sociabilidade com o povo vindo de fora. Raposo observou que essa população indígena tinha sabedoria

sobre a cheia do rio olhando ninho do Japim<sup>12</sup>, “quando cheio seria grande pássaro fazia o ninho alto, quando a cheia tinha pequena proporção o ninho era baixo” (RAPOSO, 1994, p. 94).

Os estudos de Frota (2017) destacam que o primeiro contato com indígenas da região da boca do rio Purus foi realizado com os índios Puru-Puru, e a precoce extinção destes foi causada por uma doença de pele, por serem pacíficos de contato formidável, em sua homenagem denominou-se o rio Cuxiaura de Rio Purus visando deixar marcado esse povo na história do Purus. Alguns relatórios apontam que os Paumaris são subgrupos remanescentes dos Puru-Puru que habitava a região do médio Purus”.

Das diversas etnias indígenas mencionadas desde a ocupação primitiva, os habitantes às margens do Purus hoje não são encontrados ou existem poucos grupos indígenas remanescentes na região, segundo Kroemer (1988). No alto Purus, na proximidade entre Lábrea e Pauini, no território de Pauini, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) afirma a existência de populações indígenas Apurinãs e Jamadis, poucos restantes em pequenos grupos. (SCHIEL, 2004).

### **2.3. Como a cidade é discutida na geografia?**

A constituição dos conceitos e das categorias geográficas contribuirá com a pesquisa em questão, sobre a égide do desenvolvimento do trabalho por conceitos e categorização dos conceitos geográficos, aos caminhos que a discursão visa desencadear. Em busca de uma clara compreensão sobre o espaço urbano na modificação da cidade, enquanto produção espacial, é importante compreendermos como esse fenômeno tem se colocado frente à urbanização das cidades.

À luz dos conceitos geográficos, discutiremos a produção do espaço urbano, enquanto ramificação da cidade, sobre diversas obras de pensadores da ciência geográfica que buscaram evidenciar o melhor caminho sobre as evidências do espaço. Nesse contexto, Dardel (2011) concebe o espaço em múltiplas dimensões, sendo os espaços material, teológico, aéreo e aquático múltiplas diversões do espaço, em maneiras de serem compreendidos, na clara dimensão espacial a partir das relações sociais e práticas cotidianas, em espaço geográfico, enquanto produção das relações de trabalho em um dado território.

---

<sup>12</sup> O Japim é um pássaro de penas pretas e amarelas. É bastante conhecido no norte do Brasil, onde também é chamado de xexéu, japuira e joão-conguinho. Também é conhecido em algumas regiões como pássaro tecelão. O Japim não tem canto próprio, apenas imita o canto das outras aves. A lenda, de origem indígena, conta que há muito tempo o Japim tinha um canto maravilhoso, mas acabou perdendo por um castigo, dado por Tupã.

Para Boaventura (2002), a construção do conhecimento deve partir do princípio válido, independente das condições que o tornam possível à expansão de uma análise pura, originária do senso comum, assim sendo, toda ação, por mais simplista que seja, deve ser tomada como ponto de partida para alcançar objetivos, contruindo caminho comprobatório ao método de análise. O conhecimento moderno deve ser contextualizado pelas condições que o tornam possível pela interação entre ação da técnica e da ciência na influência sobre a condição humana dos espaços que se quer buscar entender.

O espaço estabelece diverso entendimento, a partir do ponto que se busca compreensão sobre o desenrolar desse texto, que visa evidenciar o espaço material, enquanto obra das relações sociais, onde se insere a atividade humana e o mundo imaginário, abrindo conteúdo símbolo da liberdade do espírito da arquitetura humana de mudanças espaciais, uma vez que os demais espaços (teulírico, aéreo e aquático) poderiam ser concebidos como espaços primários, mas que envolvem profundas ações de interferências humanas na dinâmica (DARDEL 2011).

Para Santos (2009), o espaço é uma instância social, compreendendo-o como produção urbana circunscrita pela técnica e capacidade de modelação da paisagem, por determinadas relações e organização espacial estruturante. De acordo com Santos (2009, p. 39), “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Desse modo, entende-se que a produção do espaço se dá por meio de uma gama de relações envolvendo um conjunto contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, nas quais a história se reproduz como um conjunto inseparável entre o homem e o meio, norteada pela técnica de produção dos espaços (SANTOS, 2009).

O trabalho humano é capaz de transformar estratificação natural em espaço artificial, essa modelação é possível pelo trabalho que decresce dependendo da escala a partir da técnica e da informação. Santos (2009) conceitua a técnica e a informação conectadas a elementos que compõem a estrutura dos sistemas como arcabouço para condição do espaço urbano, a partir da modificação da paisagem e do trabalho. Conforme os apontamentos do autor, “o espaço é um híbrido a partir de um sistema envolvendo objetos e ações, ressaltada a inseparabilidade entre natural e artificial”, sobre a perspectiva social e econômica do espaço, enquanto produto da obra humana.

O espaço na Geografia é resultado do trabalho humano que produz materialidade por coisificação da natureza que modelam o conjunto de ações resultante do trabalho. Desse

modo, o espaço deve ser compreendido pelos arranjos espaciais diversificados, dependendo do ponto de partida. Para Doreen Massey (2008), o espaço se constitui como entidade aberta em constante movimento de transformação, em múltiplas relações sociais que definem o espaço, mantendo relação plural com elementos da dimensão social que é fundamentada nos critérios heterogêneos. Apesar desse assunto, a pesquisadora afirma que:

O espaço é a dimensão *social* não no sentido da sociabilidade exclusivamente humana, mas no sentido do envolvimento dentro de uma multiplicidade. Trata-se da esfera da produção contínua e da reconfiguração da heterogeneidade, sob todas as suas formas – diversidade, subordinação, interesses conflitantes. À medida que o debate se desenvolve, o que começa a ser focalizado é o que isso deve trazer à tona: uma política relacional para um espaço relacional (MASSEY, 2008, p. 97-98).

Para a autora, a dimensão espacial não se restringe ao sentido da sociabilidade humana e à vivência humana no lugar, mas à diversidade de fatores harmônicos e até mesmo conflitante, nesse contexto o espaço é dialético. Trata-se de elementos heterogêneos produzidos sobre as diversas formas de subordinação, que acompanham o desenvolvimento de uma política econômica e social em construção, à medida que a sociedade se reproduz sobre o contexto material do espaço, sobre verborragia espacial do lugar, vinculada à acumulação de riqueza.

Nesse sentido, Massey (2008 p. 95) “conceitua o espaço como aberto, múltiplo e relacional, não acabado sempre em devir, é um pré-requisito para que a história seja aberta e, assim, um pré-requisito, também, para a possibilidade da política”. Assim sendo, imagina-se o espaço aberto em processo, articulando-se à ideia política do futuro como estrutura sempre em produção e reprodução social.

As relações existentes no espaço urbano, simultaneamente, podem ocorrer de forma fragmentada e articulada, essas relações se manifestam por meio dos relacionamentos cotidianos dos indivíduos de uma cidade que mantém relações espaciais (sociais, econômicas ou políticas), na medida em que o fenômeno discorre sobre cada abordagem a partir das relações interligadas aos indivíduos que coabitam em diferentes porções dos espaços.

Buscaremos, ao longo desta escrita, aludir intenso desígnio sobre a compreensão do espaço enquanto produto social que se difunde, contraditoriamente, pela própria reprodução de seus agentes sociais, a partir da influência da globalização, o que permite a integração instantânea entre diferentes lugares no mundo por redes de comunicações e transportes.

A modificação do espaço urbano tem influenciado diretamente na transformação dos lugares. Desta forma, a reprodução do espaço se configura em um grande crescimento

urbanístico, essas conjunturas do desenvolvimento urbano contribuem para que a cidade se apresente em diferentes modelos paisagísticos (CARLOS, 2009).

Diversos autores projetam no espaço uma esperança a partir de uma espontaneidade reguladora frente ao avanço da técnica. Diante desse apanhado, David Harvey (2004) propõe pensar o espaço a partir de utopismo dialético que leva em consideração o espaço e o tempo a serem incorporados ao pensamento utópico para contextualizar o utopismo hoje. Isso com o propósito de nos instigar a tarefa de sermos “arquitetos do próprio destino da nossa própria sorte”, David Harvey (2004), convertendo a relação de trabalho humano em sementeira na capacidade e potencialidade de articulação, capaz de mudar o mundo e a nós mesmos, sobre um pensamento utópico.

Para o pesquisador, o espaço é historicamente construído sobre uma profunda desigualdade social à medida que a industrialização aumenta, criando espacialidades niveladoras intensificadas pelo processo de urbanização que se projeta dentro da cidade. A urbanização não interfere somente no espaço, mas se integra ao modo de vida urbano como produto de novas horizontalidades. Sobre a perspectiva desigual do espaço, sobretudo o espaço urbano, David Harvey (2004) menciona o espaço da esperança, no qual homem pode construir para o bem comum, a partir de uma solidariedade espontânea, subjacente ao trabalho humano.

A produção do espaço, nesse contexto, compreende o elemento estrutural do circuito da mundialização do capital produtivo, que hoje, na contemporaneidade, representa a produção e reprodução do espaço, criando desigualdade social, na complexa tarefa de conceber o espaço como uma unidade geográfica incapaz de criar fatores que corrobore unicidade social.

A produção e reprodução do espaço abriu caminho para incidirmos o espaço urbano, enquanto materialidade socialmente construída pelo trabalho. Afigurando-se a urbanização como um processo em curso, circunscrito pela evolução da técnica e da ciência, principais estruturas de produção do espaço, sendo preciso compreender a urbanização como uma força motriz no centro da sociedade atual.

Para tanto, a produção do espaço deve ser compreendida e associada às instituições reguladoras e produtoras dos arranjos espaciais. De um lado, a esfera governamental, além de produzir novos arranjos, é responsável por controlar ações políticas e socioeconômicas do Estado que venham a se inserir no espaço. Por outro lado, na atualidade, aparecem as instituições privadas (multinacionais ou corporações), que tomam o controle do território por se tornarem maiores que o Estado, que passa exercer a função reguladora do espaço.

As instituições (Governo, setor público e privado e corporações) que hoje produzem e regulam o espaço devem estar associadas a três planos indissociáveis: o político, o social e o econômico. Sobre o controle do Estado, na contemporaneidade, possui clara incidência da totalidade das forças produtivas vindas do trabalho humano, fonte do capital produtivo, enquanto construção social do homem pelo trabalho.

Paradoxalmente esses fenômenos, induz-se o surgimento de outro processo em curso, a produção do espaço, com claras evidências ao crescimento da urbanização, alicerçando a inovação da técnica pela instantaneidade da informação possível, hoje, no mundo mais conectado, difundindo-se em diversas compreensões a conceber o espaço por diferentes racionalidades em múltiplas escalas.

Portanto, vale ressaltar que a urbanização intensificou o aparecimento de cidade como é conhecida hoje na contemporaneidade, caracterizada por mares de concreto, cercada por arranha-céus nos grandes centros urbanos e movimentação ativa dos meios de transporte, inerente à relação de troca de mercadoria, subjacente ao trabalho.

A urbanização brasileira se constituiu desigualmente nas regiões a partir da intensificação da industrialização parcelar no país, esta fez eclodir a população nas cidades, acarretando crescimento dos serviços. A mecanização do campo expulsou para as cidades populações camponesas (posseiros e pequenos agricultores) que passaram a buscar trabalhos nos novos espaços do processo de industrialização.

Para Santos (2001), a urbanização ocorre na sociedade a partir da industrialização do território, porém, depois de um período que eclode a urbanização seletiva dos lugares ligados à condição moderníssima da evolução social. Toda a história brasileira é a história de uma sociedade agrária de lavradores e agricultores no campo que vai do dinamismo à estabilidade dos novos centros urbanos em formação.

O movimento migratório, ocorrido em diferentes lugares, é um dos principais fatores para entender o crescimento do espaço diante da aceleração dos ciclos da economia baseada, meramente, na agricultura (como a cana-de-açúcar no Nordeste, cafeicultura no sul do país e a derrocada da borracha na Amazônia). A queda dos ciclos eleva os fluxos migratórios nas diferentes regiões do país, como destaca Milton Santos (2001), ao afirmar que a “urbanização brasileira” evolui na cidade a partir do deslocamento do campo para os centros urbanos, criando, assim, novos espaços na cidade com uma camada empobrecida iniciando as seletividades dos espaços.

A urbanização pode ser conceituada, na Geografia, como fenômeno que dá condições para o aparecimento de novos espaços, ou seja, cidades ligadas a arranjos espaciais. Esses

elementos são pontos de partida para compreender a estrutura urbana complexa existente na sociedade, dependendo da escala que busca discutir na cidade, sobreposta à problemática urbana que emerge característica da ausência de planejamento espacial que desencadeia visão estereotipada.

As mudanças no modo de vida engendradas na sociedade produzida pela urbanização dos lugares, expõem o caos nos grandes centros, causando segregação entre as classes sociais, isso porque a urbanização projetou desigualdade no espaço socialmente construído, manifestando-se desproporcionalmente em cada região. (HARVEY, 2004). Para Lefebvre (2001), a industrialização é o indutor da urbanização, é a evolução das máquinas sobre grandes empreendimentos, acelerando o desenvolvimento da urbanização e, conseqüentemente, criando uma problemática urbana.

Tais problemáticas que apareceram nas primitivas cidades são oriundas dos processos de urbanização e se mantêm até os dias atuais de forma crescente, a partir de novas racionalidades. É preciso destacar que os problemas urbanos vão além da cidade, são elementos característicos da vida urbana que se constituem no seio da sociedade enquanto atributo da relação cotidiana. Antes de discutir a cidade e sua conjuntura, é preciso ter noção clara do espaço geográfico enquanto categoria da Geografia e urbanização e como fenômeno acarretador de modo de vida nas cidades, característicos da sociedade atual, ou *modus operandi* que cria cidade.

O fenômeno urbano até pode transcender para fora da cidade, mas ela não existe, sobretudo, na atualidade, sem o modo de vida urbano. O paradigma urbano como estrutura física concretada, chega ao campo junto ao modo sofisticado de relações sociais, referindo assim à cidade. Entretanto, o avanço das redes no espaço, torna-se uma complexidade por pensar na sua amplitude chegando à cidade, igualmente, mas cresce e distribui-se desigualmente, como conhecemos hoje na contemporaneidade.

A cidade é o espaço do concreto, das relações cotidianas, o centro de decisão política e onde se concentram os serviços básicos como a base da economia (escolas, hospitais, bancos etc.) e os serviços públicos e privados oferecidos à população. De modo operante, a cidade é um mecanismo que se produz e reproduz diante dos serviços oferecidos (CORRÊA, 1980).

A cidade se constitui a partir da produção do espaço urbano, tonando pessoas reféns do dilema das sociedades, imposta por leis e normas a cumprir, criando verdadeira vivência e relações cotidianas. Corrêa (1980) considera o espaço urbano lugar das mais simples relações às mais complexas existentes no interior da cidade, embutidas nas relações sobrepostas na

economia, política e outras estruturas, das mais simples, como comprar em supermercado, ou acessar serviços ofertados na cidade.

Para Carlos (2007 p. 19), “a cidade é um acúmulo de conhecimento que apresenta a cidade como obra da civilização, bem como lugar de possibilidades sempre ampliadas para a realização da vida humana”. Todavia, sendo um desafio compreender a cidade na sua totalidade, buscando, entender, a partir de critérios, a funcionalidade em cada região, como bem frisa a referida estudiosa, a cidade é lugar das relações cotidianas, sobreposta a uma problemática urbana, reveladoras de níveis de racionalidade analisada enquanto realidade material (CARLOS, 2007).

Podemos destacar aqui três critérios indissociáveis que se inserem na cidade. Primeiro, enquanto construção material, o plano “político” sobre o domínio do Estado, como espaço produzido a partir da dominação normatizada. Segundo o plano “econômico”, cuja cidade é produzida como ação produtiva do capital mediada pelo trabalho remunerado sobre o espaço. E por fim, o terceiro, representado pelo “social”, que corresponde à relação da cidade com o vivido, percebido e concebido, sob a perspectiva humana das relações, elemento central da vida humana (CARLOS, 2007). Como ainda destaca Carlos (2007 p. 20-21):

A análise espacial da cidade, no que se refere ao processo de produção, revela a indissociabilidade entre espaço e sociedade, na medida em que as relações sociais se materializam em um território real e concreto, o que significa dizer que, ao produzir sua vida, a sociedade produz/reproduz um espaço através da prática sócio-espacial. A materialização do processo é dada pela concretização das relações sociais produtoras dos lugares, esta é a dimensão da produção/reprodução do espaço, passível de ser vista, percebida, sentida, vivida. O homem se apropria do mundo através da apropriação de um espaço-tempo determinado, que é aquele da sua reprodução na sociedade. Desloca-se, assim, o enfoque da localização das atividades no espaço, para a análise do conteúdo da prática sócio-espacial enquanto movimento de produção/apropriação/reprodução do espaço da cidade (CARLOS, 2007, p.20).

É preciso interpretar o espaço como um conjunto de ações humanas, com sujeitos frente à atuação social, ligado à sociedade local por serviços básicos, agrupando a sociedade global, servindo como fundamento operante da compreensão real da espacialidade. Dessa forma, permite a transformação espacial a serviço do homem e não do capital, portanto, a história da sociedade se insere no espaço contraditório (entre trabalhadores e patrões) (SANTOS 2009).

A cidade é produto de uma racionalidade humana, ou seja, é composta por uma filosofia social de múltiplas dimensões (CARLOS, 2007) que induz cada vez mais um modo de vida heterogêneo, dependendo da escala, a qual a cidade está inserida, refletindo na

qualidade de vida sobre uma problemática urbana, criando desigualdades sociais na forma dúbia da urbanização enquanto produção do espaço.

Crítérios e serviços constituem a cidade como um lugar da dialética e como um espaço contraditório que foi, historicamente, construída, quanto menor a cidade maior é a singularidade local e maior a heterogeneidade global, pois analisa critérios que devem ser levadas em consideração, ao estabelecer tipologia de cidade dentro de cada região do país pelo papel desempenhado na relação com a rede urbana.

Carlos (2011, p. 53) compreende “a cidade nessa dimensão como a sociedade se apropriando do mundo, enquanto apropriação do espaço, no tempo determinado”, aquele de sua reprodução continuada do espaço a se realizar como aspecto fundamental da reprodução interrompida da vida humana.

O espaço urbano, enquanto materialização da vida, constitui a cidade em aglomerados humanos cercados por ações, sistemas e serviços que congratulam a cidade, o espaço da heterogeneidade nas estranhezas do espaço. A interpretação geográfica elucida a cidade sobre as lentes da geografia formando uma unicidade.

Nesse contexto, entre os elementos que acenam a produção e reprodução do espaço como produto criado da cidade, nas múltiplas relações sociais do lugar, o lugar, como um espaço e produto da cidade, torna centro das relações sociais de convívio, inerente ao sentido harmônico e conflitante entre os sujeitos que fazem da cidade lugar do encontro e das práticas cotidianas.

A pesquisa busca elucidar e compreender a cidade pela percepção geográfica, e a importância da cidade na rede urbana, o que induziu alguns poucos pesquisadores, a constitui o conceito singular para as cidades, sem levar em consideração critérios singulares e diversidade regional característico de cada região.

Diferentes olhares caminham sobre o entendimento que busca interpretar sobre os achados das cidades. É primordial não se desviar da tentativa teórica que aqui pressupõe a cidade como uma selva de pedra, cercada por prédios arranha-céus, com aeroporto e contínua movimentação entre chegada e saída de aviões; dos portos da cidade saem luxuosos barcos, contêiner levando toneladas de insumos dos grandes centros urbanos; as metrópoles e megalópoles, que nunca param, da ativa movimentação dos automóveis emaranhados, entrelaçados, separados, apenas por limites geográficos.

Ou nas médias cidades industrializadas marcadas por sua indústria, seja mecanizada ou agrícola e pelo alto grau de intensificação da produção, ligadas por estradas que geram um fluxo de carros e circulação da economia pela produção dos bens de consumos para atender o

mercado regional ou para exportação, o fato é que a cidade é percebida por essa engrenagem de relações contínuas.

Alicerçada pelas torres de telecomunicações que, na atualidade, expressam o sinal mais visível da globalização dos tempos modernos, provocando significativas mudanças, no modelo de sociedade, oriundas da aceleração do tempo pela informação dos lugares (CASTELLS, 2000).

Por vários fenômenos ou acontecimentos existentes na cidade, acontecimento do banal, mas também real, divergente, mas que são interligados pelos sujeitos que se relacionam nos dados lugares diferentes por via global de comunicação. As construções arquitetônicas ultrapassam a dimensão espacial, oriundos dos crescentes processos de verticalização do espaço, nos grandes centros urbanos.

Mas esses não são, expressamente, critérios que marcam as cidades ribeirinhas da Amazônia brasileira, com exceção de Manaus, capital do estado do Amazonas, território o qual a pesquisa visa desencadear, mais especificamente na calha do rio Purus na cidade de Pauini.

A cidade ribeirinha ao ser avistada a primeira impressão pode ser entendida como expressão do atraso, aforada pela paralisação do tempo, as cidades ribeirinhas chegam-se quase sempre pelo rio, vagarosamente nos diferentes barcos, voadeira, expresso ou ubada, depende de onde vem, é a condição do sujeito que viaja por rios da Amazônia sobre os leitos dos lendários rios.

As cidades expressam a desordem ao primeiro contato de arruamento caótico, falta de saneamento básico, improvisação de toda ordem parecendo que tudo é inacabado, a maioria das cidades, ainda hoje, não possuem um porto de embarque e desembarque adequado às condições sazonais dos rios da região.

Mas, a primeira visão não pode ser tomada como única, verdade e capaz de evidenciar a cidade como lugar do precoce envelhecimento das marcas rugosas visíveis na cidade, uma segunda visão que não pode ser única na cidade, nos diante da percepção da realidade dos sujeitos que se relacionam na cidade ribeirinha, ao modo de vida na inseparabilidade do homem da natureza.

O homem na cidade ribeirinha vive na natureza e da natureza retira seu sustento. Os rios e a floresta são fontes de existência no lugar de vivência das práticas cotidianas, a várzea é o local do plantio da roça (roçado de mandioca), já os rios são as principais vias de ligação entre as cidades, manancial do pescado, de onde se retira o peixe, principal alimento da dieta amazônica.

A cidade da Amazônia, cada vez mais distante, necessita de pesquisa para que construa novos apontamentos metodológicos que permitam uma compreensão clara das suas relações que conectam a cidade entre as relações dos sujeitos, e os grandes monumentos da materialidade, social e historicamente, construídos.

Na Amazônia, as cidades, além de difundirem-se nas relações socioespaciais, aparentam uma inseparabilidade entre o rural e o urbano, mesclando-se nos elementos que se constituem nos alicerces da cidade.

Os produtos oriundos do meio rural, como hortaliças plantadas dentro de canteiro na zona urbana da cidade, para o consumo e comercialização instituem intensa ligação entre o homem e natureza no modo de vida das cidades ribeirinhas, na calha dos rios da Amazônia; cada vez mais alto rio maior o grau de ligação entre o homem e o meio natural. A Amazônia se difere das demais regiões brasileiras, pois o único meio de transporte com outras cidades é apenas pelo rio, como via de circulação entre pessoas e mercadorias que compõem a estrutura territorial dos sistemas ribeirinhos (BARTOLI, 2017)

Entretanto, cidades da Amazônia com estrutura das grandes metrópoles, como o caso de Manaus, no Amazonas, e Belém, no Pará, são cidades que nasceram e cresceram oriundas do planejamento vindo para a Amazônia, como hidrelétrica, estradas e exploração de minas. A essas cidades, denotam uma singularidade dependendo da implantação do projeto, levando em consideração o desenvolvimento de cada projeto. O fato é que tais elementos eclodiram novas vertentes, constituindo um novo modo de conceber cidade na Amazônia além da forma desavisada que toda cidade na Amazônia surge às margens dos rios. Conforme aponta Trindade Jr (2013):

Acompanhando esse processo de surgimento de cidades de forma mais induzida, pulverizaram-se por toda a Amazônia centro-oriental cidades que surgiram e cresceram de maneira mais espontânea, sempre acompanhando a expansão de frentes econômicas, induzidas pela presença indireta do Estado, seja através de políticas de créditos e incentivos fiscais, seja por meio de diferentes formas de atração de migrantes. De origem cultural diversa, a população dessas cidades é composta por diferentes agentes dispostos a vender sua força de trabalho ou a investir nas novas atividades que surgiram, assim como por grupos econômicos e investidores de diversas naturezas (TRINDADE JR. 2013, p. 14).

Segundo o autor, o agente econômico induzido pelo Estado constitui na Amazônia projetos desenvolvimentistas, fazendo vilas crescerem espontaneamente, pulverizando cidade que, durante o boom econômico, caracterizam-se como lugares com boa qualidade de vida para os habitantes do lugar, provocado pela expansão econômica local, a fim de exploração do

trabalho e de matéria prima abundante nas adjacências, evidenciando outras formas claras de produção do espaço ou surgimento de cidade.

O cenário da cidade se assemelha quando elementos da desordem manifestam e se conflitam, diluindo-se ao mesmo tempo e se unindo no lugar como palco da contradição, como lugares das relações cotidianas para além de grandiosos monumentos, empreendimento, e tudo mais que caracteriza a cidade como lugar da dialética.

### **3. DE TERRUÃ A CIDADE DE PAUINI/AM**

### **3.1.Rio Pauini sob a ótica geográfica: no período da exploração da borracha**

O rio Pauini é um importante afluente do Rio Purus, situando-se à margem esquerda, durante o boom da exploração da borracha nesse rio culminou-se a formação do município de Pauini. O rio Pauini obteve sua importância, sobretudo, por encontrasse, em suas margens, abundantes árvores de seringueiras com troncos fortes que produziam a mais refinada borracha na região, conhecida como fina-acre.

O rio teve tanta importância na região que seu nome foi dado à sede do município criado e instalado no local denominado, anteriormente, de Terruã. O rio Pauini deriva, etimologicamente, da língua indígena Apurinã que significa: “Pau”: Minha e “Ini”: Morada, configurando significado de “minha morada”, conforme relatos de indígenas antigos sobreviventes de chacinas, ocorridas na luta pelo território.

O contexto histórico da borracha e da exploração de matérias primas da região constitui os primeiros aglomerados humanos não indígenas as margens do rio Pauini, chamados de seringais. Os seringais era o núcleo de produção da borracha, onde os produtores de seringas alavancavam a produtividade da economia gomífera da região.

Para Chaves (2011), a singularidade do seringueiro/ribeirinho com a natureza denota para a existência de alguns aspectos preponderantes que se expressam a partir da prática e do controle das relações sociais, portanto, fonte primária do movimento real sobre a perspectiva ideal sistêmica a uma relação de poder diante do controle da produção e circulação da materialidade.

Vale destacar o contexto de exploração da matéria prima a medida em que o rio Pauini atinge um patamar civilizatório, aleio as condições locais das famílias existente na região. Estrutura projetada por novos ocupantes, que notavam naquele lugar, fontes de riquezas naturais a ser explorada com a finalidade de obtenção de lucro. Para Tocantins (2000), a política de controle do território sobre as riquezas conquistadas era inexistente, predominava a lei do mais forte e mais bem preparado no avanço do território.

Havia na ausência da política de controle da produção em uma indústria que crescia, significativamente, sem levar em consideração a existência de concorrentes futuros que chegavam na região onde a goma elástica era abundante e adentravam em meio à selva, tal ato poderia sofrer indício de contrabando na exportação para outros países que pudessem produzir em escalas, aumentando a qualidade e quantidade da produção (TOCANTINS, 2000).

A falta de controle da produção conduziu baixa qualidade do produto final, a forma de produção sobre as condições subumanas de trabalhos sobre os imigrantes que vinham para

Amazônia trabalhar na exploração do látex da região, contribuiu para esses fatos, além do trabalho resultou na miscigenação na Amazônia alterando modos de vida (CHAVES, 2011).

A Amazônia e o rio Pauini era terra que vivia sobre condições de trabalho escravo, mesmo após sua abolição, a borracha era produzida no Brasil em condições insalubres de trabalho (escravo), (CHAVES, 2011) “cortadores de seringas ou soldados da borracha”<sup>13</sup>, qual chamou o Governo após reconhecer as condições de trabalho desses homens que retiravam da selva sua fonte de vida e sustento da família.

O aparecimento desses trabalhadores na Amazônia, além de contrastes sociais, dos novos ocupantes se misturou com os nativos moradores da região nascendo a assim o caboclo. A imigração para os altos rios da Amazônia não pode ser discutida sem levar em consideração o fluxo migratório nordestino que fugia da seca que assolava populações marginalizadas.

O período áureo da borracha, fase abundante do ouro negro na Amazônia, perdura quase 80 (oitenta) anos, de 1827 a 1910, (BENCHIMOL, 2009) nesses períodos, a produção de borracha atinge os mais elevados patamares da produção do látex, esse ciclo econômico vivenciado na região, onde populações nativas não tinham acumulações do excedente da produção, propiciou o grande êxodo migratório.

Durante o boom da borracha, centenas de imigrantes chegaram à região para exploração dela, esse movimento configura o segundo maior movimento migratório brasileiro superando apenas pela imigração do Pau-Arara, para São Paulo na década de 60 a 80, (FURTADO, 2003) para trabalhar na indústria e busca de melhor qualidade de vida.

Ao discutir o ciclo de exploração da borracha nos altos rios do estado do Amazonas, sem trazer à luz do debate a contribuição nordestina na região e outras nacionalidades, deslocando-se, para explorar e exportar matéria-prima para outras partes do mundo que consumiam os produtos encontrados somente na Amazônia. O fato é que, quer seja os trabalhadores braçais ou donos de propriedades, a produção, iniciada no interior dos grandes rios, era atividade que atraiu massa migratória, começando a formar núcleos urbanos com pequenas características de cidade, elementos da vida urbana chegam aos mais remotos lugares da selva, originalmente desconhecido (BENCHIMOL, 2009).

É preciso exemplificar sob a ótica da compreensão clara dos lugares o circuito de exploração da borracha. Nesse sentido, Benchimol (2009) destaca que o crescente número de nordestino que chegavam à região para trabalhar nos seringais, elevou a capacidade da

---

<sup>13</sup> Homem que trabalhava no corte das árvores de seringueira que produzia o látex que produzia a borracha.

produção e o monopólio para outros afluentes do rio Amazonas, outros grandes rios como Juruá e Purus, passaram a serem territórios de desejo e cobiça a conquista da borracha.

É inegável a contribuição de populações/imigrantes externa vinda para a região, visando trabalhar nos seringais na extração do látex da borracha. Nesse contexto de produção e exploração, o grande ecúmeno populacional deu surgimento aos núcleos urbanos, constituindo os primeiros assentamentos humanos, características meramente regionais, casas feitas de madeira local, coberta de palha de cocos regional, “coco jací” encontrado na mata Amazônica.

A dieta alimentar baseada em carne de animais silvestres e do abundante pescado, constituído pela diversidade e qualidade de peixes encontrados na região tropical de floresta fechada, esses pratos eram acompanhados com raízes da mandioca, (RAPASO, 1994) raiz que originalmente se produz a farinha de mandioca costume bem diferente da região nordestina, pois apresentava variedade regional típica de secas da caatinga. A região do Rio Purus vivia em tempos lentos, adaptáveis às populações originárias, nela introduzido outro costume social.

Sobre essas precárias condições, emergiam assentamentos urbanos na proximidade do Rio Pauini, com o intuito de explorar ainda mais a borracha do rio Purus, com possibilidade de explorar maiores quantidades de borracha diante da nova demanda no auge da Segunda Guerra Mundial, (FARTADO, 2003) provocada pelo bloqueio do mercado asiático sobre a exportação da Malásia.

Paralelamente, a procura por novos locais de exportação da borracha chega à proximidade de região. Encontrava-se, nesse território, de acordo com moradores antigos que ainda vivem hoje na cidade de Pauini, “árvore de seringueira que chama atenção pelo tamanho do tronco e tanto de leite que saía do corte da seringueira”, essa boa qualidade da seringueira logo chega a ser notícia na comarca de Lábrea.

Tal notícia chega, oportunamente, atraindo os coronéis da borracha, que, na incessante luta de aumentar o arsenal de produção da borracha, (CHAVES, 2011) determinaram a condução de centenas de trabalhadores da seringa para explorar o látex na proximidade do estado do Acre, sobre o pretexto de explorar a matéria prima.

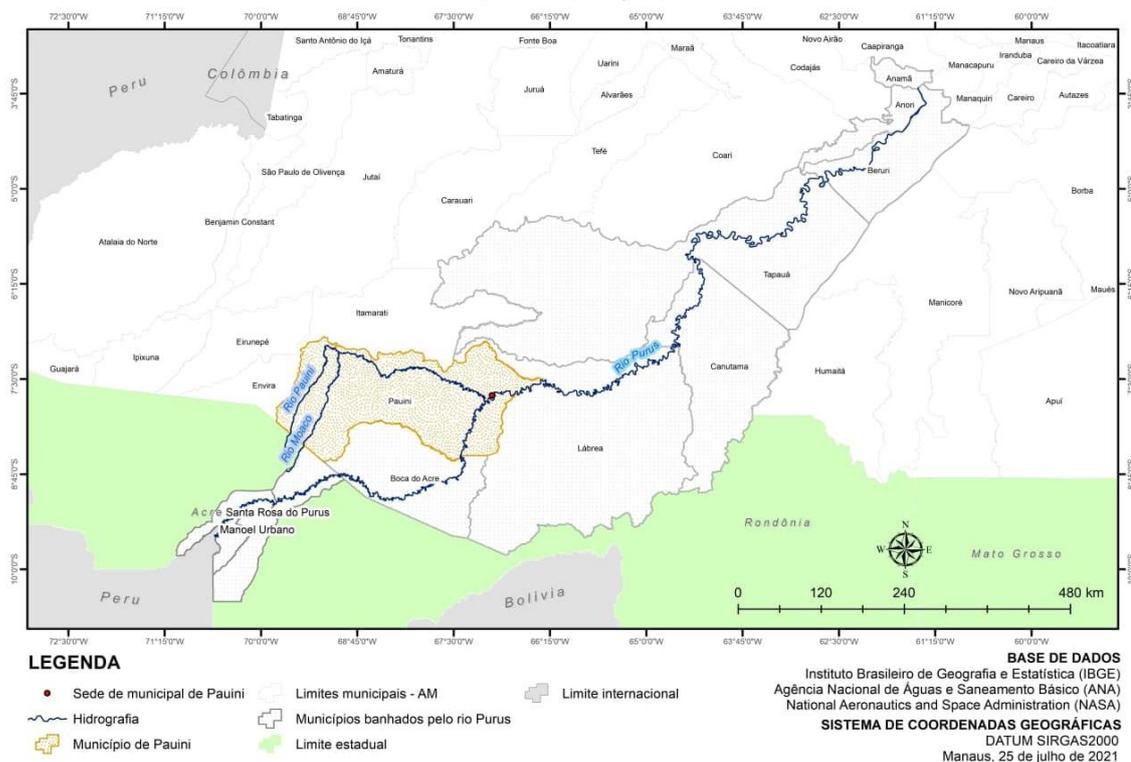
A borracha de boa qualidade já era conhecida na região do Acre e na comarca recém-formada de Floriano Peixoto, atualmente sede do município de Boca do Acre, conhecida como Finacre, (FERRARINI, 2009; RAPOSO, 1994). Essas empreitadas pela matéria e acumulação do excedente por senhores donos de propriedades destinavam, para a região, grandes levas de imigrantes.

Sobre essas condições de aumento da produção ou podemos classificar como retomada da borracha, decidem explorar os afluentes à margem esquerda do rio Purus (chamado, pelos indígenas que habitavam a terras, de Rio Pauini, nomenclatura derivada da etimologia indígena do Apurinã. O descendente de Libanês senhor Teófilo Said, incide com os homens de sua vanguarda, a entrada no majestoso rio Pauini de águas escuras, encontra, no interior de seu leito, o que buscava encontrar: grandiosas árvores de seringueiras que, ao cortar o tronco, germina exorbitante quantidade de leite de seringa.

Essa desenfreada cobiça pela borracha que, novamente, chega aos altos rios, constitui os primeiros assentamentos do rio Pauini, seringalistas se instalam rapidamente por sua extensão que atraía também outros coronéis da Borracha e trabalhadores/soldados da borracha (BENCHIMOL, 2009), os quais começam a se estabelecer às margens do rio. A família Sobreira de poderio financeiro elevado se estabelece na extensão de terra entre o seringal Maloca e Castanheira.

O Libanês após um tempo de exploração e domínio do território do rio Pauini, aprofunda acuidade ao rio, entrando às margens de outro afluente de belas árvores de seringueira no Rio Moaco, localizado às margens esquerda do Rio Pauini (como mostra a figura 31). A família Said, detentora de terras à margem dos rios Purus e Pauini, decide construir um barracão na confluência entre os rios Pauini e Moaco para mostrar o domínio exercido pela família nos dois mis novo rio afluente na localidade de Sacado do Humaitá.

**Figura 32:** Confluência entre os rios Purus e Pauini



Fonte: IBGE Org. Almeida

O mapa destaca a confluência entre o rio Purus, o Pauini e o Moaco, locais de produção da borracha em escala da família Said. Além disso o ponto de partida ao buscar tomar como premissa o eixo central da discussão desse tópico, para além da compreensão clara da imigração, se dará evidência clara a ocupação não indígena na região, formando assentamento humano para fins de explorar a produção de borracha.

A ocupação em massa às margens do rio Pauini teve, início no fim de 1942 (PERALTA, 1988) com retomada e a alta procura pela borracha, novamente no bojo do mercado, durante a Segunda Guerra Mundial e depois do bloqueio do mercado asiático, pois era conhecida a qualidade da borracha do sul do estado do Amazonas e Acre. Isso incidiu-se na condução de muitos seringueiros, acompanhados dos senhores dos seringais, os quais já haviam chegado à região e tinham a propriedade da terra, por meio da regulamentação estatal.

A família de nome Said tinha domínio do território, cerca de 70% (setenta por cento) da calha do rio Pauini, dominando todos os grandes seringais à margem do Rio, e exercia domínio total sobre a calha do Rio Moaco, era uma verdadeira monopolização realizada por essa família de nome libanês. Hoje, sabe, pelos relatos na Prefeitura de Pauini e da Paroquia de Santo Agostinho, que essa família contribuiu, significativamente, com o crescimento populacional do rio Pauini e, conseqüentemente, com a emancipação do Município de Pauini.

Ao que se foi possível constatar, a qualidade da borracha, associada à demanda do látex, conduziu centenas de nordestinos à região que começaram a se instalar à margem do rio, constituindo, assim, os mais diversos seringais formados na Boca do rio Pauini até a Boca do rio Moaco. Tal ocupação abriu margem para a entrada da urbanização no desconhecido rio Pauini de boas árvores de seringueira.

Esta estrutura econômica que começa a se formar no meio da selva Amazônica constitui um marco civilizatório e o início da urbanização com a penetração da estratificação social, oriunda dos grandes centros já urbanizados, perceptivos pelo contratos sociais que chega à região, que, por sinal, junto com a economia, modifica hábitos e costumes pela ausência dos insumos industriais da cidade ou pela nova forma que vive nas selvas densas e fechadas, estranhas aos olhos dos imigrantes. Conforme afirma Chaves (2011):

Com ampliação da demanda da borracha, esgotam-se aéreas extrativistas em torno de Belém e Manaus, espraiando-se na segunda metade do século XIX pelos rios Madeira e Purus (contexto da pesquisa) abrangendo extensa área de seringueiras nativas. Assim, agrava-se o problema de escassez de mão de obra na região (CHAVES, 2011, p. 29).

Segundo ressalta a autora, os recém-chegados moradores dos seringais intensificam a produção, tanto pelo corte da seringueira quanto pela coleta de vegetais (as conhecidas drogas dos sertões), agregando, à economia da borracha, a economia da natureza, formada pela estrutura de exploração da natureza, homem e natureza, mantendo a relação de existência sobre conjuntos de percepções diferentes dos nativos da região. Essa nova relação de trabalho à natureza passa a ser produto da acumulação, vista sobre as lentes do lucro e da estrutura do mercantilismo que impera na selva e passa abrir trilhas do lucro.

Os seringais à margem do rio Pauini, sobre o olhar apurado dos coronéis do mercado externo, constituem, na economia seringueira, a intencionalidade de produção para exportação, relação de trabalho escravocrata, no ápice de circulação monetária, além da compreensão do mundo seringalista.

Segundo antigos moradores das margens do rio Pauini, que trabalharam cortando árvores da seringueira e produzindo borracha, “estima-se que da boca do rio Pauini a até a Boca do Moaco tinha mais de 300 (trezentas) locais de corte de borracha, isso contando seringais e colocações, produzindo no melhor ano cerca de mais de 180 toneladas de borracha”. Esse eixo de migração se estendeu por toda a Amazônia segundo Samuel Benchimol ao afirmar que:

Centenas de milhares de imigrantes *cearenses* e nordestinos, ora expulsos pelo flagelo da seca do sertão, ora atraídos pelo *apetite* da seringa, vieram para a Amazônia na última metade do século passado e nas décadas dos anos 10 e 20. Talvez, na história das migrações humanas, jamais se tenha registrado drama de igual proporção, somente comparável ao dos judeus no seu êxodo, diáspora e perseguição milenar; ao dos povos africanos, nos porões dos navios negreiros e nas senzalas da casa-grande; e das tribos indígenas expulsas de suas terras, após a destruição de suas culturas. (BENCHIMOL, 2009, p. 159).

Leandro Tocantins (2009) destaca esse como um dos maiores fluxos migratórios da época e como o segundo maior movimento de imigração do Brasil, ficando atrás, apenas, do pau-de-arara no eixo Nordeste para região sudeste do País sobre Rio/São Paulo durante a cana-de-açúcar, esse contingente populacional abre precedente para a posse e domínio de território por famílias, influentes na região do baixo e meio rio Purus.

Um senhor que hoje tem 65 anos (parte da pesquisa), de aparência lúcida argumenta, com meu pouco conhecimento de leitura escrita, “o que muitos não entediam que a borracha era uma economia rica de milhões e eu tinha esse conhecimento de como era rico os Saids”. Com base no seu relato, foi possível constituir maiores seringais que tinham gerentes e barracões, locais com expressão de urbanização conforme a tabela 06 (seis).

**Tabela 6:** Seringais no Rio Pauini

<b>Grandes Seringais às Margens do Rio Pauini</b>		
<b>Calha do rio</b>	<b>Seringal</b>	<b>Propriedade</b>
Rio Pauini	Maloca	Sobreira
Rio Pauini	Castanhera	Sobreira
Rio Pauini	São Predo	Freitas
Rio Pauini	Sacado do Humaitá	Said
Rio Pauini	Santa Felícia	Said
Rio Pauini	Vista Alegre	Said
Rio Pauini	Pedro Segundo	Said
Rio Pauini	Monte Cristo	Said
Rio Pauini	Ilusão	Said

**Fonte:** Paroquia de Santo Agostinho  
Org. Almeida 2021

Os Seringais listados (ver na tabela 06) destacam-se pela estrutura organizacional na calha do rio Pauini, que formava uma hierarquia, dentro do sistema colonial da borracha, seringais bem estruturados com grandes barracões, gerenciados por uma política habitacional da cadeia produtiva, impondo regras e condições sobre menores seringais, propriedade dos mesmos coronéis, mas que tinha o gerente na condução dos negócios.

O que determinava os núcleos, classificados na sabedoria da população local, era o barracão de propriedade do coronel, mas que o gerente do interior morava, o armazém estabelece o ponto de partida das relações comerciais entre os trabalhadores da cadeia produtiva da borracha (Seringueiro, Gerente e Coronel da Borracha).

Os habitantes desses seringais, na grande maioria, eram os seringueiros (soldados da borracha) que viviam do trabalho da terra e de quase nenhum lucro retirado da venda da borracha para compras de outros alimentos da dieta alimentar de sua família, que por sinais eram numerosas. Quase sempre tinham filhos crianças que precisavam de leite e mingau, além de produtos de higiene básica para a família e outros produtos industriais que precisavam para manter a família, já conhecedora de produtos industriais das cidades nordestinas.

O fato importante a destacar é que os primeiros moradores do rio Pauini, quanto do rio Moaco eram pessoas habituados à vida na cidade e partiram para uma realidade complementarmente diferente, partindo do princípio da questão mercantilista dos seringais para sobreviver da extração sobre a fábula do ouro negro que germinava fortuna dos troncos das árvores, mas que tinha a conjuntura pautada no trabalho escravocrata.

Sobretudo, residindo nos mais longínquos lugares da Amazônia, há léguas de distância do processo de urbanização em curso no país, porém a realidade era diferente do que se imaginava, todavia, alto valor que a borracha impõe na Amazônia, grandes quantidades de imigrantes deslocava-se à região, cujo lema era “fazer fortuna” pelo valor que a borracha tinha naquela ocasião, mas a rotina de trabalho era dura se pagava pela quantidade da produção, e para fazer uma boa quantia tinha que trabalhar certa de quase 14hs diárias, o que parecia uma sonho vira pesadelo prisão social (RAFFESTIN, 1993) diante do excessivo trabalho.

E o rio Moaco é um desses locais, os coronéis que visavam exploração do arsenal da borracha com fundamento de acumulação de riquezas, proveniente do capital natural, penetram o interior dos mais diversos rios encontrados nas calhas dos maiores rios, como o Purus. Com isso, povoações humanas iriam se formando ao longo de toda à margem do rio, e os coronéis mantendo o domínio do território, construindo seringais que vão sendo gerenciados por homem de confiança.

A estrutura de seringal e barracão marcava o poder que o coronel tinha sobre as demais classes sociais, que viviam inteiramente ligadas à economia da borracha. Com uma disparidade exacerbada diante da riqueza extraída do circuito econômico vigente, composta por uma estratificação de classe e agentes originalmente presentes nos locais de extração, naturalmente contribuído para aumento das desigualdades de renda entre o seringueiro e o patrão que, na relação comercial, primitiva entre troca de produtos e a moeda quase nunca aparecia. Isso ocorria nos mais diversos seringais, à margem do rio Pauini, como é possível notar na tabela 07:

**Tabela 7:** Seringais no Rio Moaco

<b>Grandes Seringais as Margens do Rio Moaco</b>		
<b>Calha do rio</b>	<b>Seringal</b>	<b>Propriedade</b>
Rio Moaco	São Miguel	Said
Rio Moaco	Sossego	Said
Rio Moaco	Caviana	Said
Rio Moaco	Polo Norte	Said
Rio Moaco	Reforma	Said
Rio Moaco	Toma Jeito	Said
Rio Moaco	Ispazinho	Said
Rio Moaco	Ilha	Said

**Fonte:** Paroquia de Santo Agostinho  
Org. Almeida 2021.

A tabela (07) destaca os maiores seringais às margens rio Moaco, denota-se os principais e mais bem estruturados seringais, notava-se a organização social dos seringais e a quantidade de habitantes que moravam nos seringais, alguns, se existentes até hoje, estariam classificados, pelo IBGE ou REGIC, como vilas, por sua dimensão populacional na sede e nas suas adjacências.

A economia baseada na retirada de matéria prima da natureza, além dos sujeitos sociais dos trabalhadores e patrões do circuito econômico supracitado, tinha outros seres no bojo da estrutura socioeconômica da natureza, como o regatão do vendedor de produtos industriais, ele era ligado aos coronéis da época mercantil dos altos rios. Durante essa face da borra, constituem-se as relações sociais mercantilistas dos rios, segundo Benchimol (2009):

Durante a fase áurea da borracha, no fim do século passado e na primeira década do século XX, milhares de imigrantes lusos, atraídos pela fortuna, foram pioneiros na

organização do sistema mercantilista de intercâmbio, representado pelo comércio típico de casas “aviadoras”. As firmas portuguesas estabelecidas em Belém e Manaus transformaram essas cidades em entrepostos comerciais e estabeleceram as linhas logísticas de suprimento *rio acima* de mercadoria à base de crédito pessoal com os seringalistas e seringueiros cearenses e nordestinos, recebendo, em contrapartida, *rio abaixo*, mediante conta de venda, os gêneros e produtos extrativos destinados à exportação (BENCHIMOL, 2009, p. 81).

Esse era o marco principal que caracteriza a economia da borracha e a precarização do trabalho por analfabetos vivendo em condições precárias, produzindo riqueza, nos mais distantes rios, destinada à exportação ao mercado externo.

Para Chaves (2011), as condições de exploração exercidas dos seringalistas abriram precedente para um mecanismo desolador entre as classes, o alto valor imposto, muito acima da tabela, sobre o monopólio da borracha despertava, na classe inferior, uma mudança de paradigma da contradição não encontrada na Amazônia, como a promessa que lhes foi contada de fazer fortuna.

Nessa perspectiva, torne-se imprescindível esclarecer que as condições objetivas de vida e as representações socioculturais que os agentes sociais vão compondo no transcorrer de suas trajetórias, com base nas relações que estabelecem em âmbito político, econômico, social e cultural, serão abordadas apenas no sentido complementar, sem que haja pretensão de abarcar em sua extensão e profundidade tais aspectos.

Portanto, esse eixo se trata da análise sucinta das relações de trabalho e do ciclo de ocupação do território por agentes externos que constituíram com os primeiros centros urbanos, na região, mas que não devem ser deixadas de fora as relações de trabalho como fenômeno de construção dos locais, em futuras pesquisas.

### **3.2. Terruã de 1949 a 1955: a contribuição jesuíta na formação do município de Pauini**

As cidades da Amazônia existentes hoje, iniciaram-se a partir de primitivas ocupações humanas, partindo de um determinado assentamento humano não indígena com hábitos e costumes das cidades, fazendo das vilas e povoados cidades locais do vivido, percebido e concebido (CARLOS, 2007) a partir das práticas sociais e políticas no contexto das relações de vivência, partindo da concepção de existência.

Diante desse contexto social, as primeiras cidades vão surgindo às margens dos rios, a partir do circuito econômico que se formava na região e do grande contingente populacional frente à dimensão do território, constituindo, assim, pequenas aglomerações no território, com

característica agrária na região. O Surgimento da cidade remota um ciclo de evangelizações dos rios sobre o domínio da Igreja Católica.

A primeira ocupação não indígena de Terruã está diretamente ligada ao fato econômico da exploração da natureza pelos primitivos proprietários, devido a sua geomorfologia com alto relevo acidentado, considerada nesse contexto uma terra imune as condições de inundações sazonais do rio, mas a infertilidade da terra, atrai poucos moradores a viver na localidade de Terruã. A maioria dos moradores da região habitavam em área de várzea, por apresentar fertilidade na terra propícia a plantação e facilidade da colheita.

As condições geomorfológicas da localidade do povoado de Terruã eram propícias para a construção de uma cidade, a forma intraurbana não possui nas adjacências, exatamente heterogeneidade no relevo de estrutura no terreno elevado, dando conformidade às áreas côncavas e convexas do solo urbano, o relevo de terras altas em parte acidentadas, com incidências de baixa nas encostas, com áreas de deslizamento no centro urbano. De acordo com Ross (2009):

As formas de relevo devem ser vistas e entendidas como um dos vários componentes da natureza e, na perspectiva humana, como um recurso natural, pois as variações de tipos de formas favorecem ou dificultam os usos que as sociedades humanas fazem do relevo (ROSS, 2009, p. 62).

Tarruã era um povoado habitados por indígenas Apurinã, local que apresentava um terreno alto imune à inundação do rio, com característica predominante para a construção de uma cidade. A partir da chegada de colonizadores destinados para explorar a região, visando aumentar o conhecimento, mas, sobretudo, estabelecer domínio no território provocado pela expansão da Igreja Católica na região do Purus.

O povoado em questão que despertava olhares no alto Purus era chamado pelos indígenas de Terruã, palavra que deriva do dialeto indígena Apurinã. Na sabedoria local, do originário do dialeto Apurinã, significa: *Tur = terra Ruã = alta* etimologicamente traduzido e chamado de “Terra Alta”.

Entretanto, alguns indígenas antigos, sobreviventes na região, relataram “que na tentativa de não ser dominados pelos coronéis vindos para as terras indígenas, “sobretudo, os nos ameaçavam nós a trabalhar, os significados das palavras na língua materna eram dados de forma errada”, para não serem dominados pelos colonizadores e terem riquezas saqueadas, pois o domínio da língua tornaria mais fácil a dominação.

O fato é que encontramos a primeira escrita em português do nome de “Terruan” exposta no relatório de Euclides (CUNHA, p. 27). “Novo destino, como também dos baixos de argila vermelha endurecida, que com os nomes de ‘torrões’ e ‘salões’ iam continuamente tornado mais vaidosa a travessia. Em ‘Terruam’ e Catiana a Cunha Gomes imobilizou-se encalhada nesses bancos” (CUNHA, 1910, p. 27).

O nome hoje escrito “Terruã”, estava escrito como Terruan o que não é centro da discussão a forma de escrita do nome, deixemos essa discussão para os campos literários. Aqui destacamos que a expedição de Euclides da Cunha foi o primeiro relato encontrado escrito sobre esse povoado de terras altas e firme, mesmo que Cunha (1910) discutisse sobre a geografia do rio Purus, menciona a passagem em Terruan.

A escolha dos anos supracitados no texto entre 1949 e 1955 foi aderido na base da Igreja Católica que iniciou o ciclo das missões e evangelizações jesuíticas no Purus, sobretudo, nas proximidades do povoado de Terruã até a emancipação do povoado, para se transformar na sede do município de Pauini (em 1955). Somente nesse curto período de tempo, é possível encontrar uns poucos relatos escritos sobre Terruã nos *documentos arquivados na Igreja Católica*.

Em 1949 começa a instalação da Igreja Católica nessa área, pelos padres agostinianos vindos de Lábrea para estabelecer a construção de uma paróquia da igreja de Santo Agostinho. Nesse momento, o povoado era formado por duas famílias, (Gomes, Said) tendo o extrativismo vegetal e animal como base econômica. A igreja passa a ser o elemento “atrativo” para que moradores do médio Purus comecem a migrar para Terruã, formando um povoado com aproximadamente 80 habitantes.

Por meio dos poucos relatos e narrativas contadas por antigos moradores e outras poucas fontes bibliográficas encontradas ao longo desta pesquisa, buscaremos, sobre as lentes da geografia, reconstituir o caminho de Terruã, até se tornar cidade de Pauini, centro urbano do município com mesmo nome do município, com anseio e angústia dos sobreviventes, entre coronéis e seringueiros que fizeram da economia da terra, e da natureza e constituíram populações miscigenadas na selva.

A partir do descobrimento da boa qualidade da seringueira, árvore que germina o látex que produzia borracha, conduziram centenas de imigrantes, em suma maioria nordestina, para explorar a árvore e produzir borracha, passando a constituir grandes seringais no Purus de Baixo como, *Ajurica, Humaita, Atalaia, Guajara, Alegrete e Peri*, e no Purus de Cima. Destacam-se as comunidades: *Pauriã, Içá, Tabocal, Santo Elias, Volta Grande, Vitoria* e outros. Toda com grandes contingentes populacionais, sob o contexto da relação agrária.

Outros importantes afluentes às margens do rio Purus serviram de importante local de produção da borracha e formaram centros de ocupação do território como centro de controle e poder. Para Raffestin (1980), o território é fruto da ocupação e do domínio de uma parcela do espaço formado pelo controle de uma porção concreta existente do espaço.

A relação de controle e poder nos seringais às margens do Rio Purus, vincula-se a uma teia de relações hierarquicamente constituída por meio de produção e destruição do trabalho, na relação de subserviência aos coronéis de barranco da região, poderíamos chamá-los de senhores de terra da Amazônia, onde o seringueiro seria o servo da colhia do látex, produzindo borracha, somente poderia vender ao senhor da terra, o qual, posteriormente, vendia aos grandes produtores da indústria consumidora de borracha.

Todavia sobre esse tópico de discussão percorrerão duas vias de entendimento pela história dos relatos contados de pais para filhos, continuamente, conhecida na região de costumes dos antepassados, e pela expressa via de consolidação científica da pesquisa de comprovação dos fatos, por meio da escrita que servirá como arcabouço para conclusões desta pesquisa.

Tomando como base o discurso colhido a partir de relatos históricos sobre a ocupação do centro urbano de Terruã que, mais tarde, com a institucionalização sede urbana, e será chamado de Pauini (a Lei em seus dispositivos cria o município de Pauini em 19 de dezembro de 1955), o qual será abordado, ancorado nos relatos e documentos analisados na Paroquia de Santo Agostinho, com intuito de uma reconstituição do povoado de Terruã habitado por indígenas Apurinã. Conforme afirma Dutra e Pereira (2008):

A falta de registros históricos toma contornos intrigantes nos casos dos municípios citados nos atos jurídicos de criação. Eles aparecem como unidade originária em desmembramento para dar surgimento a um novo governo local ou apenas como um limitante. No entanto, não foram encontrados nos documentos qualquer outra menção a tais municípios, o que revela a necessidade de estudos mais aprofundados sobre suas origens e história. Como exemplos de municípios “desaparecidos” na história, podem ser elencados: Acajutuba, Assaituba, Boca do Tapauá, Campina, Costa do Gabriel, Cuiá, Marco, Parará, Tupãna e Urumanduba, todos citados nas divisões territoriais promovidas pelas Leis nº 7, nº 96 e nº 97 de 1963. Há ainda outros municípios mencionados em leis anteriores, como no Diário Oficial nº 18.264, de 15 de março de 1957, no qual aparecem os nomes dos municípios de Terruá, Uapés, Inácio Arcos, Parará da Eva e Tabocal, sem que tenha sido observado na pesquisa qualquer ato de criação (DUTRA E PEREIRA, 2008, p. 08).

Segundo os autores, com base na análise no Diário Oficial do Amazonas (de forma impressa), meio de imprensa oficial do governo, consta um ato (1963) de criação de município no estado do Amazonas, na região do Rio Purus, bem como Tabocal nas proximidades do

centro urbano de Pauini com isso, levando parte das terras do município de Pauini. Todavia, os autores mencionam o ato de criação do município de Tabocal, sem aprofundar.

Conhecer a história da cidade onde reside é, sem dúvida, uma ligação de existência, a condição social; é preciso trilhar o caminho do passado, para construir uma noção com clareza do futuro, alicerçada na base de construção da herança. Sobre heranças dos herdadas de antepassados a propósito de crenças costumes e cultura. A clara existência do passado é uma condição para consolidação do futuro sobre agentes sociais políticos e econômicos e produtores da cidade.

Esse tem sido uma das grandes dificuldades desta pesquisa, isto é, a falta de documentação comprobatória para análise científica da pesquisa, sobretudo, nesse grave momento de pandemia de Covid19, que isolou essa proposta de estudo de parte do trabalho de campo. Mas constitui-se a partir de documentos históricos e análise sobre a formação territorial do povoado de Terruã sobre a historicidade.

Tomando por base o primeiro relato escrito sobre a localidade de Terruã, fundamentado em relatos, documentos encontrados na Paróquia de Santo Agostinho, a Lei oriunda da Câmara Comarca de Lábrea, do ano de 1883, que dispõe sobre a criação de escolas em áreas rurais da Comarca de Lábrea, cita Terruã no Artigo Primeiro, sendo talvez este o primeiro registro do lugar Art. 1º: “Ficam criadas três escolas do sexo masculino neste Município, uma na Foz Cainahã, no lugar denominado Carmo, outra no lugar Quicinhã de propriedade José Antônio da Cunha Barreiro e outra no *lugar Terruã* de propriedade de Manoel Ricardo da Silva” (ALMEIDA & MESQUISTA, 2018).

Ao que consta nos relatos mais antigos sobre a comunidade de Terruã, vale destacar que no ano de 1889 (ALMEIDA & MESQUISTA, 2018) o filho herdeiro do Senhor Coronel Manoel Ricardo da Silva, (primeiro ocupante do território não indígena) adquiriu, por direito, e sobre o “Título Definitivo” da comarca de Lábrea, uma quantia de 5.998.538m<sup>2</sup> (cinco milhões novecentos e noventa e oito mil e quinhentos e trinta e oito metros quadrados) de terras da localidade de Terruã (ALMEIDA & MESQUITA, 2018).

Durante a expedição chefiada por Euclides da Cunha com intuito de conhecer a região do alto Purus, houve anotações em uma passagem na localidade de “Terruã”, como indica análise de campo, pode-se constatar desde 1910. Já havendo relatos, sobre uma passagem no povoado de “Terruã”, com habitantes não indígenas residindo na região e, sobretudo, exercendo o domínio de posse do território (CUNHA 1910).

Analisando a documentação encontrada em alguns setores da cidade de Pauini, como o relato de Dona Aurora, a Senhora mais antiga nascida em Terruã, a qual afirmava que no ano

de 1923, o senhor Virgílio de Souza Pinheiro e sua esposa Julieta da Silva Pinheiro, herdeiros de Manoel Ricardo da Silva, “venderam toda parte de suas terras ao recém-chegado português de nome Coronel José Corrêa Rodrigues”. Desde então, o Coronel passou a morar na região com seus pais. Na época, por pedido de Dona Julieta, eles poderiam continuar morando em Terruã, mesmo tendo vendido a terra ao Coronel José Rodrigues que mantém as moradias de Terruã, mas os moradores teriam que ofertar uma parte da produção agrícola ao novo proprietário.

Dona Aurora, a quem o responsável da pesquisa encontrou em vida, ainda muito lúcida, relatou sobre os acontecimentos em Terruã: “minha tia Gloria Gomes começa a ajudar no trabalho o Coronel José Rodrigues, que tinha um barracão de vendas e também vendia as coisas que ganhava de outras pessoas que moravam nas terras dele, tia Gloria era uma moça muito formosa e passa a viver na companhia do Coronel e durante muito tempo, juntos o coronel doou por escritura as terras de Terruã a Dona Maria da Glória Gomes”, em uma grande quantidade.

O texto até aqui apresentado baseia-se em relatos, documentos e narrativas dos antigos moradores, especificamente, direcionado à formação territorial do Povoado de Terruã, até se emancipar na cidade de Pauini. Somente a partir do ano 1949, com a chegada e instalação da Igreja Católica na localidade, podemos ter noção mais contundente, atestando a veracidade dos casos e acontecimentos em Terruã, no que tange à formação territorial da cidade de Pauini.

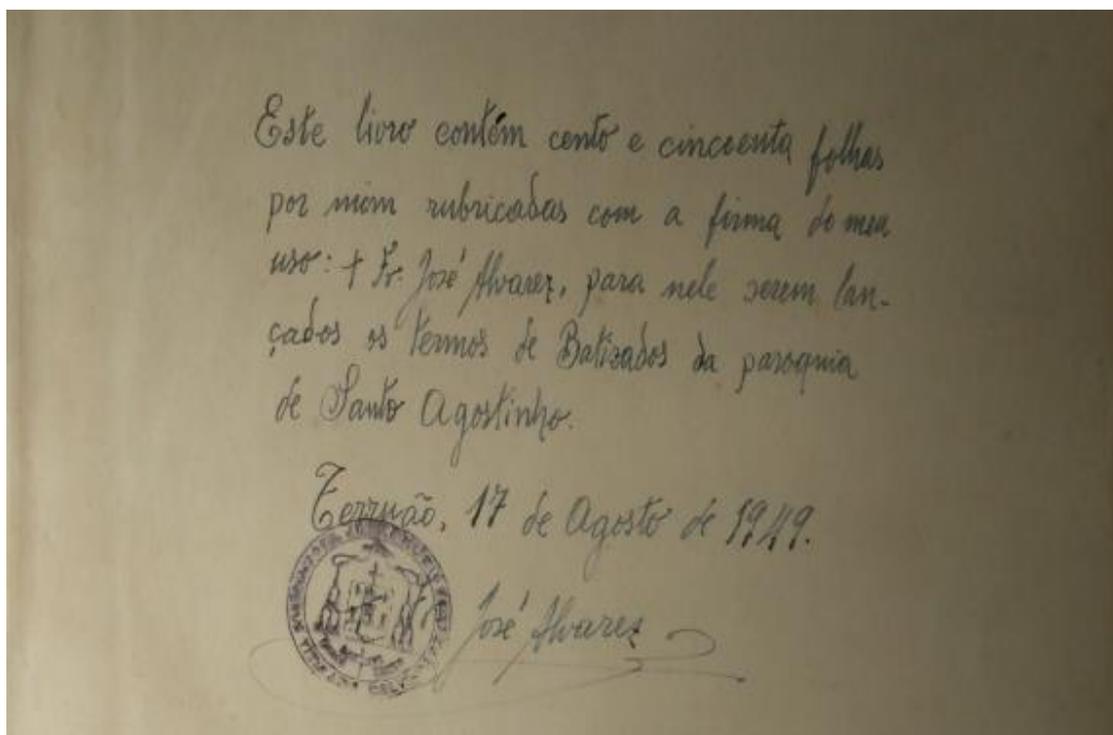
Dona Maria da Glória Gomes, após o falecimento do Senhor Coronel José Rodrigues, torna-se a principal herdeira das terras de Terruã. O povoado apresentava crescimento urbano durante o comando do coronel, passando a receber frequentes visitas de Igreja Católica com objetivo de celebrar missa e realizar batismo, por ordem da prelazia de Lábrea. A Senhora Glória dava demonstração de quem garantia de doação de terras para construção de uma igreja no povoado. Após o falecimento do Coronel José Rodrigues, Dona Gloria vendeu o Barracão ao Prelado de Lábrea e na negociação lhe prometeu doar terrenos suficientes para a instalação da Paróquia de Santo Agostinho e casa paroquial, na comunidade de Terruã.

Com base na pesquisa documental encontrada na cidade de Pauini, foi possível reconstituir uma formação geohistória até, à emancipação do município de Pauini para depois entender o início da formação urbana da cidade, totalmente vinculada ao movimento religioso na Igreja Católica, ciclo de exploração das riquezas naturais na Amazônia.

Com a instalação da Igreja Católica no povoado de Terruã, alguns documentos começaram a serem produzidos na sede local, como registro de batismos, casamentos e outros

sacramentos realizados pela igreja. A prelazia de Lábrea, que vem pela ordem dos Recoletos de Santo Agostinho, passa a escrever relatos sobre os acontecimentos em Terruã, como foi possível encontrar na paróquia de Santo Agostinha, na cidade de Pauini. A figura 32 ilustra a página de assinatura do primeiro livro de batismo de Terruã, em 1949, quando o povoado pertencia à comarca de Lábrea.

**Figura 33:** Livro de batismo de Terruã



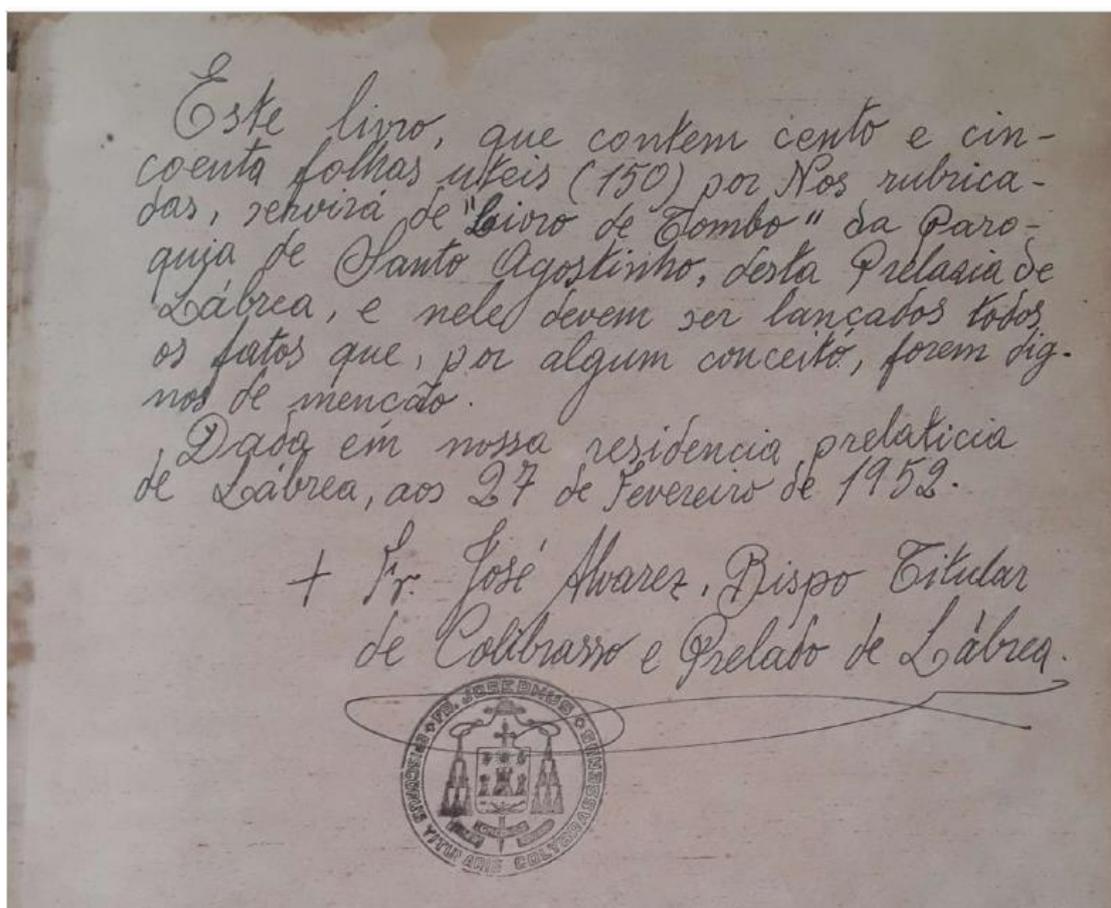
**Fonte:** Paróquia de Santo Agostinho 2021.

O livro de batismo não narra, necessariamente, o marco histórico da formação territorial da cidade de Pauini, mas é um importante documento arcaico que anuncia como vigorou o afloramento da constituição do município, com todo o circuito necessário que elucidará a institucionalização do município e, posteriormente a isso, a formação urbana da cidade.

Em face do exposto, considera-se que os relatos escritos nas crônicas e relatórios, sobretudo, no primeiro livro de batismo de Terruã, comprovam que, antes de 1949, houve um movimento migratório de populações não indígenas à região. Peralta (1988) afirma, em um relatório de visita ao rio Purus, que as primeiras viagens ao alto rio Purus iniciaram-se no ano de 1926 pelo “missioneiro Agostiniano Recoleta Marcelo Calvo” que aprofundou léguas de distância partindo da comarca de Lábrea.

Um importante documento escrito pela ordem monástica dos Recoletos de Santo Agostinho, sobre a casa de tomo de Terruã, contém 150 páginas do ano de 1949 até 1974. Esse documento relata acontecimentos memoráveis de cada ano, e assim compõe uma parte da história de Pauini, bem como sua formação e valores culturais, modeladores do lugar enquanto espaço da relação de existência social. A figura 33 ilustra a página inicial do livro de tomo de Terruã.

**Figura 34:** Livro de Tombo de Terruã



**Fonte:** Paroquia de Santo Agostinho 2021.

Tomando como fundamento a análise do livro de tomo da casa de Terruã, é possível denotar que os relatos escritos à mão foram redigidos apenas até 1974, totalizando 86 páginas escritas rubricadas desde 1952, tendo que rescrever o memorial, desde 1949, para que ficasse transcrito desde a instalação da Igreja Católica em Terruã, fazendo-se lembrar de todos os eventos realizados pela igreja.

Vale ressaltar a importância deste acervo documental para a elaboração de futuras pesquisas sobre o lugar, tomando como fundamentação teórica os elementos transcritos nas

páginas deste memorável livro, capazes de alicerçar a construção de caminho e costumes herdadas de outras culturas se misturaram com os costumes do povo originário da região, formando uma cidade miscigenada.

A importância de cada viagem é, sumariamente, importante na abordagem acerca da ocupação do território que, posteriormente, transformar-se-á em cidade. Como afirma Peralta (1988, p. 4) sobre o descobrimento do caucho no rio Purus:

El desarrollo del caucho determinó la rápida ocupación de áreas hasta entonces vírgenes o escasamente penetradas. Desde que Charles Goodyear descubrió el proceso de vulcanización en 1840 y el revestimiento de las ruedas de vehículos, el caucho se convirtió en un producto codiciado. Como consecuencia, los territorios indígenas disminuyeron drásticamente y varias tribus fueron exterminadas. Expediciones de castigo fueron organizadas por firmas colonizadoras, por compañías de navegación y por propietarios de tierras, a veces con el apoyo del gobierno (PERALTA, 1988, p 4).

Segundo o autor, antes de 1840, já havia circulação de viajantes na região do médio rio Purus. No entanto, somente na região da comarca de Lábrea e na vila de Floriano Peixoto, atual sede urbana do município de Boca do Acre, na confluência entre os rios Acre e Purus, era que se iniciava o início da povoação do território.

O lugar onde estava situado Terruã chamava atenção pelo relevo e quantidade de terra firme, imune à inundação dos rios nos meses de cheia na Amazônia, no entanto, não se destacava durante ao ciclo da borracha, pois havia outros seringais maiores e outros locais que formavam portos de lenha, onde os navios a vapor paravam para abastecer. (PERALTA 1988)

Este local ganhava pouco destaque por nível de importância econômica para o momento em que os aglomerados humanos se formavam. A partir do trabalho e da conjectura da acumulação do lucro, os aglomerados se formavam a partir de uma atividade econômica da época, mas esses elementos não tinham marca registrada em Terruã que justificasse ocupações (ALMEIDA & MESQUITA, 2018).

O fundamento principal que vinha a ser o atrativo substancial ao surgimento da cidade de Pauini, remota a um ciclo de missões evangélicas na Amazônia que desencadearam no aparecimento dos vários municípios nos altos rios. A importância da Igreja Católica no momento foi imponente na criação do município (TORRES, 2007).

Com a presença da Igreja Católica em Terruã, missas semanais começaram a acontecer, além de batismo e outros atributos da fé, que atraíam pessoas para a comunidade recém-estabelecida, transformando-a no centro receptor de atividades evangélicas. Evidentemente que ao comparecimento da Igreja, tinha-se requisito para representar junto ao

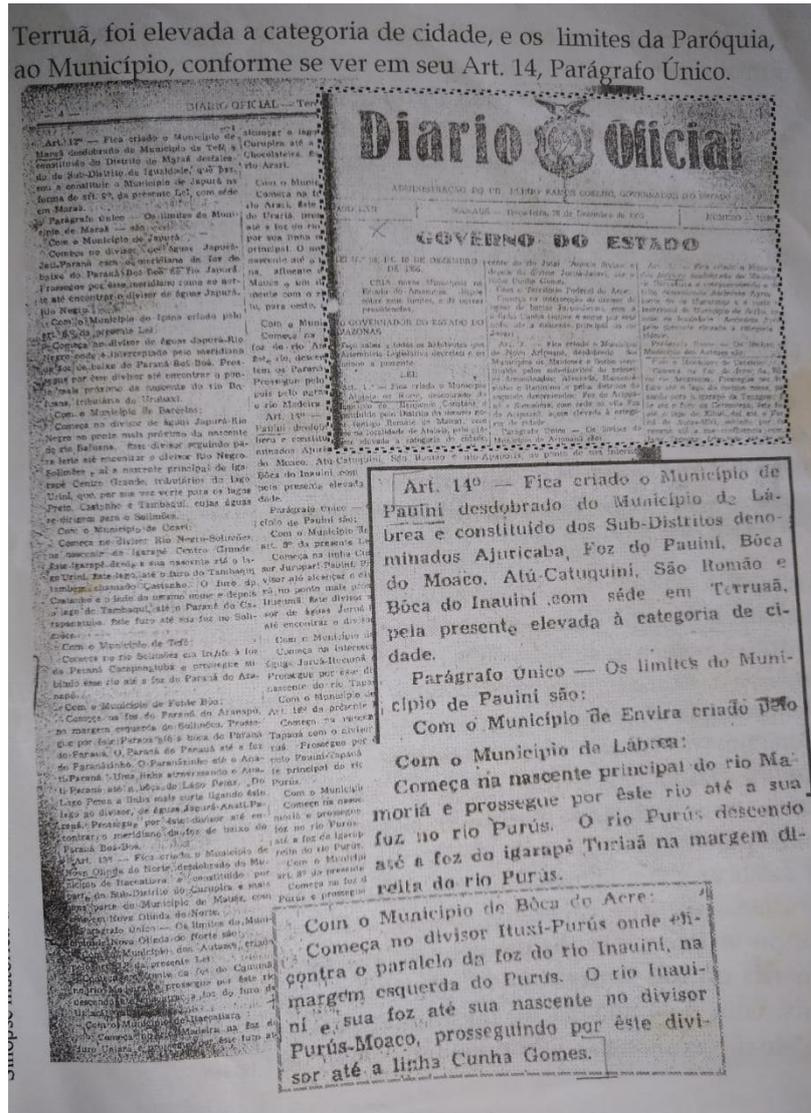
governador a vinda de instituições sociais para Terruã, bem como hospital, escolas, bancos e outras estruturas necessárias no atendimento de pessoas.

A possível criação de uma nova centralidade social dos lugares entre o município de Lábrea e Boca do Acre e o aumento do domínio do território da Igreja Católica, foi decisivo para a formação do assentamento urbano da cidade de Pauini, até que fosse institucionalizado como município, no ano de 1955, passando a receber recursos do Governo do Estado e seu primeiro prefeito indicado pelo governador. Sobre a interferência da igreja católicas e a estrutura de atividade econômica da borracha, emancipa-se o município de Pauini com sede urbana em Terruã.

### **3.3.Do povoado Terruã à cidade Pauini**

Neste último tópico da pesquisa, visa-se abordar desde a criação do município de Pauini, em 1955, a partir da Lei nº. 96 de dezembro de 1955, (ver na figura 35) até os dias atuais, buscando argumento comportamental das pequenas cidades ribeirinhas às margens dos rios da Amazônia, sobre análise dos acontecimentos e da importância que a cidade desempenha na rede urbana do rio a qual pertence.

Figura 35. Publicação no diário oficial do estado do ato de criação do município de Pauini



Fonte: Diário Oficial do Amazonas

As cidades da Amazônia surgem sobre a égide da colonização e dos interesses econômicos do capital por essa região, inteiramente ligadas ao movimento da Igreja Católica que criaram, nas mais diversas calhas dos rios da Amazônia, diferentes municípios. O surgimento dos municípios no interior do estado do Amazonas, sobretudo às margens dos altos rios Purus, Juruá e Madeira, remonta a um período histórico de evangelizações jesuíticas na Amazônia (TORRES, 2007).

Partindo deste princípio, buscar-se-á compreender a importância da criação do município de Pauini e a continuidade dele na calha do rio Purus como cidade ribeirinha, já que alguns estudos apontam o surgimento e extinção de vários municípios, em diversas calhas dos rios do Amazonas. O intuito é analisar, desde 1955, o ano de criação institucional do

município até os dias atuais, observando mudanças que permaneciam na cidade. A princípio, ilustra a ata de criação do município de onde pode se obter maiores informações.

O ato de instalação do município aconteceu no povoado de Terruã no dia 19 de março de 1956, devido à distância entre a cidade de Pauini e a cidade de Manaus capital do estado, vindo, junto à equipe do Governo, seu primeiro prefeito nomeado pelo Governador, para administrar o recém-formado município de Pauini.

Durante a década de 1940, ocorre um movimento migratório para a região do médio Purus. Esse movimento migratório está relacionado a exploração de látex. Entretanto, os imigrantes não estabelecem moradia em Terruã, estes são deslocados para seringais em rios afluentes do Purus. Os imigrantes, em sua maioria, eram nordestinos, incentivados por políticas do Estado brasileiro voltadas para a produção de borrachas (PRADO JR, 2011).

O local apresentava pouca incidência de ocupação de pessoas para trabalhar no corte e produção da borracha. Os seringueiros e coronéis de barraco procuravam áreas próximas à várzea, propícia ao plantio de grãos e abundância do pescado, principal alimento da dieta alimentar na Amazônia (CHAVES, 2011).

O território que foi escolhido para, hoje, ser a sede urbana do município de Pauini era habitado, por indígenas da etnia Apurinã. Não apresentava destaque na calha do Purus, além da quantidade de terras firmes, conforme informações disponibilizadas pela paróquia de Santo Agostinho (2019), o lugar recebeu a denominação de Hipona Terruã, nomenclatura utilizada pelos índios que habitavam a região, e acrescentada pelos jesuítas o termo Hipona lugar ou cidade, onde nasceu Santo Agostinho.

A característica do relevo de Hipona Terruã possuía uma topografia elevada com grandes porções de terra firme, as quais foram um dos principais fatores para a escolha da área, para a construção do povoado que daria origem à cidade.

O espaço urbano é preexistente ao surgimento institucional da cidade, era habitado por populações nativas e novos posseiros vindos para a região. Praticando extrativismo vegetal e caça de animal silvestre, parte do excedente transforma-se em relação de troca comercial, como forma de garantir a sobrevivência, oriunda da relação direta com a natureza de onde retirava, alimentação para o sustento da família.

Tal ocupação, visando os interesses econômicos e domínio do território, influenciou diretamente na construção de novos espaços que eram propícios à atração de pessoas, determinando, assim, a formação de uma cidade, tendo em vista a organização espacial (CARLOS, 2007) vinculada ao modo de vida dos missionários, colonizadores.

Com a completa e total desvalorização da borracha, produto mais rentável da época, trabalhadores vão deixando casas nos seringais abandonados. A desvalorização da borracha no mercado consumidor proporcionou movimento migratório, para os mais recém-formadas, centros urbanos em busca de novas oportunidades de vida (BENCHIMOL, 2009). Os Arigós, como eram conhecidos os migrantes moradores da região, começaram a procurar, maiores povoados que tinham igrejas e, sobretudo, escolas para seus filhos estudarem, dessa forma, passaram a constituir grandes núcleos urbanos, formando as primeiras cidades às margens do rio Purus (BECHIMOL 2009).

Os seringais, pouco a pouco, após vários anos de trabalho escravos, vão sendo abandonados pelos senhores de barranco, deixando para trás uma grande quantidade relativa de imigrantes, buscavam melhores condições de sobrevivência e que vieram para a Amazônia como sonho de “fazer fortuna”, mas encontraram apenas um arsenal de trabalho cativo. (CHAVES, 2011).

Foi sobre essas condições desumanas que se manifestou a maior produção urbana no alto Rio Purus, apenas com finalidade de exploração e exportação da borracha (CHAVES, 2011). Com marcas de um passado turbulento, o qual encontram-se até os dias atuais, nas entranhas e na historicidade das cidades ribeirinhas, marcas de um passado de contradições e conflitos por terra que impera até os dias atuais.

A produção do espaço urbano iniciou durante o processo de colonização, incumbido ao modo de vida sedentário dos colonizadores. A ocupação que conduziu a produção do espaço urbano na Amazônia, significou “uma forma peculiar de colonização que longe de acrescentar novos contingentes humanos à área, sangrava-os ininterruptamente em suas populações indígenas” (OLIVEIRA, 2000 p. 192).

A lógica de ocupação do território de Terruã não se exclui ao minucioso olhar de Oliveira (2000) que compreende a base de formação das cidades ribeirinhas da Amazônia, sobretudo, apenas originada da produção estruturada na economia de exploração da natureza ou vinculadas a interesses religiosos (TORRES, 2007).

A Amazônia, possui difícil penetração, tornando-se um dos últimos territórios a serem explorados pelos diversos povos do período colonial. Durante o processo de colonização, milhares de índios tiveram suas crenças, línguas e culturas totalmente ignoradas. Para Martins (1938, p. 35), “a Amazônia foi e ainda é um mundo à parte, tanto pela vastidão como pela floresta densa e difícil como pela penetração ainda nos dias de hoje.” Pelo fato de sua floresta se caracterizar como densa e difícil, a ocupação se deu de forma lenta, o que reflete até os dias atuais.

A singularidade da região Amazônica faz com que a produção de seus espaços ocorra diferente das demais regiões do país. A Amazônia apresenta diversas características que promovem uma heterogeneidade, essas peculiaridades são tantas que os espaços urbanos foram e continuam sendo construídos com diferentes padrões de ocupação (OLIVEIRA, 2008). A relação homem-natureza se dá de forma intensa, dessa maneira, é uma complexidade considerar o caboclo amazônico separado da natureza.

Ao analisarmos a historicidade que nos remete a compreender a formação urbana da Amazônia, é relevante considerar as contribuições vindas direta ou indiretamente do período áureo da borracha, tal processo de produção dela conduziram centenas de imigrantes aos altos rios Madeira, Juruá e Purus. (NOGUEIRA, 2000). É neste momento da história, em meados do século (XIX), que se iniciam as primeiras expedições ao longo Rio Purus, conseqüentemente, ocorre a primeira manifestação de produção do espaço urbano nas margens do Rio Purus.

Mesmo as cidades ribeirinhas equidistantes desse processo de reprodução industrial gestada pelo capitalismo, configuram forma acanhada e peculiar, caracterizadas pelos elementos subjacentes à relação de trabalho, que interligam ao modo de vida mediada pelo compasso da sobrevivência, em um lugar monótono, onde o tempo cronológico, aparentemente, não tem muito significado, vendo tempos lentos (SANTOS, 2009). Mesmo nestes recônditos espaços, espalham-se as relações contraditórias do espaço desenvolvimentista, na região amazônica desde primórdios da ocupação.

O povoado de Terruã, que mais tarde fica conhecido como cidade de Pauini-AM, emerge das missões jesuíticas e de interesses econômicos pela Amazônia brasileira, acrescentando uma forma desordenada de crescimento demográfico sem qualquer forma de planejamento, ocasionando problemas atuais e impactando, direta ou indiretamente, a qualidade de vida da população. Dessa forma, Sposito (1997, p. 65) afirma que:

O rápido crescimento populacional gerava uma procura por espaço, e por outro lado o crescimento territorial das cidades no século XVIII e primeira metade do século XIX estava restrito a um determinado nível, além do que ficava impossível percorrer a pé as distâncias entre os locais de moradia e trabalho. Ou seja, o crescimento populacional não podia ser acompanhado em seu ritmo pelo crescimento territorial (SPOSITO, 1997, p. 65).

É possível perceber que o rápido crescimento conduz a cidade ao agravamento dos problemas sociais urbanos, originários dos grandes centros urbanos, além disso, propicia a

construção de espaços marginalizados nas cidades, por menor que seja sua intensidade populacional.

Os espaços das cidades ribeirinhas também configuram essas características à ordem e desordem, ausente de planejamento habitacional e urbanístico. Pauini devido à intensificação, tende a apresentar eventuais problemas socioambientais característicos das grandes cidades, como segregação (diferenciada) dos espaços visíveis na infraestrutura urbana dos bairros que manifestam, sobretudo hoje, condições precárias.

A cidade de Pauini possui uma população formada por mestiços de indígenas, nordestinos, ocidentais e europeus, formando as populações caboclas do Amazonas, localizado às margens dos rios, onde o tempo não cronológico tem muito significado. A sobrevivência em meio à natureza é determinada pelo compasso dos rios, como escreveu Leandro Tocantins em seu livro “O rio comada a vida”.

Sobre rios e floresta, no ano de 1955, Terruã é elevada à categoria de cidade, tornando-se sede do município de Pauini, por força da Lei estadual nº. 96 do mesmo ano, havendo aproximadamente pouco mais de 300 (trezentos) habitantes, os quais estabeleciam moradia na cidade para buscar a fé cristã e outras instituições já presentes em Terruã como escola e igreja.

A lei, quando sancionada, modifica a nomenclatura para o município de Pauini ao invés de Terruã. A mudança do nome vincula-se à importância econômica do rio Pauini na produção de borracha. Neste rio, encontravam-se grandes quantidades de seringais nativos e, pela boa qualidade do látex explorado, recebia a denominação de “Fina-Acre”.

A lei que cria o município de Pauini cria outros diversos no estado do Amazonas. Mas somente em 1556, a cerimônia de instalação do município ocorreu, mais especificamente no dia 19 de março. No dia 19 de março também é celebrado o dia de São José, símbolo de fé, trabalho e proteção. Dom José Alvares bispo do calibrasso da prelazia de Lábrea, devoto de São José, escolhe dia 19 de março para instalação do município em homenagem ao dia de São Jose. Conforme registro em ata (ver na figura 34), passando, neste dia, a ser comemorado o aniversário de cidade de Pauini.

**Figura 36:** Ata de instalação do Município de Pauini

**ATA DE INSTALAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PAUINI**

Aos dezenove dias do mês de março do ano de Mil Novecentos e cinquenta e seis (19-3-1956) DA Era Cristã - CXXXIV da Independência do Brasil, nesta cidade Terruã, sede da Paróquia de Santo Agostinho, na sala da escola local disposta e engalanada para que se ia realizar; após missa solene celebrada pô S. Excia. Rvdma. D. José Alvarez, Prelado de Lábrea e Bispo de Calibrasso, ás dez horas, presente Excelentíssimo Senhor Prefeito de Pauini, em comissão, cidadão Francisco Chagas Evangelista, sua Excia. Rvdma. D. José Alvarez Mácuca, Padre Frei Luís Montes de S. José, Vigário de Terruã, dona Maria da Glória do Nascimento, proprietária do seringal Terruã, cidadãos Raimundo Pinheiro Castelo Branco, Antonio Juvêncio Andrade Pontes e Antonio Pontes e Silva, este último representando o Senhor Narcisio Leite Borges, proprietários e elementos de projeção do comercio de pauiniense, o cidadão Bibiano Bento Caorio, com assinalados serviços a Causa Publica; e grande numero de pessoas de todas as classes, que enchiam a sala onde seria realizada a solenidade, aglomerando-se os demais na praça em frente que serve de adro a igreja paroquial, o mesmo Senhor Prefeito em Comissão, tomando acento a Mesa dos Trabalhos, ladeado pelas dignidades pessoas citadas nominalmente convidou o cidadão Antonio Juvêncio Andrade Pontes para secretariar os trabalhos e declarou aberta a sessão. Saudando o povo pauiniense, em mensagem de boas novas, o senhor Prefeito em Comissão disse do objetivo da solenidade e após exhibir o ato da sua nomeação, que foi lido em voz alta, em mesa ouvido por todos os presentes, levantou-se, bem como todos os demais e com emoção patriótica própria do ato declarou que, são os auspícios de Deus e boa vontade dos homens e em vista dos poderes que se achava investida, instalava naquele momento o Município de Pauini, criado pela Lei n°. 96 (noventa e seis) de dezenove de Dezembro de mil novecentos cinquenta e cinco (19-12-1955), decretada pela Soberana Assembléia Legislativa do Estado do Amazonas, República dos Estados Unidos do Brasil e sancionada pelo Governador do mesmo Estado Exmo. Senhor Doutor Plínio Ramos Coelho .

**Fonte:** Paroquia de Santo Agostinho

De acordo com a relatoria da ata de fundação do município, a propositura de escrita do texto outorga mérito pela fundação do município à opulência da Igreja Católica, de indicar, ao Governador do Estado, a importância da criação de município naquele local, como ponto estratégico de controle do território.

O município de Pauini se figura na região do médio Purus, como um lugar de expansão populacional e urbana, com pouca proporção, quase 300 (trezentos) moradores, levando em consideração a extensão territorial do povo que media, na escritura, a quantia de 5.998.538m<sup>2</sup> (cinco milhões novecentos e noventa e oito mil e quinhentos e trinta e oito metros quadrados).

Essa terra era de propriedade de Dona Glória Gomes, a qual arrendava suas terras para pequenos posseiros, onde retiravam, pelo uso da terra, parte de sua produção para a proprietária. De família de agricultores e com pouco poder aquisitivo, dona Glória doa parte das terras à igreja e vende outra parte, posteriormente, com as instalações, parte da terra torna-se propriedade do Município.

As novas relações de existência e trabalho chegam à sede do município de Pauini, intensificando a relação socioeconômica, a partir da formação urbana do local que modifica as

relações existenciais entre homem e natureza, pela relação de acumulação, sob a produção de retirada da matéria primitiva in natura.

Além da análise da lei que cria o município, é necessário também observar os acontecimentos que provocaram mudanças no município. Nele, alguns acontecimentos permanecem impregnados no espaço enquanto outros são completamente esquecidos a partir de sucessões de eventos que modificaram as linhagens primitivas da estrutura das relações sociais.

O aparecimento de instituições e serviços é um fator determinante na urbanização dos lugares, convenientes à formação de aglomerados humanos, posteriormente, sendo elevada à categoria de cidade nos anos 50, momento em que o país passava pela modernização dos lugares, com a criação de Brasília, no centro-oeste brasileiro.

O estágio da evolução do Brasil estava muito avançado, sobretudo, na região Sul e Sudeste, provocado por ciclos econômicos. Concomitante a isso, a Revolução Industrial chegava de maneira intensa para ficar e tomar conta do restante do território nacional, a região no alto rio Purus vive relações primitivas de trabalho sobre condição de escravidão e servidão. (FURTADO, 2003).

Incidira-se para conclusão deste tópico, uma análise baseada nas mudanças e permanências, no centro urbano no município de Pauini e na comunidade de Terruã. Na década de 60, a borracha começa dar sinais de decadência, provocada pelo fim da Segunda Guerra Mundial e pelo monopólio do mercado asiático sobre a produção de borracha, baseada no controle da produção, barateamento do preço por uma produção em escala, na Malásia. (FURTADO, 2003).

Esse fato tornou o mercado amazônico despreparado para enfrentar a concorrência asiática na produção de borracha (FURTADO, 2003). Sob a agonia da baixa produção, coronéis vão abandonando os seringais. No entanto, na década de 1970, o pescado é um produto rentável, o couro de animais silvestre também tinha grande valor. A baixa competitividade do mercado dava sinais de abandono dos seringais e a procura pela cidade.

Mas na produção agrícola, o pescado e a madeira eram vendidos por regatões que continuavam a navegar na compra de produtos naturais, devido à quantidade de gente habitando os seringais. As relações econômicas modificam e perdem o poder aquisitivo para os produtos industriais, pouco a pouco, regatões e outros agentes vão abandonando a vida nas comunidades e procurando a cidade.

Na década de 70 começa o aparecimento das primeiras estruturas urbanas, bem como escola estadual e hospital. Uma pista para pouso de avião é construída em Pauini, as primeiras

construções de prédios e praças começam a ser erguidos. Dá-se início também a penetração de serviços de energia elétrica e posto de atendimento à alimentação, pela COBAL, atendimento de usina para pelagem de arroz.

Dessa forma, um dos maiores movimentos migratórios do país retoma o ciclo de migração, agora sua maioria vai para as pequenas cidades amazônicas, sobretudo, no início de 1980. Em um salto no tempo, a partir de 1980, a economia da exploração de borracha no médio Purus perde sua representatividade econômica e os trabalhadores passam a migrar dos seringais para as áreas urbanas, sendo Pauini uma dessas cidades que passam a receber esses imigrantes. (FERRARINI, 2009)

Na década seguinte, outras estruturas chegam à cidade de Pauini, como máquinas para aberturas de estradas, ramais e vicinais. E para aprofundar os serviços de abertura de ruas, vinha junto uma casa de manipulação asfáltica, para pavimentação e manutenção da cidade.

Outras cidades existiam na região do alto Purus, como Boca do Acre e Lábrea, que também receberam migrante, a maioria se estabeleceu na cidade de Pauini com sede em Terruã, na década de 90. Com auxílio da prefeitura com a doação de terrenos, o ano de 1970 é sumariamente importante na história do município de Pauini, pela chegada do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Este é um momento marcante acerca de informação do município de Pauini em plataforma de bancos de dados, e para os pesquisadores onde se podem buscar fontes bibliográficas sobre Pauini. Embora até os dias atuais o site do IBGE tenha muito pouco a nos oferecer, ocorrendo a ausência de pesquisa sobre a cidade de Pauini.

Os anos 2000 são marcados pelo exponencial crescimento do município, efetivado pelo surgimento de serviços que elevaram o movimento migratório a procura dos serviços ofertados na cidade, bem como telefonia, internet, serviços bancários e outros que chegaram à cidade e permaneceram moldando a organização espacial.

Nas entrevistas realizadas, foram identificados 20 moradores nasceram em Terruã e residiam até o momento da pesquisa, se enquadrando no grupo de pessoas que vivenciaram o processo de êxodo rural, nesse período. O principal fator desencadeado a migração e troca do seringal para a cidade, eram as péssimas condições de trabalhos e a necessidade por serviços oferecidos pela cidade, principalmente escolas e hospitais.

O que enfatizou o princípio da abordagem baseado em documentações antigas e na narrativa dos moradores antigos que recordam de acontecimentos marcantes, foi a opção pela historiografia do município, a qual ainda não tinha sido discutida no contexto científico. Logo depois, em 1970, com a realização do primeiro censo demográfico, foi possível entender a

precarização da cidade, totalmente ausente de planejamento urbano, pois sua migração ocorreu de maneira desordenada.

Uma cidade fundada sobre a grotesca condição de exploração da natureza, oriunda de trabalho escravocrata, os trabalhadores envolvidos neste circuito de produção meramente econômica, eram homens paupérrimos vindos da seca castigadora do sertão nordestino a procura de melhor qualidade de vida na Amazônia. Uma cidade criada sobre essas profundas condições de penúria, certamente, apresentaria fortes agravantes de pobreza, exatamente o que o Instituto mostra a partir de levantamento estatístico, sobre as condições de existência desses moradores.

Cabe ressaltar que no processo de crescimento urbano, alguns serviços, que chegam à cidade como telefonia e serviço bancário só surgiram em Pauini a partir da década de 1990. Segundo o IBGE (2020), em 1980, a cidade de Pauini possuía 1.251 (um mil duzentos e cinquenta e um) habitantes, formada por 03 (três) bairros, enquanto a população rural era de 8.197 (oito mil cento e noventa e sete).

Vale ainda destacar que no ano de 1991 foi realizado outro censo do IBGE no município de Pauini, o qual indica fortes agravantes de pobreza e um elevado índice de analfabetismo no município, destacando-se no cenário nacional por ter cerca de 80% da população analfabeta, o que produz uma baixa perspectiva de melhor qualidade de vida, essa dura realidade, desencadeia um baixo índice de IDHM (índice de desenvolvimento humano municipal) e pouca oportunidade de acesso à educação superior.

Ressalta-se que alguns anos se passaram na construção histórica de Pauini, ocorrendo em tempos lentos, (SANTOS, 2009). Conforme Soja (1993), as mudanças não são necessariamente uma “ruptura” definitiva das relações estabelecidas, o que ocorre é o acúmulo de “conteúdo” das relações existentes com desdobramentos no espaço geográfico. A paisagem urbana de Pauini foi se transformando ao longo do tempo, sendo moldada por diferentes racionalidades. Estudar as transformações ocorridas no espaço urbano de Pauini é dar visibilidade para espaços considerados “opacos”, mas conectados em diferentes escalas (SANTOS, 2006).

A partir da década de 2000, observamos mudanças na infraestrutura da malha urbana e o surgimento de novos bairros. O aparecimento de serviços como bancário, internet e telefonia móvel, podem ser considerados “tardios” numa lógica de uma escala nacional. Esse é o tempo específico de Pauini, o tempo da sua construção social. E esse tempo influencia na velocidade e profundidade das mudanças ocorridas no espaço urbano. É um tempo lento

(SANTOS, 2006), não necessariamente é atrasado, mas que obedece a uma lógica de reprodução própria, a lógica dos agentes de Pauini envolvidos na dinâmica da cidade.

Em 2010, destaca-se o crescimento do centro urbano, passando a ter 9.264 habitantes e 07 (sete) bairros (Pantanal, Cidade Baixa, Mangueiral, Cidade Alta, Fortaleza, São Francisco, Buritizal), com o ecúmeno de pessoa enfatiza o crescimento da cidade, isso se dá em virtude do aparecimento de serviços, como saúde e educação que são disponibilizados na cidade. Conforme levantamento feito na plataforma do IBGE (2021), nota-se (na tabela 08) crescimento populacional em Pauini, e o exponencial movimento migratório do rural para o urbano.

**Tabela 8:** Crescimento populacional de Pauini

<b>Município</b>	<b>Descrição</b>					
	Ano	1970	1980	1991	2000	2010
		Total	Total	Total	Total	Total
<b>Pauini (AM)</b>	Total	9693	9448	17037	17092	18166
	Urbana	454	1251	2724	6970	9264
	Rural	9239	8197	14313	10122	8902

**Fonte:** IBGE  
Org. Almeida, 2021.

Segundo apontamentos do IBGE, desde 1970 a 2010 houve um aumento da população, quase dobrou o quantitativo, destacando-se o número de nascimento na cidade de Pauini (SEMSA, 2021), com destaque para a migração entre meio rural e urbano, pois a cidade oferta, até os dias atuais, apenas os serviços básicos possíveis de atrair pessoas a vir morar na região, mas em pequena proporção, esse movimento ocorreu em maior densidade no tempo de eclosão da borracha.

A cidade de Pauini, hoje, pode não se figurar como lugar de progresso e palco dos acontecimentos tecnológicos e dos grandes empreendimentos industriais, capaz de gerar uma forte economia atrativa à ótica do capital. Mas, como cidade pacata, é lugar de existência da vida, de homens e mulheres vivendo relações direta com a natureza, ao tempo do próprio desenvolvimento Amazônico obedecendo a uma lógica de mudança regional.

Nesses tempos de globalização (SANTOS, 2001), dado pelo sistema perverso de fragmentação dos lugares, o circuito de conectividade global se intensifica fortemente na cidade de Pauini, avançando nos mais distantes lugares de construção social, aptos à urbanidade dos lugares, dando sentido ao período informacional (CASTELLS, 2000). Entre

a contradição do novo e arcaico, dinâmico e inerte a cidade de Pauini vai se reproduzindo e ordenando a configuração na rede urbana na calha do rio Purus. Esta pesquisa não visa conceituar ou definir sobre o objeto, mas deixar projeção futura, para novas pesquisas e análise que traga novos achados e conceitos sobre este lugar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou, desde a introdução, enfatizar a importância da cidade de Pauini na rede urbana da calha do alto rio Purus, ressaltando o período histórico de formação da sede urbana dela, produzido pelos elementos de criação do território como cidade, sobre a crescente produção urbana que se manifesta no espaço por diferentes agentes projetando novas racionalidades no território.

Sem dúvidas, para compreender as mudanças atuais, é necessário um resgate histórico sobre os sujeitos que moldaram o território. Os pioneiros ocupantes da região são, sumariamente, importantes para desmitificar as profundas relações e costumes herdados na relação atual da sociedade, que é imposta pelo sistema global, propiciaram atuação mais próxima dos sujeitos e ações heterogênea ao modo de vida amazônico.

Sobre as pequenas cidades ribeirinhas, esta pesquisa se propôs a pensar sua relação e existência de forma caótica, como ela é na sua aparência mais simples, ou seja, a primeira impressão que dela fica ao visitá-la através de arruamento caótico, palafitas que predominam a frente da cidade de aparência rugosa. E por outro lado a dinamicidade do mundo contemporâneo, agraciada pelo fenômeno das telecomunicações da globalização dos lugares.

Esses fatores, originalmente, aparecem moldando o caráter inicial da cidade amazônica ribeirinha, pelo modo particular como manifesta a relação com a natureza na Amazônia. São sobre esses fatores de aproximação dos eventos externos e internos que a cidade preexiste a relação de dubiedade entre o novo e o velho modo de conceber lugar.

A cidade de Pauini, assim como as demais cidades da ribeirinha, foi constituída por meio do processo de colonização e exploração de suas riquezas naturais. Apesar de ser uma cidade de pequeno porte e pouca responsabilidade territorial, apresenta diversos problemas socioambientais que prejudicam a qualidade de vida das pessoas e muitos destes eventos, estão relacionados ao planejamento urbano.

A ocupação urbana ocorreu na cidade de Pauini sem planejamento e a paisagem urbana hoje expressa a precarização da cidade, um dos maiores agravante é o saneamento básico, a ausência de sistema de água encanada e esgoto, lixo a céu aberto, refletindo o enigma da cidade ribeirinha.

Essa profunda disparidade entre as cidades amazônicas quando comparada com outras escalas regionais e nacionais é maior o nível de discrepância. A pobreza da cidade também reflete nos trabalhos acadêmicos, pois existem muitos poucos trabalhos científicos publicados

diretamente sobre a cidade ou município de Pauini, de forma que é difícil uma reflexão clara e imediata sobre a racionalidade que se reproduz por diferentes agentes, em sua maioria interna.

Os serviços oferecidos na cidade criam um movimento circulatório na região de influência da cidade, dando uma condição de importância para a cidade ribeirinha na calha do rio o qual está localizada, mas pela localização e condição econômica do rio Purus, a cidade apresenta uma variabilidade de baixa oferta de serviços, passando a uma relação de estrutura comercial receptação.

O circuito comercial sempre esteve presente na região desde a entrada dos primeiros ocupantes da região, que tinha o comércio como relação de existência, como prática de troca, ainda não praticada do interior do alto rio Purus, onde habitavam populações dispersas em meio à densa floresta, mas que pela exploração econômica do mercado entram e dominam o território.

Sobre o contexto econômico da ocupação e expansão econômica da borracha na Amazônia estabelece um marco histórico, sobretudo, nos estados do Amazonas e Pará, brotando os primeiros assentamentos humanos, destinado a estabelecer serviços de comércio e início da relação de troca.

As mudanças constantes no quadro social entre os sujeitos, implantam modelo singular de cidade na Amazônia; Pauini não se exclui da lógica de criação das demais cidades do interior do Amazonas, que nasce a partir de relações econômicas da cidade e o seringal, estrutura forte da produção da borracha ou porto de lenha que abastecia as embarcações de modelo chatinha que funcionava a vapor.

A cidade de Pauini, na ocupação inicial, integra-se parcialmente às demais cidades sendo essa formada da vontade das missões jesuíticas na Amazônia, as cidades que surgiram juntas com Pauini enfrentam problemáticas de desenvolvimento em sua estrutura, ausência de trabalho assalariado. Apenas a prefeitura oferta emprego assalariado, a falta de pagamentos mensal gera um profundo assistencialismo social na cidade com população em áreas de vulnerabilidade socioeconômica.

Portanto, foram sobre esses paradigmas que esta pesquisa se propôs pensar a cidade de Pauini, comparando-a a outras escalas de racionalidade da cidade como o espaço do contraditório que deriva, na essência da inércia e ao mesmo tempo da dinamicidade do mundo contemporâneo, essa relação de aparência, mas estritamente ligada à natureza, deixa lacuna para pensar qual será o desenvolvimento futuro da cidade ribeirinha bem como pensar qual importância da cidade de Pauini na rede urbana na calha do rio Purus.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio. *A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios*. In: Carlos, Souza e Sposito (Orgs). São Paulo: Editora Contexto, 2018.
- ACUNÃ, Cristóbal de. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Tradução Helena Ferreira. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- ALMEIDA, Omar Neto Pio, MESQUINTA Jubrael Silva. *A formação territorial e o processo de urbanização na cidade de Pauini*, 22f. Artigo XIX Encontro Nacional de Geógrafos, João Pessoa -PB, 2018.
- BARTOLI, Estevan. *Cidades na Amazônia, sistemas territoriais e a rede urbana*. Mercator, Fortaleza, v. 17, e17027, 2018.
- BARTOLI, Estevan. *O retorno ao território a partir da cidade: sistemas territoriais urbano-ribeirinhos em Parintins (AM)*. 2017 299f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista: São Paulo 2017.
- BROWDER, Jonh; GODFREY, Brin. *Cidades na Floresta: desenvolvimento globalização na Amazônia brasileira*. Manaus: Editora Universidade Federal do Amazonas, 2006.
- BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia: Análise do Processo de Desenvolvimento*. 2 ed. Manaus: Editora Valer, 2007.
- BECKER, Bertha. *Amazônia*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1900.
- BECKER, Bertha. *Amazônia Bertha k Becker: ensaios sobre geografia e sociedade na região amazônica*. In: VIEIRA, Ima Célia Guimarães (Org.). 520f. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: Formação Social e Cultural*. 3 ed. Manaus: Editora Valer, 2009.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em Rede – A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAMARA, Municipal de Pauini- CMP, 2021.
- CASTRO, Edna Ramos (Org). *Cidades na floresta*. (Urbanização, pluralidade e singularidade das cidades amazônicas). São Paulo: Annablume, 2008.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade*. São Paulo: Labur Edições, 2007.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Cidade*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- CARVAJAL, Gaspar de. *Descubrimiento del río de las Amazonas*, s/d. Disponível em: <[http://www.ellibrototal.com/ltotal/?t=1&d=3721\\_3832\\_1\\_1\\_3721](http://www.ellibrototal.com/ltotal/?t=1&d=3721_3832_1_1_3721)> Acesso em: 10 fev. 2016.

CHANDLESS, W. Notes on the river Purus. *The Journal of the Royal Geographical Society of London*, v. 36, p. 86-118, 1866.

CORRÊA, R, L. A periodização da rede urbana da Amazônia. In: CORREA, R, L. (Org.). *Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço Urbano*. São Paulo: Telegráfico, 1993.

COUTINHO, João Martins da Silva. *Relatório da Exploração do rio Purus*. (relatório de viagem apresentado ao presidente da província de Manaós) Manaus 1862.

CHAVES, Maria Rodrigues. *De Cativo a Liberto: o processo de constituição sócio-histórica do seringueiro no Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2011.

CUNHA, Euclides. *O Rio Purus*. Rio de Janeiro: Editora SPVEA, 1960.

DARDEL, Eric, *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. Tradução Werther Wolzer. São Paulo, PERSPECTIVA, 2011.

DUTRA M, J, de Lima & PEREIRA H, dos Santos. *Formação de municípios no Amazonas após a Constituição Federal de 1946: fragmentos de uma história interrompida e esquecida*. Rev. Bras. Estud. Urb. anos Reg. (On line), São Paulo, V.20, N.1, p.51-68, JAN.-ABR. 2018.

FERRARINI, Sebastião Antonio. *Rio Purus: história, cultura, ecologia*. 2009

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

FUNAI, Fundação Nacional do Índio. *Política Indigenista do Governo Federal*. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/a-funai> > Acesso em: 20 out. 2020.

FROTA, Arlan Justino. *Entre rios e a cidade: os flutuantes de Tapauá no Amazonas*. Dissertação (Mestrado em Geografia) f 155 - Universidade Federal do Amazonas, Manaus 2017.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Amazônia, Amazônias*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

HARVEY, David. *Espaços de Esperança*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Regiões de Influenciadas de Cidades – 2007*. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Histórico da cidade de Pauini-AM, 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 1991 - 2010. Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php> Acessado em 15/06/2020. Acesso em: 2021.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Os Historiadores e os Rios: natureza e ruínas na Amazônia brasileira*. Brasília: Paralelo 15, Editora Universidade de Brasília, 1999.

- LEFEBVRE, Henri. *O direito a cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- KROEMER, Gunter. *Cuxiuara o Purus dos Indígenas: ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do médio Purus*. São Paulo: Editora Loyola, 1985.
- MARINHO, T. P.; SCHOR, T. Segregação socioespacial, dinâmica populacional e rede urbana na cidade de Parintins/AM. Geografares. *Revista do Mestrado e do Departamento de Geografia, Centro de Ciências Humanas e Naturais*, Universidade Federal do Espírito Santo, v. 7, p. 77-92, 2009.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro primeiro: o processo de produção do capital*. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- MARTINS, Rosicler Rodrigues. *Cidades Brasileiras: o passado e o presente*. São Paulo: Editora Moderna. 1992.
- MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2008.
- MONBEIG, Pierre. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, ano 7, v. 73, jan., 1941.
- MORAES, A. O.; SCHOR, T.; ALVES-GOMES, J. A. O Mercado de Bagres e a Configuração da Rede Urbana no Alto e Médio Solimões, Amazonas, Brasil. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 1, n. 32, p. 93-110, 2010.
- MORAES, A. O. SCHOR, T. *Redes, Rios e a Cesta Básica Regionalizada no Amazonas, Brasil. Acta Geográfica (UFRR)*, v. 7, p. 79-89, 2010.
- MORAES, André de Oliveiras; PINTO, Moisés Tavares; SCHOR, Tatiana. *Cesta básica na ponta do lápis: práticas de pesquisa em geografia*. Manaus: EDUA, 2016.
- NOGUEIRA, R. J. B. *Amazônia e questão regional. Um regionalismo sufocado*. GEOUSP Espaço e Tempo (Online). V. 5 10f. São Paulo, 1999.
- OLIVEIRA, José Aldemir. *A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia Brasileira*. In: VII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais, 08f Coimbra. 2004.
- OLIVEIRA, José Aldemir. *Cidades na Selva*. Manaus: Editora Valer, 2000.
- PERALTA, Miguel Angel. *Misión de Lábrea (Brasil) Caucho, rios y evagelios*, Relatório Madri-Espanha 1988.
- PINTO, Moisés Augusto Tavares. *O Mercado de caça e pescado na tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru*. Manaus: Editora EDUA, 2017.
- PNUD (2010), *Atlas de Desenvolvimento Humano e IDH*. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>>. Acesso em: 2021
- PORTO-GONÇALVES, C. W. *Amazônia, amazônias*. São Paulo: Contexto, 2001.

PORRO, Antônio. *As crônicas do Rio Amazonas*: tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia. Petrópolis: Vozes, 1992.

PRADO JR. *Caio Formação do Brasil Contemporâneo*: colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993.

RAPOSO, Gilberto Medeiros. *Amazônia: Terra Verde: Sonho da Humanidade*. São Paulo: Editora Três, 1994.

RECEITA FEDERAL DE BOCA DO ACRE-AM, 2021.

ROSS, J. L. S.. *Geografia e as transformações da natureza*: relação sociedade-natureza. In: Amalia Inés Geraiges de Lemos; Emerson Galvani. (Org.). *Geografia, tradições e perspectivas: Interdisciplinaridade, meio ambiente e representações*. 1ªed.: Expressão popular, 2009.

SANTOS, Santos Boaventura, *A crítica da razão indolente*: contra o desperdício da experiência. São Paulo. Crtez, 2000.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil*: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo. 2006.

SANTOS, M. *A urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado*: fundamentos Teórico e metodológico da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. *A urbanização desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2010

SALVADOR, Adelino Justo. *Sinopse histórico do município de Pauini-AM*, 2003. (Não publicado).

SECRETARIA Municipal de Saúde, 2020, 2021.

SECRETARIA Municipal de Produção e Abastecimento, 2020 2021

SEPROR 2021 Secretaria de Estado de Produção Rural <http://www.sepror.am.gov.br/>

SEDECTI 2021 Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação. 2021. [www.seducti.am.gov.br](http://www.seducti.am.gov.br)

SOUZA, W. C. *Rio Purus*: águas, território e sociedade na Amazônia Sul-Occidental. Goiânia: Libri Mundi, 2012.

SOJA, Edward. *Geografias da pós-modernidades: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SCHOR, T. Et al. Apontamentos metodológicos sobre o estudo de cidades e de rede urbana no estado do Amazonas, Brasil. *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, Macapá, v. 9, n. 1, p. 09-35, jan./jun. 2016.

SCHOR, T.; OLIVEIRA, J. A. Reflexões metodológicas sobre o estudo da rede urbana no Amazonas e perspectivas para a análise das cidades na Amazônia Brasileira. *Acta Geográfica (UFRR)*, v. esp, p. 15-30, 2011.

SCHOR, T. As cidades invisíveis da Amazônia brasileira. *Mercator*, Fortaleza, v. 12, p. 67-84, mai./ago, 2013.

SOUZA Marcelo Lopes. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*, Marcos Aurelio Saquet, Eliseu Savério Sposito (organizadores) --1.ed.-- São Paulo : Expressão Popular : UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.

SCHIEL Juliana. Troco velho: história Apurinã. 2004 533f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas: São Paulo 2004.

STRADELLI, E. *Vocabulário Português – Nheengatu, Nheengatu – Português*. Revisão Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia*. Rio de Janeiro. Record, 2000.

TORRES, Iraíldes Caldas. *Humaitá: cos de um ovo*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2007.

TRINDADE JR., S-C. C. Das 'cidades na floresta' às 'cidades da floresta': espaço, ambiente e urbano diversidade na Amazônia brasileira. *Papers do NAEA (UFPA)*, v. 321, p. 1-22, 2013.

**ANEXO 1 – Relação de prefeitos indicados e eleitos do município de Pauini****Prefeitos Indicados pelo Governador**

Francisco das Chagas Evangelista

Walter Lopes

Isaac Amorim

Francisco Assis Martins.

**Prefeitos Eleitos**

**1960 –1964- Antônio Juvêncio de Andrade Pontes**

**1964 –1969- Mário Ferreira Said**

**1969 - 1973- Sebastião Pereira Afonso**

*Vice: Francisco das Chagas Rodrigues Venâncio*

**1973 - 1977- Eráclito do Amaral Linhares**

*Vice: Omar Mamed*

**1977 –1983- Sebastião Pereira Afonso**

*Vice: Francisco das Chagas Rodrigues Venâncio*

**1983 –1988- Francisco das Chagas Rodrigues Venâncio**

*Vice: Francisco Gomes de Moura*

**1989 –1993- Sebastião Pereira Afonso**

*Vice: Carlos Brígia de Souza*

**1993 –1996- José Vicente Amorim**

*Vice: Germano Mendes Soares*

**1997 –2000- Francisco das Chagas de Jesus Gomes da Costa**

*Vice: Edimilson da Silva Lopes*

**2001 –2004- José Vicente Amorim**

*Vice: Raimundo Araújo de Lima*

**2005 –2008- José Vicente Amorim**

*Vice: Raimundo Araújo de Lima*

**2009 –2012- Maria Barroso da Costa**

*Vice: Antônio Justo Salvador*

**2013 –2016- Maria Barroso da Costa**

*Vice: Antônio Justo Salvador*

**2016- Antônio Justo Salvador**

**2017 – 2020 - Eliana Amorim de Oliveira**

*Vice: Edmilson Silva Lopes*

**2021 a 2024 - Raimundo Renato Rodrigues Afonso**  
*Vice: Paulo Souza dos Santos*

## Anexo 2 – Acervo de fotografias sobre o município de Pauini

*Figura 01. Cidade de Pauini-Am foto aérea*



*Fonte. ARQUIVO PRÓPRIO 2021*

*Figura 02. Foto do Porto da cidade de Pauini-Am*



*Fonte. LOPES 2022*

*Figura 03. foto de drone da vila Céu do Mápia*



*Fonte. ROSA 2021*

*Figura 04. Foto aérea de drone da vila Céu do Mápia*



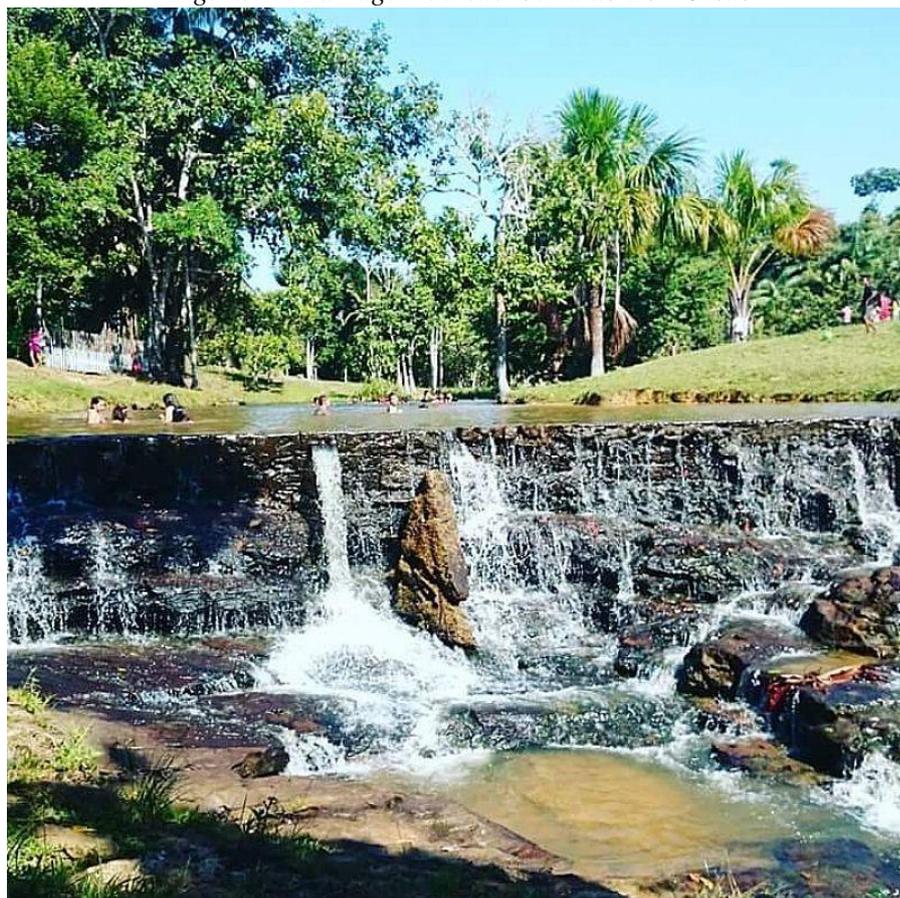
*Fonte. ROSA 2021*

*Figura 05. Cachoeira do Bom Jesus*



*Fonte. ARQUIVO PRÓPRIO 2021*

*Figura 06. Barragem da cachoeira do Bom Jesus*



*Fonte. ARQUIVO PRÓPRIO 2021*

*Figura 07. Travessa 04 bairro São Francisco*



*Fonte. ARQUIVO PRÓPRIO 2021*

*Figura 08. Rua Juiz Manoel Alves de Melo bairro Pantanal*



*Fonte. ARQUIVO PRÓPRIO 2021*

*Figura 09. Festividade do aniversário da cidade*



*Fonte. ROSA 2021*

*Figura 10. Festa Junina em Pauini*



*Fonte. ROSA 2021.*

*Figura 11. APAE da cidade de Pauini*



Fonte. ARQUIVO DE CAMPO 2022.

*Figura 12. Retorno das 4 bocas*



Fonte. ARQUIVO DE CAMPO 2022.

*Figura 13. Ginásio do bairro Nova Esperança*



Fonte. ARQUIVO DE CAMPO 2022.

*Figura 14. Letreiro da cidade de Pauini*



Fonte. ARQUIVO DE CAMPO 2022.

**Apêndice 1: Questionário aplicados no trabalho de campo****UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS-UFAM****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**

Concordo em participar, como voluntário (a), do estudo que tem como pesquisador responsável o aluno de Pós-graduação **Omar Neto Pio de Almeida**, do curso de MESTRADO EM GEOGRAFIA da Universidade do Federal do Amazonas-UFAM, que pode ser contatado pelo e-mail [homar\\_almeida@hotmail.com](mailto:homar_almeida@hotmail.com) e pelo contato (92) 99209-6440. Tenho sabedoria de que o estudo objetiva a realização de entrevistas que visam reconstituir aspectos referentes à Geo-história da cidade de Pauini. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica, que os dados obtidos não serão divulgados, a não ser com prévia autorização. O aluno providenciará uma cópia da transcrição, quando solicitado da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que receberei nenhum pagamento por esta participação.

---

Assinatura

---

RG

Pauini \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2021

## Apêndice 2: REPRESENTANTE DO GOVERNO MUNICIPAL

1. Quais as principais **atividades geradoras de renda** no seu município?
  
2. Quais **atividades geram maior número de empregos** na cidade?
  
3. Dentre as atividades citadas, alguma poderia ser **impactada na cidade**? (sim) (não) Se sim, explique como.
  
4. Quais **atividades produtivas são voltadas para consumo** no próprio município e quais são **voltadas para venda**?
  
5. Nos diferentes períodos do ano **variam as atividades econômicas** aqui no município? (sim) (não) Quais atividades de **agricultura e de extrativismo** são realizadas na época seca e na época de chuva?

	AGRICULTURA	EXTRATIVISMO
VAZANTE		
ENCHENTE		

6. Há populações tradicionais (ribeirinhos, pescadores...) no município? Eles se organizam em associações? Se sim, poderia mencionar os nomes e contatos?
  
7. Você poderia elencar **movimentos sociais e/ou ambientais** relevantes no seu município? Se sim, poderia explicar **por que** eles são relevantes?

8. Atualmente, você tem conhecimento de **conflitos sociais** no município? (sim) (não) Se sim, quais e em qual local? Quais os grupos sociais envolvidos nos conflitos? Quando estes conflitos começaram?
  
9. Na sua visão, como a **justiça tem atuado perante os conflitos** no município?
  
10. Na sua visão, como a **polícia tem atuado perante os conflitos** no município?
  
11. Em relação a conflitos envolvendo os **povos indígenas**, como a FUNAI e/ou COIAB ou **Ministério Público** têm atuado? (aplicar esta pergunta caso tenha sido apontado esse conflito)
  
12. Há **questões críticas** na região que podem **culminar em conflitos** no município? Se sim, explique, por favor. Quais sugestões você teria para evitar/ minimizar os conflitos no município?

**Apêndice 3: PROPRIETÁRIO DE BARCO**

NOME DO EMBARCAÇÃO

**Percurso da viagem** Boca do Acre                       Lábrea                       Rio Branco                       Manaus**Valor da Passagem**

Boca do Acre \_\_\_\_\_ Lábrea \_\_\_\_\_ Rio Branco \_\_\_\_\_ Manaus \_\_\_\_\_

**Valor do Frete Volume**

Boca do Acre \_\_\_\_\_ Lábrea \_\_\_\_\_ Rio Branco \_\_\_\_\_ Manaus \_\_\_\_\_

**Valor do Frete por nota fiscal (porcentagem)**

Boca do Acre \_\_\_\_\_ Lábrea \_\_\_\_\_ Rio Branco \_\_\_\_\_ Manaus \_\_\_\_\_

**Quanto dias de viagem**

Boca do Acre \_\_\_\_\_ Lábrea \_\_\_\_\_ Rio Branco \_\_\_\_\_ Manaus \_\_\_\_\_

**Dificuldade encontrada na viagem**

---

---



#### Apêndice 4: PREÇO DA CESTA BÁSICA

<b>EMPRESA:</b>		
<b>NOME DO EMPRESÁRIO:</b>		
<b>CNPJ (QUANDO TIVER):</b>		
<b>VALOR DA CESTA PRONTA:</b>		
<b>GENERO</b>	<b>VALOR UNITÁRIO</b>	<b>VALOR ATACADO</b>
Açúcar		
Arroz		
Macarrão		
Café		
Sal		
Olho de soja		
Feijão		
Leite		
Manteiga		
Bolacha		
Pimenta do reino		
Alho kg		
Colorau		
Frango kg		
Salsicha		
Ovos		
Mortadela		
Sabão em Pó		
Sabão Neutro		
Água Sanitária		

## Apêndice 5: FORMULÁRIO DE COLETA DE DADOS PARA MOTOTAXISTAS

### Dados iniciais

Formulário Nº:	Entrevistador:	Data da entrevista: / /
----------------	----------------	-------------------------

### Dados do veículo

Fabricante:	Modelo:	Ano:
Forma de pagamento:		

### Dados do condutor

Gênero:	Idade:	Escolaridade	1° i	1° c	2° i	2° c	Si	S	
Profissão anterior:									
Tempo trabalhando como mototaxista na cidade:									
Exerce outra profissão? :					Quant.pessoas que vivem na casa:				
Quantas pessoas na família trabalham?					Possui CNH?		SIM		NÃO
Legalizado na associação?			SIM		NÃO		Faturamento (mototaxi):		
Horas de trabalho diário:				Considera-se com muitas dívidas?:					
Problemas enfrentados como moto-taxi:									
Já sofreu acidente de moto na cidade:			SIM		NÃO		ENCERRAR A		

Caso sim		Quantas vezes:	
Sem vitima			
C	Quantas vezes:	Foi para o hospital	SIM
fa			NÃO
C/ Vitima fatal			SIM
			NÃO
Houve outro veículo envolvido no acidente?			

Quais:
ENCERRAR A

### Apêndice 6: Escolas nas comunidades rurais

#### RELAÇÃO DAS COMUNIDADES E ESCOLAS DO RIO PAUINI

COMUNIDADES		ESCOLAS
01	Estrada do Macuti	Dona Glória
02	Serra Leoa	Lira Inácio
03	Arreia Branca	Terruã
04	Cacheira	Adão Felipe
05	Floresta I e II	Floresta
06	Igarapé Raposo	Carlos Monteiro
07	Ipiranga I	Glória a Deus
08	Ipiranga II	Glória a Deus II
09	São José	Vovó Isabel
10	São Sebastião	Vilimar Bezerra da Cunha
11	Grande Oriente	Dona Amélia
12	São João I	Luz do Campo
13	São João II	Luz do Campo II
14	Pinto Rosa	Evaldo Said
15	Fortaleza	Luz do Saber
16	Santa Helena	Nova Esperança
17	Sacado do Humaitá	Mata Verde

#### RELAÇÃO DAS COMUNIDADES E ESCOLAS PURUS DE CIMA

Nº	COMUNIDADES	ESCOLAS
1.	Pauriã II	Dona Petronilia
2.	Praia do Panamá	Dona Petronilia ii
3.	Boca do Pauini	Joaquim Ribeiro
4.	Canacuri	Naida Cadete
5.	Maquiri	Frei Mário Sabino
6.	Paumaripé	Rafael Corrêa
7.	Boca do Teuni	Rafael Corrêa III
8.	Praia Alta	Rafael Correa
9.	Oco do Mundo	Marcelino Gomes II
10	Capira	Marcelino Gomes
11	Vitória	São Sebastião
12	Tabocal I	Getúlio Vargas
13	Tabocal II	Tancredo Neves
14	Guamã	Presidente Medice
15	Anori	Men de Sá
16	Santo Elias	São José
17	Prainha	Estrela do Oriente
18	Fazenda	São Sebastião
19	Vila Céu do Mapiá	Caminho de luz
20	Boca do Inauini	Andrelina de Souza

RELAÇÃO DAS COMUNIDADES E ESCOLAS PURUS DE BAIXO

Nº	COMUNIDADES	ESCOLAS
01	Santa Rita /Água Preta	Jardim do Saber
02	Atalaia	Olavo Bilac
03	Atalaia	Olavo Bilac
04	São Pedro	Castelo Branco
05	São Pedro	Castelo Branco
06	São Pedro	Castelo Branco
07	Humaitá	Humberto Moura
08	Praia do Humaitá	Humberto Moura
09	Praia do Humaitá	Humberto Moura
10	São Sebastião	Santa Luzia
11	São Sebastião	Santa Luzia
12	Ajuricaba	Luiz Venâncio
13	Carranã	Boa esperança
14	Carranã	Boa esperança
15	Samoará	Santa Doroteia
16	Quiciã	Lauro almeida
17	São Luiz	São Luiz
18	São Luiz	São Luiz
19	Praia do Teixeira	Rosa Gloria
20	Praia do Teixeira	Rosa Gloria

COMUNIDADES RURAIS E QUANTIDADE DE HABITANTES

Código	Nome	Zona	Prédios	Habitantes	LAT	LONG
32	ABACAXI (SITIO)	Rural	4	3	-7,694719	-67,038269
126	AFOGADO	Rural	10	63	0	0
54	AGUA MORTA	Rural	3	11	-7,408019	-67,757759
18	AGUA PRETA (EST. MACUTI)	Rural	6	2	-7,684914	-66,912351
128	AJURICABA	Rural	20	102	-7,622249	-66,625594
41	ALDEIA NOVA	Rural	18	104	-7,33552	-66,82898
132	ALEGRETE (RIO PURUS)	Rural	17	86	-7,72037	-66,95525
104	ANISSAPÉ	Rural	18	85	-7,670243	-66,852222
237	APOLO	Rural	3	2		
119	ATALAIA	Rural	16	75	-7,663196	-66,883314
217	ATUKAT	Rural	10	71	-7,663019	-66,954649
25	B.K.X	Rural	5	10	-7,70572	-67,061883
60	BANANEIRA	Rural	1	4	0	0
31	BANANEIRA	Rural	4	9	-7,696674	-67,044608
1	BARRO VERMELHO	Rural	7	15	-7,713748	-67,095276
69	BEIJA FLOR	Rural	12	26		
14	BEIJA-FLOR	Rural	2	9	-7,696547	-67,017046
127	BOA HORA	Rural	33	186	-8,385753	-67,323895
3	BOA UNIÃO (RIO PURUS)	Rural	25	124	-7,556947	-66,266964
102	BOCA DA ÁGUA PRETA	Rural	1	6	-7,669641	-66,965132
9	BOCA DO PAUINI (RIBEIRO)	Rural	16	57	-7,792124	-67,093591
105	BOM FIM	Rural	2	12		
139	BOM JESUS (RIO SERUINI)	Rural	14	74	-7,702331	-65,66161
138	BOM LUGAR (RIO INAUINI)	Rural	19	53		
118	BOTAFOGO	Rural	4	20	-7,613302	-66,562607
68	BOTAFOGUINHO (RIO PURUS)	Rural	12	70	-7,628857	-66,510366
11	CACHOEIRA (ALDEIA)	Rural	18	125		
15	CACHOEIRA (FAZENDA)	Rural	6	27	-7,694435	-66,988277

228	CACHOEIRA - SER	Rural	15	23		
227	CACHOEIRA - SER	Rural	15	23		
140	CACURI	Rural	10	48		
83	CANACURI	Rural	24	86	-7,823924	-67,140535
22	CANÃO (EST. MACUTI)	Rural	5	9	-7,697777	-67,052207
84	CANTA GALO	Rural	4	24	0	0
133	CARAPERI	Rural	11	71		
103	CASSADUÁ (RIO PURUS)	Rural	22	116	-7,706732	-66,776849
21	CASTANHEIRA	Rural	5	20	-7,633351	-67,076879
224	CASTANHEIRA - FAZ	Rural	10	27		
79	CÉU ABERTO	Rural	9	38	-7,425033	-68,450125
201	CHAMAKÍRI	Rural	13	92		
61	CIDADE-ALTA	Urbana	469	2345	-7,714634	-67,000732
122	CIDADE-BAIXA	Urbana	277	1388	-7,716295	-67,002521
52	CONCEIÇÃO (RIO PAUINI)	Rural	17	39	-7,441305	-67,749969
63	CONSTRUMAT	Rural	6	22	-7,485274	-68,349498
62	COSAMA	Urbana	103	518	-7,713833	-67,00334
226	CUNURÉ - SER	Rural	2	5		
76	ESPERANÇA (ATUCATUQUINI)	Rural	1	8	-7,447099	-68,50591
71	FÉLIX	Rural	1	2	0	0
46	FLORESTA	Rural	11	17	-7,649902	-67,267731
67	FORTALEZA	Urbana	1	7	-7,713098	-66,992985
64	FORTALEZA (RIO PAUINI)	Rural	2	8	-7,411223	-68,3069
65	FORTALEZA (RIO PURUS)	Rural	32	161	-7,721408	-66,98756
92	FRANÇA	Rural	6	11	-8,538934	-67,402846
44	GAMELEIRA	Rural	3	5	-7,714966	-67,128535
55	GRANDE ORIENTE	Rural	19	54	-7,38424	-67,854565
115	GUAJARRÁ	Rural	11	33	-7,700986	-66,886819
191	GUANABARA (RIO INAUINI)	Rural	28	120		
47	GUANABARA - AREIA BRANCA	Rural	24	67	-7,635989	-67,273836
117	HUMAITÁ (RIO PURUS)	Rural	26	131	-7,707	-66,757522
80	IÇA	Rural	17	85	-7,812118	-67,057647
229	IGARAPÉ PASSARIM SER	Rural	13	29		
230	IGARAPÉ RAPOSA SER	Rural	13	43		
123	INAUINI	Rural	15	63	-8,539242	-67,429772
106	INDEPENDÊNCIA (RIO PAUINI)	Rural	3	12	-7,688293	-66,060734
50	ÍPIRANGA	Rural	7	16	-7,661814	-67,308947
81	IRACEMA (RIO PURUS)	Rural	1	6	-7,981355	-67,216079
58	IRACEMA I	Rural	4	20		
34	IRMÃOS DUTRA	Rural	7	37	-7,693868	-67,036663
96	JAGUNÇO (ALDEIA)	Rural	17	96		
137	JAPECANGA (RIO INAUINI)	Rural	7	43		
141	KACIRIÃ	Rural	7	45		
212	KACURI	Rural	11	77		
207	KAIRÍCO	Rural	17	62	-7,338536	-66,826077
218	KAMARAPA (ALDEIA)	Rural	5	19		
120	KAMARAPÚ	Rural	21	77		
39	KARUÁ	Rural	10	47	-7,522051	-66,485537
142	KASSIRI	Rural	8	82		
27	KASSIRI	Rural	10	81		
23	KASSIRIA	Rural	12	43		
200	KASSIRIKÍ	Rural	8	55	-7,659939	-66,962222
38	LAFAIETE	Rural	18	98	-7,688991	-66,913262
136	LIMEIRA (RIO PURUS)	Rural	21	93	-7,707817	-66,672897
33	LOTE FORTALEZA (RIO SERUINI)	Rural	6	33	-7,726371	-66,698057
16	MACUTI	Rural	13	22	-7,704789	-67,065979
206	MALOCA (ALDEIA)	Rural	6	39		
43	MALOCA (SER.)	Rural	1	6	-7,722054	-67,109252
2	MANGUEIRAL	Urbana	174	680	-7,707749	-67,000647
109	MANHÃ	Rural	4	23	0	0
26	MARIENÊ	Rural	13	89		
209	MARIEPARI	Rural	9	69	-7,643727	-67,01134
129	MARIPUÁ (RIO PURUS)	Rural	15	76	-7,948013	-67,225979
20	MIPIRI (RIO PURUS)	Rural	16	63	-7,667145	-66,946402
42	MONTE ESCURO	Rural	5	7	-7,712879	-67,184199

59	MONTE VIDÉL	Rural	8	22	0	
100	MORADA NOVA	Rural	12	45	-7,99769	-67,253092
99	MUSSUÁ (RIO PURUS)	Rural	10	52	-7,65447624	-66,77470608
73	NOVA ESPERANÇA	Rural	6	10		
221	NOVA ESPERANÇA (MINHA CASA MINHA VIDA)	Urbana	79	165	-7,705992	-67,006281
8	NOVA FLORESTA	Rural	9	49	-7,847472	-67,082553
233	NOVA MORADA SER	Rural	6	12		
211	NOVA VIDA	Rural	8	45		
7	NOVA VISTA (ALDEIA)	Rural	28	147		
135	NOVO MUNDO I (RIO INAUINI)	Rural	8	43	0	
70	OCO DO MUNDO	Rural	19	86	-8,035235	-67,258322
222	OURO VERDE	Urbana	185	622	-7,705552	-66,997803
37	PANTANAL	Urbana	483	2415	-7,709173	-66,999267
189	PANTANAL	Urbana	395	1975		
112	PAU-BRANCO	Rural	9	79		
97	PAU-MULATO	Rural	41	211		
88	PAUMERIPÉ	Rural	2	11	-7,930936	-67,158106
78	PAURIÁ	Rural	23	118	-7,754203	-67,054414
13	PAXIUBAL	Rural	12	26	-7,699004	-67,017702
116	PELOTAS (RIO PURUS)	Rural	5	43	-7,895449	-67,204626
216	PENEDO	Rural	10	80		
86	PENERI	Rural	1	6	-7,872049	-67,120918
134	PERSEVERANÇA (RIO INAUINI)	Rural	3	0		
29	PIRIQUITO	Rural	6	5	-7,701201	-67,048354
220	PROJETO CASTANHEIRA	Rural	10	11	-7,687618	-67,102446
219	PROJETO SUCURUJU	Rural	10	25	-7,688698	-67,02363
124	QUICIÁ (RIO PURUS)	Rural	8	43	-7,557442	-66,432939
51	RAIMUNDO MALVEIRA (BURITIZAL)	Urbana	60	315	-7,705108	-67,001584
225	RECANTO -SER	Rural	7	13		
10	RIACHO DOCE (SÍTIO)	Rural	10	16	-7,716271	-67,079752
234	SACADO DO HUMAITÁ SER	Rural	6	25		
214	SANGUÁ	Rural	12	37	-7,787958	-66,980697
36	SANTA QUITÉRIA (RIO PURUS)	Rural	6	32	-7,707798	-66,717363
48	SANTA CAROLINA	Rural	10	35	-7,611725	-67,34673
82	SANTA MARIA (RIO PAUINI)	Rural	4	20	-7,212753	-68,768679
94	SANTA MARIA - II (RIO PURUS)	Rural	9	45	-7,737008	-67,003603
231	SANTA ROSA FAZ	Rural	7	13		
93	SANTA VITÓRIA	Rural	17	86	-7,816092	-67,034315
215	SANTA VITÓRIA (ALDEIA)	Rural	16	65		
30	SANTO AFONSO (FAZENDA)	Rural	4	6	-7,693953	-67,049171
190	SANTO ANTONIO (RIO INAUINI)	Rural	22	121		
208	SANTO ANTONIO DO CATIPARI	Rural	8	40		
111	SANTO ELIAS	Rural	28	136	-8,373473	-67,369462
205	SÃO BENEDITO	Rural	14	139		
110	SÃO BENTO (RIO PURUS)	Rural	17	86	-7,53692	-65,34265
98	SÃO BERNARDO	Rural	4	42		
35	SÃO FRANCISCO (BAIRRO NOVO)	Urbana	354	1771	-7,710988	-66,997124
17	SÃO FRANCISCO (RIO PURUS)	Rural	12	66		
28	SÃO FRANCISCO - I (SÍTIO)	Rural	5	32		
56	SÃO FRANCISCO - II (RIO PAUINI)	Rural	11	35	-7,660443	-66,678023
19	SÃO FRANCISCO - II (SÍTIO)	Rural	2	11	-7,706731	-67,056013
223	SÃO GERALDO - SER	Rural	12	25		
24	SÃO GERÔNIMO	Rural	16	90		
107	SÃO JOAQUIM	Rural	0	0	-7,058465	-69,149477
12	SÃO JOSÉ (ALDEIA)	Rural	32	144	-7,47115	-67,67076
77	SÃO JOSÉ (ATUCATUQUINI)	Rural	5	32	-7,447099	-68,50591
125	SÃO JOSÉ DO CATIPARI	Rural	5	44		
143	SÃO JOSÉ DO TACAQUIRI	Rural	31	221		
74	SÃO LUIS	Rural	2	9		
49	SÃO LUIZ DO MAMORIÁ	Rural	37	167	-7,568909	-66,409268
5	SÃO MIGUEL (PURUS DE CIMA)	Rural	8	42	-8,314459	-67,384509
40	SÃO MIGUEL - I (PURUS DE BAIXO)	Rural	14	73	-7,679126	-66,672606
53	SÃO PEDRO (RIO PAUINI)	Rural	3	4	-7,407515	-67,75321
57	SÃO RAIMUNDO	Rural	1	6		

204	SÃO RAIMUNDO (RIO TEUINI)	Rural	17	110	-7,684814	-65,812399
95	SÃO ROMÃO	Rural	5	69		
45	SÃO SALVADOR	Rural	3	5		
4	SÃO SEBASTIÃO	Rural	11	6		
89	SÃO SEBASTIÃO (RIO PURUS)	Rural	2	10	-7,666063	-66,691643
235	SERRA LEOA	Rural	14	27		
75	SERURI	Rural	17	97	-7,732383	-66,999098
213	SILVA SOARES (PORTELINHA)	Urbana	69	345	-7,706956	-67,002506
87	SINIBÚ - I	Rural	11	54	-8,499719	-67,416779
113	SINIBÚ - II	Rural	10	79	-8,468402	-67,388878
90	TEUINI	Rural	13	52	-7,942307	-67,228774
6	TORCIMÃO	Rural	12	81	-8,067025	-67,557504
101	TORRÕES	Rural	7	27	-7,92191	-67,227625
72	UNIÃO (ATUCATUQUINI)	Rural	1	5	-7,447099	-68,50591
121	URUCURI (RIO INAUINI)	Rural	3	1	-8,0455	-68,50172
232	VENESA - SER	Rural	5	20		
91	VERA CRUZ	Rural	17	140	-8,131733	-67,250848
236	VEREADOR JEOVÁ BRÍGIDO	Urbana	97	309		
130	VILA CÉU DO MAPIÁ	Rural	294	1305	-8,291079	-67,612542
131	VILA CÉU DO MAPIÁ - II	Rural	19	93		
66	VILA CUTIA (RIO PURUS)	Rural	2	11	-7,697158	-65,65097
114	VISTA ALEGRE (RIO PURUS)	Rural	7	39	-7,504117	-65,377935
108	VITÓRIA (RIO PURUS)	Rural	25	133	-8,538934	-67,402846
85	VOLTA GRANDE	Rural	12	42	-7,890947	-67,159402
210	YUPIÁ	Rural	17	125	-7,631677	-67,025992